

Roswell High – 01 – Mais do lado de fora (The Outsider)

Tradução: Mia - www.RoswellBrasil.com (dê os devidos créditos)

Revisão: Mia

Agradecimentos: Gustavo e Túlio

Autora: Melinda Metz

Copyright (c) 1998 by POCKET BOOKS, a division of Simon & Schuster Inc.

First published in 1998 by Archway Paperbacks

*** 1 ***

- Um Sigourney Weaver e um Will Smith - Liz Ortecho deslizou dois grandes hambúrgueres na mesa – Um com abacate e gergelim, um com pimentas jalapeno e queijo.

Então ela esperou. Os dois clientes eram obviamente turistas. E cada turista que chegava ao Crashdown Café tinha ao menos uma pergunta sobre... O Incidente Roswell.

- Então sua família é daqui? - perguntou o cara com uma blusa de Perdidos no Espaço. A mulher loura sentada do lado dele abriu a agenda e mirou Liz.

- É - disse Liz - Meu tatará-tatará-tatará-avô herdou um rancho fora da cidade. Minha família está em Roswell desde então.

A mulher tirou a tampa da sua caneta. O homem limpou sua garganta. “Lá vem”, pensou Liz.

- Então... alguns de seus parentes algum dia lhe contou algo sobre, você sabe, o acidente com o OVNI? - perguntou o homem.

“Esses dois são pirados. Aposto como eles têm cada episódio de Arquivo X gravado”, pensou Liz.

- Bom... - hesitou Liz - Eu acho que está tudo bem em mostrar a vocês - ela puxou uma antiga foto em preto e branco do seu bolso e delicadamente pôs na frente deles
- Um amigo da minha avó tirou essa foto no local do acidente... antes do governo limpar tudo.

Os dois turistas se inclinaram sobre a foto e a estudaram cuidadosamente.

- Uau - falou a mulher quase sem voz - Uau.

- Isso se parece exatamente com o alienígena do vídeo da autópsia - exclamou o homem - Mesmo formato de cabeça e corpo pequeno e sem cabelo. Eu tenho o vídeo em meu website sobre o Incidente Roswell - disse ele sobre a foto.

- Você estaria morto até o fim da semana - Liz afastou a foto - Só porque faz mais de cinquenta anos desde que o acidente aconteceu não significa que a força aérea queira a verdade exposta. Eles ainda querem que todos acreditem naquela estória de balão meteorológico que eles usavam no dia - explicou Liz.

Liz olhou ao redor do Crashdown parecendo nervosa. Ela queria ter certeza de que

seu pai não estava ali por perto. Se seu pai a ouvisse contando essa estória, ele arrancaria sua cabeça fora e a serviria para o café da manhã.

- Eu não deveria ter mostrado isso a vocês. Vamos apenas esquecer, OK? Vocês nunca viram - Liz apressou-se para trás do balcão.

Maria Deluca balançou a cabeça, os cabelos louros balançando em seu rosto.

- Você é muito má.

- Ei, eles têm uma grande estória para contar quando chegarem em casa. E eu receberei uma grande gorjeta - respondeu Liz.

Maria suspirou.

- Você e suas grandes gorjetas. Eu nunca conheci uma garçonete com tanta fome por dinheiro.

Liz respondeu indiferente: - Você sabe como me sinto. Preciso de tanto dinheiro quanto eu puder ter porque...

- Um dia depois da graduação é adeus e hasta la vista, baby - interrompeu Maria - Eu sei, eu sei. Você não vai desperdiçar seu tempo de vida numa cidade que só tem dois cinemas, um boliche, um clube idiota de comédia, um outro clube ainda mais idiota de dança e treze armadilhas para turistas aficionados por extraterrestres.

Liz tinha que sorrir. Sua melhor amiga fez uma quase perfeita impressão dela.

- Acho que falei demais, hein?

Maria pegou uma toalha de prato e começou a limpar embaixo do balcão.

- Somente umas dez vezes por dia desde a quinta série - ela zombou.

- Se eu não tivesse uns cinco mil parentes me observando o tempo todo - disse Liz - talvez eu pudesse ter uma diversão de vez em quando.

Ela suspirou, imaginando uma vida onde ela não teria que se preocupar com o que estivesse fazendo... com qualquer coisa... que faria com que a sua enorme e amada família se preocupasse com seu futuro. Ela era a primeira filha em sua família que iria para a faculdade e a família queria ter certeza que ela permaneceria na trilha. E não sairia como sua irmã, Rosa.

Liz puxou um punhado da gorjeta de seu bolso e despejou-o no contador.

- Uau - disse Maria - Quanta gorjeta. Talvez se eu tirar uma foto minha de baby doll alguém faça alguma coisa - Maria virou o nariz - Acho que eu nunca conseguiria dizer aquela coisa de 'você estaria morto até o fim da semana' sem estragar tudo.

- Apenas pratique em frente ao espelho. É isso o que eu faço - Liz disse a ela.

- Vai custar um monte de prática - queixou-se Maria - Todo mundo sempre sabe quando estou mentindo. Meu irmão de 10 anos mente melhor do que eu. Os caras

com quem a minha mãe sai nunca acreditam quando eu digo o quanto é legal estar conhecendo eles.

Liz respirou fortemente “Grande surpresa”. Ela abriu a caixa registradora com um barulhinho e trocou suas moedas por notas. Mais trinta e três dólares para a Fundação Hasta la Vista. Trinta e três dólares e 73 centavos, na verdade.

As notas de abertura do tema Close Encounters tocou quando a porta da lanchonete se abriu. Max Evans, alto e louro, olhos incrivelmente azuis e Michael Guerin, moreno e forte, dirigiram-se para a mesa do canto no fundo. Os dois eram estudantes na mesma escola de Liz e Maria.

- Claro que eles sentaram na sua sessão - murmurou Maria.

Liz e Maria cobriram cada uma das 6 mesas em formas de disco voador. Elas dividiram o restaurante em metade da entrada aos fundos, assim cada uma delas cobria duas das mesas perto da janela. Essas eram as mais populares.

- Você fica com os turistas e os bonitinhos, eu fico com aqueles dois - continuou Maria. Ela virou sua cabeça para a mesa mais próxima a porta - Estão tendo algum tipo de briga. Eles apenas me lançam olhares ameaçadores sempre que chego perto deles.

Liz olhou de relance para os dois homens no canto. Um era grande e robusto. O outro era pequeno e musculoso. Eles se inclinavam sobre a mesa chegando perto um do outro, com as vozes alteadas. Ela não podia ouvir o que estavam dizendo, mas os dois pareciam furiosos.

- Acho que você merece uma boa mesa depois de negociar com aqueles caras. Você pode ficar com Max e Michael - ofereceu Liz.

Maria estreitou seus olhos azuis.

- Certo, o que está acontecendo?

Liz envolveu Maria num abraço.

- Você é minha melhor amiga. Eu não posso fazer alguma coisa legal para você com toda bondade do meu coração?

- Não - disse Maria saindo do abraço de Liz - Eu repito. O que está acontecendo?

- Nada - insistiu Liz - Só penso em tirar umas pequenas férias de toda essa piada de testosterona.

Maria levantou uma sobrancelha.

- Traduzindo, por favor.

- Homens - explicou Liz - Estou tão cansada dessas coisas deles de... homens.

- Nem todos os caras são como o Kyle Valenti, sabe - disse Maria a ela - Tipo o

Alex. Ele é altamente legal.

Alex Manes era altamente legal. Liz nem podia acreditar que ela e Maria só são amigas dele há um ano. Ela sente como se o conhecesse desde sempre.

- Você está certa. Alex é o melhor. Mas ele não conta.

Maria franziu a testa.

- Por que não?

- Porque é o Alex - disse Liz com indiferença - Ele não é um homem-homem. Não como o Kyle. Você devia ter visto o Kyle depois do colégio hoje. Ele não vai aceitar o fato de eu não sair com ele. Ele, tipo, se ajoelhou e me seguiu pelo hall com a língua do lado de fora, implorando. Todos os amigos dele estavam vendo, sorrindo como idiotas que eles são.

Isso fez Liz desejar saber lutar Karatê. Ela poderia ter dado algo que eles realmente iriam sorrir.

- Que romântico. E toda essa classe não a convenceu de sair com ele outra vez? - a voz de Maria tinha um falso quê de choque.

- Hum... isso seria um não. E eu não vou sair com outra pessoa por um tempo, também - disse Liz - Ficarei em casa, alugo um filme, tomo banho de espumas e visto uma confortável e velha calça.

Liz olhava além disso. Para ser justa, a maioria dos caras com quem ela saiu – não que tenham sido muitos – não eram perdedores como o Kyle Valenti. Kyle realmente acha que Liz gostaria de se sentar ao lado dele no sofá e olha-lo jogar Nintendo. Ele nem a chamou para passear!

Mas mesmo com os outros caras, tinha sido aquela mesmisse sobre eles.

- Minha vida amorosa é patética - disse Liz baixinho - Só preciso de um tempo comigo mesma, para mim mesma.

- Bom, eu posso te fazer uma grande mistura de óleos de ervas para o banho - ofereceu Maria - Mas se você parar de namorar, haverá muitos garotos infelizes em Ulysses F. Olsen High.

- Tipo quem? - exigiu Liz para saber.

Maria olhou de relance para a mesa onde Max e Michael estavam sentados.

- Max Evans - falou.

- Max? - repetiu Liz - Max é meu colega. Ele não é interessado em mim desse jeito.

- Ah, por favor - disse Maria andando para trás - Como ele não pode estar interessado? Você parece algum tipo de Princesa espanhola ou algo com esse seu

cabelo longo e preto e seu corpo super bonito. E não vamos nem falar da sua pele. Você já ouviu falar em cicatriz? Além do que, você é inteligente e...

- Pára! – disse Liz levantando as duas mãos.

Maria é a pessoa mais leal que Liz conhece. Se você é amigo dela, ela ficara com você não importa o que aconteça. E Liz e Maria são amigas desde a segunda série, quando as duas cuidaram de um passarinho que havia se machucado.

- OK, eu paro - respondi Maria - Mas acredite, Max Evans é mais do que interessado. Ele deve ter as palavras Propriedade de Liz Ortecho tatuadas nas costas. Max...

- Oi, Michael! - disse Liz num tom alto enquanto Michael caminhava para perto do caixa. Ela desejou que ele não tivesse ouvido nenhuma das palavras daquela conversa.

- Hey - disse Michael passando os dedos pelos seus cabelos pretos, fazendo-os parecerem mais arrepiados - Estive imaginando se você tem alguma vaga de emprego que eu possa preencher.

Foi difícil de Liz imaginar Michael trabalhando na lanchonete, colocando as mesas e dando o troco e essas coisas. Parecia muito normal, muito comum para o Michael. Ele deveria conseguir um emprego na Marinha ou algo assim. Michael sempre vive brincando, mas há um limite definitivo para ele.

Liz alcançou os formulários pertos do caixa.

- Não temos nenhuma vaga aberta agora. Mas falarei com meu pai e tão logo alguma coisa surgir, eu te ligo.

- Ah, acho que vagas vão abrir realmente rápido - disse Michael num tom sério - A menos que seu pai goste de garçonetes que ficam por aí ao invés de irem nas mesas - e ele piscou.

Maria atirou seu pano de prato nele. Michael resmungou.

- Eu vou - disse Maria. Ela apanhou dois menus e seguiu Michael até sua mesa.

Liz deu uma espiada em Max – e a achou presa em seus brilhantes olhos azuis. Eles tinham uma forma tão incomum, estranha e bonita. Não como o azul do céu ou do oceano.

Max encarou Liz por um segundo, depois olhou para outro lugar.

Maria não estava certa sobre o Max... estava? Liz conhece Max desde a terceira série. Ele tem sido seu parceiro de laboratório desde o segundo ano. Mas eles nunca saíram juntos fora da classe. E Liz nunca sentiu nenhum tipo de vibração que indicasse que Max queria ser mais do que amigo.

Liz trocou as toalhas de limpeza. Como seria sair com o Max? Ele não era o tipo dela. Era quieto. E meio solitário.

Ele vê o mundo de um modo diferente do que as outras vêem. Ele diz coisas que fazem Liz parar e pensar. Que nem quando aqueles cientistas na escócia clonaram aquela ovelha. Um monte de gente falou sobre quem eles poderiam clonar se pudessem – cientistas, atletas ou estrelas do cinema – e se não pudessem o que significaria. Passar o tempo com o Max definitivamente não era entediante.

Liz limpou um pouco de leite que estava na caixa. Ela mexeu a garrafa de ketchup um centímetro a mais para ficar exatamente igual a garrafa de mostarda. Então ela deu outra olhada furtiva para Max.

Ninguém poderia dizer que o menino não era atraente, com certeza. Se houvesse um calendário dos mais gostosos de Ulysses F. Olsen High, Max estaria nele. Alto, louro, musculoso, com aqueles olhos... aqueles olhos azuis.

Liz sentiu sua face enrubrecer. Era esquisito pensar no Max dessa forma. Na maioria do tempo ela se esquecia o quão lindo ele era. Max era apenas o Max. Ela não podia...

- Eu não quero o dinheiro amanhã. Eu quero agora!

Uma voz furiosa interrompeu os pensamentos de Liz. Ela olhou para cima e viu que todos na lanchonete olhavam para o homem na mesa perto da porta. O homem gordo descontraía e contraía os punhos enquanto se mostrava irritado para o homem musculoso.

“Melhor eu chamar o papai na sala”, pensou. Aquilo parecia que ia ficar feio.

Liz virou-se em direção a porta que dizia “Apenas empregados”.

- Ele tem uma arma! – choramingou Maria.

Liz voltou para onde estava. Seu coração batia contra seus ossos. “Não. Ah, não”, era tudo o que ela pensava.

O cara musculoso virou a arma para a cabeça do outro.

- Você não precisará de nenhum dinheiro se estiver morto – disse ele. Tinha a voz calma. Calma e fria.

Clique.

O homem musculoso engatilhou a arma.

Liz queria correr, queria gritar por ajuda, mas estava paralisada. Sua boca se recusava a abrir. Suas pernas se recusavam a andar.

O outro homem uivou de fúria. Ele se atirou pela mesa em direção ao homem musculoso.

Um barulho de explosão invadiu o lugar.

Liz não conseguiu se sustentar. Bateu na parede atrás dela, então caiu pesadamente no chão. Ela sentiu algo quente e molhado atravessando seu estômago, ensopando seu uniforme.

- Tem sangue demais – Liz ouviu Maria chorar.

Mas ela estava tão longe dali...

Tão longe...

Max deu um pulo de onde estava lá no fundo. Instantaneamente, Michael o segurou pelo braço e o empurrou para a cadeira.

- Me solta – choramingou Max – Liz pode estar morrendo. O que você está fazendo?

- Não. O que você está fazendo? – disse Michael apertando seus dedos no braço de Max – Você está planejando curá-la aqui no meio da lanchonete? Por que você não manda um convite para o governo? “Oi, estou aqui, por que vocês não chegam aqui e me pegam?”.

Michael estava certo. Curar Liz poderia atrair atenção... muita atenção. Mas se ele a deixasse morrer, sabendo que poderia ter a curado...

Não tinha outra opção.

- Estou disposto a arriscar – disse ele à Michael.

- Você está disposto a arriscar. Mas e quanto a mim? E quanto a Isabel? – exigiu Michael.

Max olhou fixamente para baixo. Ele não respondeu. Ele não pôde responder. Ele iria arriscar sua própria vida por Liz. Mas o quanto esse risco afetaria sua irmã e seu melhor amigo?

- Se o governo tiver provas de que um de nós existe, saberão que existem mais. Eles não vão parar de procurar até nos achar... A todos nós – continuou Michael.

- Não consigo parar o sangramento! – chorou Maria detrás do balcão.

O coração de Max batia contra seus ossos. Liz estava morrendo! Ele se moveu para frente.

- Pensarei em alguma coisa. Prometo – disse rapidamente.

Antes que Michael pudesse pará-lo, Max correu até o balcão e se inclinou sobre ele. A dor invadiu seu coração enquanto ele olhava fixamente para Liz. Ele engoliu em seco.

Maria prendeu uma das toalhas no estômago de Liz. Mas nada parava o sangramento feito pelo disparo da arma.

Max ouviu o pai de Liz no telefone da cozinha dando o endereço da lanchonete para ambulância. “Eles chegarão tarde”, pensou Max. Ele sabia. Ele podia ver.

A aura de cor em torno de Liz era geralmente um quente e rico âmbar que fazia Max desejar que pudesse se envolver nele. Mas sua aura se tornou um marrom opaco e lamacento. E se tornava mais escuro a cada segundo.

Tão escuro quanto sua força de viver saindo dela mesma.

Cada aura de cada pessoa era diferente, único como uma impressão digital. Mas o único momento onde a aura de todos se torna escura é no momento da morte.

Max empurrou Maria para fora do caminho, tentando ignorar os tremores de medo que percorriam o corpo dela. Ele queria confortá-la, mas ele não poderia mais perder tempo.

Ele se ajoelhou ao lado de Liz e colocou suas mãos sobre sua ferida. Em segundos, seus dedos estavam encharcados de sangue.

“Eu a amo”, esse pensamento explodiu em sua mente. Era verdade. Ele tinha mantido esse segredo até dele mesmo. Amar uma humana não era uma coisa inteligente. Não era seguro. Mas ele não podia evitar. Ele ama Liz e não irá deixá-la morrer.

- Me deixe passar! – ele ouviu a voz do pai de Liz atrás dele – Me deixe vê-la!

Max não se mexeu. Ele não respondeu. Ele tinha que se concentrar em Liz agora. Liz era a única coisa que importava.

Ele fechou os olhos e começou respirar profundamente. Tentando fazer uma conexão.

“Pense em Liz”, ordenou ele para si mesmo “Qualquer coisa sobre ela”.

O modo como seu cabelo sempre cheirou a Jasmim. O modo como aparecia aquela covinha do lado esquerdo quando ela sorria. O modo como ela adorava contar aquelas piadas estúpidas sobre alienígenas. O modo como ela sempre o ouve com uma concentração absoluta, quando ele fala com ela.

Ahhh. Quase ele consegue. Quase ele fez a conexão. Ele só precisa chegar mais perto.

- A ambulância está quase aqui – Michael falou baixinho para ele.

Max respirou fundo outra vez.

Imagens de flashes chegavam a sua mente com velocidade. Max pôde registrar com dificuldade um, depois do outro aparecer.

Um cão de pelúcia com uma orelha mastigada. O jogo de química júnior do Mr. Wizard. Uma garotinha loura segurando um passarinho. Um carro em alta velocidade. Liz com uns cinco anos vestida com um vestido cor de rosa cheio de tortas Um cartão de mensagens. O trampolim de uma enorme piscina. O próprio rosto de Max.

E ele estava dentro. Conectado.

Ele pôde sentir o sangue de Liz saindo do corpo dela como se fosse o próprio sangue dele. Sentiu sua respiração em seus próprios pulmões. Ouviu o som do coração dela bater em suas orelhas.

“Primeiro a bala”, disse Max a si mesmo. Ele concentrou toda a sua atenção no corpo de Liz. No corpo de Liz.

Isso. Lá estava. Ele pôde sentir exatamente onde a bala estava. Conduzir. Conduzir as moléculas da bala.

Então ele foi afastando as moléculas. Essa era a única forma que ele tinha de descrever aquilo. Ele afastava as moléculas e elas se quebravam. A bala se dissolveu em partículas microscópicas. Ele agora saía rapidamente do sistema circulatório de Liz.

- A ambulância está estacionando aí na frente – Max ouviu Michael dizer.

Mas ele parecia tão distante... Tão distante...

Max se concentrou nas células somáticas de Liz. As células do seu corpo. Do seu estômago. De seus músculos e tendões. De sua pele.

E gentilmente ele comprimiu. Fez isso com sua mente. Incitando as células para que se aproximassem. Curando.

Max sentiu umas mãos em seus ombros lhe chocalhando.

- Você tem que desconectar agora, Max – ordenou Michael – A grupo da ambulância já está na porta.

E ele estava fora. Separado outra vez. Sozinho outra vez. Uma onda gelada passou por ele o fazendo estremecer. Ele soltou um suspiro tremido.

Liz abriu os olhos e o olhou.

- Eu... você...

- Eu explico tudo depois – sussurrou Max – Mas agora preciso que você me ajude.

Ele roubou uma garrafa de Ketchup do balcão e derramou por todo o chão. Ele também jogou em cima do uniforme cheio de sangue de Liz.

- Você quebrou a garrafa quando caiu – disse Max a ela – Certo, Liz? Você quebrou

a garrafa quando caiu, é só.

Um homem e uma mulher vestidos de branco se apressaram para o balcão.

- Todo mundo para trás e nos dêem espaço – disse a mulher.

Max se afastou. Será que Liz entendeu o que ele disse para ela fazer?

Liz se esforçou para se sentar.

- Estou bem – disse ela com a voz rouca – Quando ouvi o disparo, eu pulei. Então eu senti... Eu... Eu quebrei a garrafa de ketchup em cima de mim.

Ela levantou a garrafa do ketchup para todo mundo ver.

Então Liz olhou diretamente para Max, seus olhos marrons escuros o fixando com emoção. Ele sentiu sua respiração travar em seu peito.

- Estou bem – ela repetiu.

*** 2 ***

Liz não pôde parar de encarar Max. Ele lhe deu pequeno sorriso, um sorriso particular que era só para ela. “O que você fez comigo?”, pensou “Como...?”

Seu cérebro parecia estar dizendo algo, vibrações numa frequência realmente baixa. Era difícil pensar.

O paramédico se ajoelhou em frente a Liz bloqueando seu olhar para Max. “Não!”, pensou Liz se esforçando para ficar de pé. Ela precisava se manter olhando para Max nesse momento. A fazia se sentir... segura.

Deitando-se no chão, ela tinha a sensação de estar caindo rapidamente, sendo arrastada para longe da lanchonete, longe de seu pai e Maria – de tudo e todos que eram familiares. E de algum modo, Max a trouxe de volta.

- Não tente se mexer ainda – o paramédico segurou Liz pelos ombros.

Liz tentou se concentrar na estória que tinha que contar. Ela apertou os dedos contra seu uniforme, então levantou a mão para a mulher ver.

- É ketchup, como eu disse. Eu sei que parece sangue... parece um bocado de sangue...

“E tem sangue embaixo do ketchup, um bocado de sangue”, ela pensou. “Eu estava sangrando para morrer. Eu estava morrendo”. Liz ficou arrepiada. Ela passou as mãos nela mesma, mas não ajudou. Ela ainda sentia frio.

- Sei que é ketchup. Eu posso sentir o cheiro. Estou começando a ter um impulso de comer um grande prato de batatinha frita – zombou a mulher. Ela tirou uma

lanterninha do bolso e mirou nos olhos de Liz. Então ela mediu o pulso de Liz.

- Ela está bem? – perguntou o Sr. Ortecho. Ele piscava super rápido, isso era o que ele sempre fazia quando estava nervoso.

Liz sentiu o senso ultra protetor do seu pai. Ele havia sofrido muito quando Rosa teve a overdose. Por dias depois do funeral ele ficou no sofá coberto com o casaco vermelho – mesmo estando no meio do verão. E não importava quantas vezes Liz ia àquela sala, ela sempre o encontrava exatamente na mesma posição.

“Ele deve estar aterrorizado”, pensou Liz. “Sou a única filha que lhe resta”. Ela desejava que isso tivesse acontecido no dia de folga dele.

- Estou bem, Papi – respondeu ela. Ela ouviu um pequeno tremor em sua voz, mas ela pensou que conseguiu fazer um grande trabalho em tentar deixar sua voz normal. Exceto pelo fato de ter chamado seu pai de Papi. Ela não usava este nome desde quando era muito pequena.

- Não perguntei a você – disse ele repentinamente – Você é profissional? Não. Você não sabe se está bem ou não.

- Eu sou profissional e também digo que ela está bem – respondeu a mulher – Acredito que ela esteja em choque. Eu também estaria se alguém atirasse contra mim. Mas ela está bem – a mulher olhou para seu parceiro – Acho que já podemos ir.

- Obrigada – disse Liz ficando de pé. O pai dela lhe deu abraço tão forte que doeram seus ossos – Não vamos contar a mamãe o que aconteceu aqui, certo? – ela sussurrou.

- Você está brincando? Não tem chance do radar da sua mãe não pegar isso. Há um segundo atrás em que andávamos em casa, ela sabia que algo estava errado – disse ele dando um sorriso amarelado enquanto ela o soltava.

Liz passou os olhos por toda a lanchonete à procura de Max. Ela tinha que falar com ele. Ela tinha que descobrir o que ele tinha feito a ela. Mas ele já havia ido, assim como Michael.

Max parecia tão determinado quando pediu para mentir por ele, como se fosse algo realmente crítico. Se alguém desse uma olhada no chão, saberiam que aquela história do ketchup era falsa. A poça de sangue no chão parecia vermelha e brilhantemente lisa, não parecia com tomate vermelho e grosso.

- É... É melhor limpar este ketchup. Alguém pode escorregar – disse Liz apressadamente jogando a toalha amarela em cima de grandes manchas vermelhas. Ela apanhou uma esponja suja e esfregou o chão.

- Eu faço isso – disse o pai dela tomando a esponja da mão da filha.

- Vamos. Vamos ao banheiro feminino para você se limpar – disse Maria passando o braço em Liz.

- Boa idéia – Liz não sabia quanto tempo mais ela poderia agir com calma e falar sobre ketchup.

Ela girou os calcanhares com a amiga. O rosto de Maria estava pálido. Sua face rosada estava meio escura agora e as bochechas para dentro numa forma bem feia.

Antes que Liz pudesse dar mais um passo, a porta da frente balançou e o Xerife Valenti entrou. Os saltos de sua bota ecoavam em todo o chão da lanchonete enquanto ele fazia o seu percurso até o balcão.

Todo mundo na Olsen High conhecia o pai de Kyle. Ele fazia rondas praticamente toda semana. Ele parava cada um que ainda não havia completado dezoito anos e estivesse dirigindo fora do limite de velocidade. Ele aparecia em praticamente todas as festas, checando se havia algum menor bebendo.

- Recebi uma informação de que foram disparados tiros aqui – disse ele ao Sr. Ortecho – Você pode me dizer o que aconteceu?

“Ele vai fazer um bilhão de perguntas”, pensou Liz. “E se ele não acreditar naquela estória do ketchup?”, ela sentiu o coração acelerar.

- Eu estava na minha sala. Ouvi dois homens gritando, então um disparo – respondeu o Sr. Ortecho numa voz tremida – Eu corri e vi minha filha... vi minha filha caída no chão, sangrando.

- Era ketchup – disse Liz rapidamente – O disparo da arma me assustou. Pulei para trás e caí. Quebrei essa garrafa de ketchup e o ketchup se espalhou por cima de mim.

Valenti se virou para ela.

- Tem certeza? – perguntou. Ele tirou seu chapéu e Liz pôde ver a testa dele enrugado.

- Hunrrum – respondeu.

Por que ela se sentiu tão intimidada? Ele perguntou numa voz calma – ele não gritou nem nada. Era como se ele tivesse algum tipo de olhar poderoso. Ele tinha uma altura média, não era muito mais alto que Liz.

Mas tinha alguma coisa nele. Se Liz tivesse que escolher uma palavra para descrever o Xerife Valenti, seria cuidadoso. Ela teve essa sensação porque cada gesto dele era calculado. E se ele era tão cuidadoso com o que ele dizia ou fazia ele devia guardar cada detalhe das outras pessoas.

“Será que ele percebeu o quanto molhado o chão está?”, pensou ela rapidamente. “Será que se perguntou por que nós esfregamos o chão?”. Era até meio bizarro fazer isso três segundos depois de alguém ter disparado contra ela. Valenti não perguntou mais nada. Ele apenas ficou parado lá.

Será que ele acreditou na estória? Liz desejou poder ver os olhos do Xerife. Mas ele

não havia tirado os óculos de sol. Tudo o que podia ver nos óculos dele era seu próprio reflexo.

- Dois caras lá no fundo estavam brigando – disse Maria – Um era baixinho, mas não magro, mais musculoso e o outro era gordo.

- Isso! – concordou Liz – Eles estavam brigando por dinheiro, eu acho. É! Por dinheiro.

“Você está falando bobagem”, disse Liz a si mesma. Se acalma. O quanto mais você falar, mais fácil vai ser para o Valenti te pegar na mentira.

Valenti levantou uma sobrancelha.

- E então o que aconteceu?

- E então um dos caras, o baixinho, sacou a arma. O outro cara tentou tirar a arma dele aí a arma disparou – respondeu Liz.

- Vou precisar me dar uma descrição deles dois – disse Valenti tirando do bolso um pequeno bloco de anotações.

Liz se forçou a dar uma risada.

- Definitivamente – disse ela – O cara com a arma tinha um cabelo escuro e embaraçado. Ele tinha tipo um e sessenta de altura e talvez uns noventa quilos.

- Bigode, tatuagem, alguma coisa assim? – perguntou Valenti.

- Acho que não – Liz olhou de relance para Maria pedindo ajuda. Falar com o xerife a estava deixando nervosa.

- Também não lembro de nada – adicionou Maria.

- E quanto ao outro homem? – Valenti bateu seu lápis no bloco de anotações.

- Era mais alto – respondeu Maria – Talvez um e oitenta ou maior com uma barriga de cerveja.

Valenti copiava enquanto Maria continuava com a descrição. Em poucos minutos ele vai sair dali e Liz pode encontrar Max.

- Acho que é isso – disse Valenti – Eu só tenho mais uma pergunta... onde está o buraco da bala?

“O buraco da bala?”, Ai, meu Deus, Liz não tinha pensando nisso.

- Hã... deve estar na parede - ela virou-se e fingiu procurar pelo buraco.

Valenti inclinou-se sobre o balcão.

- Não vejo nada – disse ele.

Liz pôde sentir a respiração dele nas orelhas dela. Valenti estava jogando verde. “Valenti não tem como saber que você está mentindo”, disse para ela mesma. Ela virou-se para encará-lo e sacudiu os ombros.

- Talvez eu estivesse tão pirada quando vi a arma que apenas imaginei ouvir.

- Bom... a mente pode brincar com você... especialmente quando se está sob estresse – respondeu.

“Sim, ele está caindo”, pensou Liz.

- Mas seu pai também ouviu um disparo – comentou Valenti – Assim como a mulher que ligou contando o acontecido.

“Não pensei nisso também. Eu estou perdendo”, percebeu Liz. “Tenho que me calar”.

- Eu não sei o que dizer – disse Liz – Você se importa se eu for me limpar? Esse ketchup está realmente pegajoso.

- Vá em frente – respondeu o xerife – Eu sei onde lhe encontrar caso precise lhe fazer mais perguntas.

- Vamos, Maria – disse Liz puxando Maria pelo braço Ele fez o caminho para dentro da lanchonete e fechou a porta.

Liz prendeu seu cabelo em um rabo de cavalo na ponta da sua cabeça. Procurou em sua bolsa e tirou um prendedor e usou para deixar o rabo de cavalo preso em sua cabeça. De algum modo ela sempre pensa melhor quando seu cabelo está fora de seu rosto. Isso é idiota, mas é verdade.

Maria enrolou uma toalha de papel marrom e a segurou em baixo da água fria. Então ela a torceu e passou para Liz.

- Então, você quer me dizer o porquê de ter mentido para o Valenti e todo mundo? – perguntou.

Liz levou a folha de papel a sua barriga. Ela pôde sentir a água derramando em seus sapatos.

- Eu não estava mentido. – respondeu, mas sua voz soou alta e falsa.

Maria a olhou por um longo tempo.

- É, certo – ela puxou uma toalha de prato do bolso do seu uniforme – Essa coisa vermelha aqui não é ketchup. É sangue. Seu sangue, Liz. Eu estava segurando contra seu estômago. E senti o sangue *umedecer ele*.

Sua voz desceu um tom. Seus olhos marejavam.

- Eu apertei o quanto eu pude, mas não consegui fazer parar. Você estava morrendo, Liz. Eu estava vendo você morrer.

Liz segurou na borda da pia com as duas mãos. De repente ela precisou de ajuda para se manter de pé. Quando Max a pediu para mentir por ele, ela havia esquecido suas emoções e feito o que ele queria. Era como se ela tivesse uma grande bolha em volta dela, mantendo o medo do lado de fora podendo assim lidar com o seu pai, os paramédicos e o Xerife Valenti.

Mas as palavras de Maria fizeram um buraco nessa bolha. “Eu quase morri”, pensou Liz. Essas palavras se repetiam na sua cabeça. Ela afundou no chão e se enconstou na parede.

Maria sentou-se ao seu lado. Ela colocou o braço nos ombros de Liz.

- Acertou em você, não foi?

- Foi – admitiu Liz com a garganta seca e os olhos cheios de lágrimas.

- Então me diz.

Liz deu um longo suspiro.

- Max me curou. É impossível, mas ele me curou. Eu ouvi você gritando. Você parecia realmente muito longe. Então acho que apaguei ou algo assim.

Era legal dizer isso alto. Fez Liz se sentir menos louca.

- Depois o que me lembro foi sentir mãos fazendo pressão na minha barriga. Mãos quentes – continuou Liz – Foi tudo o que senti... não senti dor nem nada. Eu olhei para cima e vi o Max.

- Uau. Eu só... Uau. Ele salvou a sua vida.

- Foi, ele me salvou – respondeu Liz. Mas ela não podia acreditar. Era como se fosse um sonho ou algo parecido e parecia menos real a cada minuto que se passava. Como Max pôde curar um ferimento de arma de fogo? - Ele me disse para mentir. Disse que depois me explicaria tudo... então desapareceu.

O cheiro de ketchup misturado com sangue no uniforme de Liz a fazia sentir-se nauseada. Ela levantou-se pegou outra folha de papel e começou a passar freneticamente em seu uniforme até que o papel não podia mais absorver nada.

Maria se juntou a Liz em frente ao espelho. Limpou os olhos e deu um sorriso tremido.

- Isso era pra ser uma máscara impermeável.

- Eu não acho que eles tenham inventado impermeabilizante de lágrimas ainda – Liz cortou um pedaço da folha de papel e entregou a Maria. Maria arregalou os olhos. Ela se inclinou para Liz.

- Liz, você nem devia tentar tirar esse ketchup – disse ela apontando para a roupa de Liz – Você tem que queimar o uniforme ou algo assim. Olha.

Liz olhou para baixo e viu um pequeno buraco em sua roupa. Ela sentiu seu estômago dar voltas. Esse era o lugar para onde a bala deve ter ido. Esse era o buraco de bala que Valenti estava tentando encontrar... e apenas algumas manchas de ketchup o escondeu.

- Você está certa – disse Liz vagorosamente – Tenho que queimar isso. E essa toalha também – falou tomando a toalha coberta com sangue das mãos de Maria.

Maria continuou encarando o buraco da bala.

- Não consigo acreditar que realmente havia uma bala dentro de mim – Liz passou as mãos em si mesma.

- Mexa as mãos um minuto – disse Maria – Tem alguma coisa na sua pele. Parece que sua pele está brilhando.

Liz abaixou as mãos. A parte da pele de Liz debaixo do buraco da bala parecia um pouco esquisita... quase prateada. O que estava acontecendo?

Vagorosamente ela abriu o zíper de seu uniforme. Quando ela olhou a própria barriga, começou a sentir tonta.

Isso não estava acontecendo. Nada disso poderia estar acontecendo.

Mas estava lá, bem na sua barriga estavam duas impressões de mãos. Em cima de sua pele. As impressões das mãos de Max.

Isabel Evans tirou a gaveta de cima da sua cômoda e jogou os objetos em cima da cama. “Certo: lábios, olhos, pele, unha, perfume”, pensou. Ela pegou cada coisa que viu e arrumou no canto superior direito do colchão.

Então ela pegou todos os rimeis (creme e pó), todos os delineadores (líquido e lápis), todas as máscaras e todos os lápis de sobrancelha. Ela mudou tudo para a parte esquerda de cima da cama, então adicionou dois cílios e um frasco de colírio.

Max sempre a irrita quando ela faz isso. Ele diz que Isabel parecia uma criança dividindo os doces do Halloween em categorias... chocolate puro... chocolate com nozes... doces pesados e leves. Mas organizar sua maquiagem e suas coisas sempre acalma Isabel quando ela se sente zangada. E ela estava zangada agora. Não, mais do que zangada. Totalmente em pânico e a ponto de ficar histérica.

Se seu irmão não chegasse em casa logo, ele nunca mais teria a chance de irritá-la novamente porque Isabel o mataria. E mataria Michael também.

Um deles usou muitos os poderes... Curar, entrar nos sonhos, alguma coisa. Ela podia sentir o poder pelo ar... todos os pelinhos de seus braços e sua nuca estavam arrepiados. E o cheiro de ozônio trazido pelo vento da janela aberta... do mesmo

jeito que cheira depois de uma tempestade.

Isso significa que tem alguma coisa muito errada, porque Max e Michael nunca usam seus poderes só por usar. E sempre que Isabel usa os dela... e ela os usa muito para se divertir... os dois sempre reclamam com ela.

Alguma coisa muito grande deve ter acontecido. Alguma coisa que fez seu irmão e seu amigo arriscarem quebrar suas próprias regras. Mas essa não é a parte mais assustadora. A parte mais assustadora é que ela podia sentir o medo que os dois estão sentindo. Medo não, terror.

Isabel não podia ler nem a mente de Max, nem a de Michael. Mas ela podia sentir o que sentem sempre. A maioria das vezes ela os deixa de fora. Quem queria sentir o aborrecimento de Michael argumentando sobre seus pais adotivos ou o imenso prazer que Max sente sempre que Liz Ortecho sorri para ele?

Mas não tinha nem chance de bloquear o terror vindo dos dois agora. Seria como ignorar a erupção de um vulcão no meio de uma cidade, jogando larva para todo lado.

Isabel pegou os blushes, e cremes, e rimeis, e deliniadores (líquido e pó). Ela empurrou tudo para o canto inferior direito da cama, começou a adicionar o creme facial, então hesitou. Ela deveria limpar tudo separadamente dessa vez?

Ela não podia estar certa. Onde estão Max e Michael? Eles têm que saber que ela está ficando maluca. Isabel fez uma expressão feia. Ela odeia o modo como fica sua pele, toda cheia de ruga.

Ela ouviu um carro chegando na estrada. Finalmente! Isabel saiu do seu quarto, desceu até o hall e foi para a porta da frente. Max e Michael estavam andando a passos largos na direção de Isabel. Max evitava a olhar nos olhos. O rosto de Michael estava sério e áspero.

“Isso é ruim”, pensou Isabel. “Isso é muito ruim”.

- Onde vocês estavam? – exigiu saber Isabel num tom muito agudo.

- Para dentro – respondeu Max enquanto passava por Isabel.

- Para dentro – disse Isabel quase muda. Ela e Michael seguiram Max até dentro de casa. Isabel bateu a porta atrás deles – Certo, já estamos dentro. O que está acontecendo?

- Mamãe e papai estão em casa? – perguntou Max ignorando a pergunta dela.

- Não, hoje é o dia que eles vão para Clovis - respondeu Isabel impacientemente. O Sr. e a Sra. Evans haviam decidido expandir seu pequeno negócio de advocacia uma vez que Max e Isabel entraram para o colegial. Agora eles têm escritórios em Roswell e em Clovis, que fica à uma hora dirigindo para o Nordeste.

Max concordou com a cabeça então se dirigiu para a sala de estar com Michael andando atrás dele.

- Não fuja de mim – choramingou Isabel – Quero saber o que você fez. E não me diga que não foi nada... eu senti a vibração do poder. Eu quase caí.

O irmão não respondeu. Max caiu na cadeira. Ele encostou a cabeça em uma almofada indiana, seu rosto pálido enquanto olhava para as cores vívidas da almofada, vermelho, ouro e verde.

Ele estava deixando Isabel maluca. Max adora mandar. Ele adora dizer a ela e ao Michael o que fazer. E agora ele nem abre a boca.

Isabel virou-se para Michael

- Você me diga. Agora.

- O santo aqui usou o poder dele para curar uma vítima de arma de fogo... E ele fez isso na frente de testemunhas – disse Michael cuspiendo saliva. Sentou-se no sofá marrom, então se mexeu. Ele estava obviamente muito agitando para ficar num lugar só.

- De arma de fogo? Você tá doido? – gritou Isabel para Max. Então se voltou para Michael – Ele é seu melhor amigo... por que você não o impediu?

- Eu tentei – respondeu Michael. A expressão em seus olhos acinzentados avisava para Isabel se afastar.

- A polícia apareceu? – perguntou Isabel sua voz ficando cada vez mais alta.

- Valenti estava indo para lá, quando a gente saiu – respondeu Michael.

O estômago de Isabel revirou. O xerife Valenti a assustava. Ela fazia tudo que podia para evitá-lo se o encontrava em alguma festa. Isabel foi se assegurar de que o Xerife Valenti não estava na porta da frente. Se ele aparecesse na escola, Isabel se certificaria de estar no canto da biblioteca. E agora Max praticamente lhe deu um convite para aparecer e procurá-los.

- As testemunhas olharam para você? Você acha que eles seriam capazes de dar uma descrição legal de você?

- Eles provavelmente serão capazes de dar nomes e endereços – disse Michael.

Isabel olhou para Max.

- Me conte tudo... senão...

- Quem levou o tiro foi Liz Ortecho. Ela sabe. Fiz alguma coisa para salvá-la. Acho que Maria Deluca, a amiga dela também sabe – admitiu Max – Ela deve saber. Era ela quem tentava impedir o sangramento.

- Isso significa que Valenti virá para cá em alguns segundos – choramingou Isabel – Ele vai descobrir a verdade sobre você!

- Izzy... – começou Max.

- E não precisa ser um gênio para descobrir que se você não é daqui, sua irmã também não é – disse Isabel – Como você pôde fazer isso comigo, Max? Valenti saberá a verdade sobre nós dois. Ele vai nos mandar para alguma agência governamental e...

- Eu acho que a gente devia dar o fora daqui – interrompeu Michael – Acho que devíamos entrar no Jeep e começar a dirigir e não parar até estar fora do estado.

- Pára. Parem, está bem? – mandou Max. Ele se sentou um pouco mais reto e afastou os cabelos louros dos olhos – Liz mentiu para os paramédicos por mim. Eu disse para ela dizer que quebrou a garrafa de ketchup, que se espalhou sobre ela, e ela falou. Podemos confiar nela. E tenho certeza que Maria não seria diferente.

- Você não sabe disso – insistiu Isabel – Você colocou todos nós em perigos, Max.

- Agora você sabe como me sinto sempre quando usa seus poderes – disse Max em resposta.

- Não. Nem tente virar a coisa pra cima de mim – gritou Isabel – Você...

- Liz vai fazer um monte de perguntas – cortou Michael – O que exatamente você está planejando contar a ela?

- A verdade – respondeu Max.

- De jeito nenhum! – explodiu Michael.

Isabel encarou o irmão. Ela reconheceu aquela expressão na cara dele... Ele havia tomado uma decisão.

Lentamente, afundou-se no braço da cadeira dele. Ela tinha que encontrar um modo de fazer o irmão realmente a escutar. Ela tinha que o convencer de que o que ele estava prestes a fazer poderia destruir a todos eles.

- Max, a gente não vive na Disneylândia, OK? – disse ela baixinho – Não vivemos num lugar feliz e perfeito. Seria legal se fosse, mas simplesmente não é. Você não pode confiar em todo mundo. Não é seguro.

Max balançou a cabeça.

- Não estou falando de todo mundo. Estou falando de Liz.

- Liz e Maria, provavelmente – lembrou Isabel – Você acha que as conhece, mas não tem chance de você saber como vão reagir quando você contar que você não... não é o mesmo que elas. Elas provavelmente vão te olhar e ver uma coisa totalmente repulsiva e assustadora.

Max não respondeu. Isabel pôde ver que ele não estava convencido disso.

Ela se levantou e começou a andar. Talvez Michael estivesse certo. Talvez eles devessem dar o fora. Eles não estão seguros agora que duas humanas estão perto assim de descobrir o segredo deles.

- Você foi o que fez a regra, Max. Você nos fez jurar que nunca contaríamos a ninguém, se lembra? – perguntou Michael.

Isabel podia ver a tensão na voz dele. Ele parecia tão assustado quanto ela.

- E você estava certo – continuou Michael – porque há humanos lá fora que nos seguiriam e nos matariam se descobrissem a nossa existência.

Isabel ouviu um carro se aproximando. Ela virou-se para encarar Max.

- Está acontecendo – disse ela cuspidando saliva nele – Valenti está vindo nos pegar. O que vamos fazer?

*** 3 ***

Max deu um pulo da cadeira e correu para olhar em frente ao hall. Ele deu uma olhada rápida pela janela.

- Não é o Valenti. É a Liz. – disse ele a Isabel e Michael.

Isabel se encostou na parede e fechou os olhos. Max sentiu um pingo de preocupação... ele nunca havia visto sua irmã mais nova assim tão histérica. Mas ele não tinha tempo de lidar com ela agora. Ele tinha que se concentrar em Liz.

Ele abriu a porta antes mesmo de Liz apertar a campainha. Ela recuou de surpresa, mas se recuperou do susto rapidamente. Ela o encarou.

- Você me disse que explicaria depois. Já é depois – Liz cruzou os braços e continuou olhando para ele. Obviamente ela não iria sair sem uma explicação.

Max concordou. Ele sabia que Isabel e Michael provavelmente iriam assassiná-lo, mas o que mais ele poderia fazer? Liz deve estar mais assustada do que todos ali... ela quase morreu.

- Entre – ele falou a ela ignorando os grunhidos de Isabel – Vamos para o meu quarto. Michael e Isabel estavam indo... ver um filme.

Michael e Isabel não disseram nada para encobrir Max. Eles nem disseram nada. Eles só encaravam Liz. Se eles pudessem, estariam a atacando com raios lasers com os olhos, ele pensou. Sorte de Liz que esse era um poder que eles não tinham. Max fez o caminho para o seu quarto e fechou a porta.

- Hum... senta aí. Você quer alguma coisa para beber ou qualquer coisa? – Max pegou umas roupas sujas do chão e as atolou no guarda-roupa – Tem soda e suco e

aquele energético que Isabel gosta e deve ter outra coisa.

- Não, estou bem – Liz sentou-se na cama.

Max começou a fazer como que ia sentar perto dela, então mudou de idéia e se escorou na cômoda. Ele havia fantasiado Liz em seu quarto fazendo as mais variadas coisas, mas ele nunca imaginou uma situação como esta.

- Então – disse ela brincando com a o bracelete de prata que estava em seu pulso.

- Então – repetiu Max.

A aura de Liz estava com um brilho claro. Mas ainda não estava como o normal, aquele rico âmbar. Era um amarelo fraquinho. “Como será que ela vai ficar quando eu lhe contar a verdade sobre mim?”, pensou ele. Será que Isabel estava certa? Será que Liz vai me ver como uma coisa repulsiva e assustadora?

E se ela ficar assim, quem se importa com o resto? Quem se importa se ele vai ser capturado para algum experimento? Nada poderia ser pior do que Liz olhar para ele e ver alguma coisa assim, algo a ser temido.

Max sabia que ele tinha que dizer alguma coisa rápido, mas ele não sabia como começar.

Liz girava seu bracelete pra lá e pra cá. “Cara, ela deve estar nervosa o suficiente comigo aqui olhando para ela”, pensou Max.

- Então, hã... como é que você está se sentindo? – ele perguntou.

“Como é que você está se sentindo. Que coisa idiota de se perguntar”, pensou ele.

- Eu ainda estou um pouco abalada, acho – respondeu Liz – É normal, não é? Eu com toda essa adrenalina ao meu redor sem nada pra fazer. Como se eu tivesse bebido bem muito café...

- É – disse Max – Quando eu era uma criança, quase fui atropelado por um carro. Meu coração não parou por tipo, uma hora. Eu estava andando de bicicleta. Não sei quantos anos eu tinha, mas ainda estava na idade de achar legal aqueles cartões que...

- Max, vamos parar com isso. A gente tá falando besteira – interrompeu Liz. Ela tomou um grande suspiro, então continuou – menti para todo mundo assim como você me disse para fazer. Mas preciso saber o que realmente aconteceu.

- Certo. Você está certa. Nenhuma bobagem de agora por diante. Nada de...

- Max!

- Certo, certo. Antes de começar... não tem nenhuma chance de você acreditar naquele lance do ketchup, não é?

Liz deu uma pequena risada.

- Acho que não – disse colocando a blusa para fora da calça.

“O que ela está fazendo?”. A boca de Max ficou seca. Ele forçou sua cara para fazer uma expressão neutra.

Vagarosamente, Liz subiu a blusa, revelando a pele em sua barriga. Max soltou sua respiração com um silvo quando viu as marcas de mãos brilhantes. Suas marcas de mão.

- Não consegui isso das garrafas de ketchup – disse Liz. Ela pegou uma das mãos de Max. Então, cuidadosamente mediu-a e pôs na medida certa em sua barriga. Max prendeu o fôlego. O que ele deveria fazer? O que ela queria que ele fizesse?

Liz e Max se encararam por algum momento. Ela comparou a mão de Max com a que estava em sua barriga, posicionando cuidadosamente cada dedo no lugar.

“Será que ela sentiu que eu estava tremendo?”, ele pensou. Quando ele a estava curando, estava totalmente concentrado em dissolver a bala e fechar o ferimento. Mas agora... agora ele sentia a textura da pele de Liz, macia e lisa. Tão quente sobre a palma de sua mão.

Max sentou-se do lado de Liz. Ela continuou com a mão dele em sua barriga.

- Você fez isso comigo, Max. Você salvou minha vida. Como?

Vagarosamente ele tirou a mão de lá. Liz abaixou sua blusa.

- Não sei por onde começar – ele admitiu.

- Apenas me conte. Não importa o que seja, apenas me conte – contou Liz.

“Essa é Liz”, lembrou Max para si mesmo. Eles estão juntos em classe desde a terceira série. Se Max tivesse que escolher um humano para contar a verdade sobre ele, ele escolheria Liz. Ela realmente se importa com as coisas, com as pessoas. “Então diga”, pensou.

- Você sabe que sou adotado, certo? – ele perguntou.

- Hunrrum – esperou Liz.

- Meus pais, meus verdadeiros pais, estão mortos.

- Oh, Deus, Max. Isso é terrível – respondeu Liz – Eu não sabia. Você se lembra de alguma coisa deles?

A típica Liz. Ela já esqueceu tudo sobre ela, sobre as perguntas que queria resposta. Agora está totalmente concentrada nele.

- Não me lembro de nada deles. Gostaria de lembrar – respondeu Max – Mas eu acho... Eu acho que herdei meu poder de cura, o poder que usei em você, herdei deles.

Liz ia começar a responder, mas Max a parou. Se ele não continuasse, ele temia nunca mais contar.

- Meus pais morreram no acidente de Roswell. Eles... eles não eram humanos. E nem eu. Essa é a razão de eu poder fazer coisas, tipo, curar. Curar com as mãos.

Houve uma longa e desconfortável pausa. Liz se distanciou de Max na cama. Quando ela finalmente falou, sua voz parecia muito calma.

- Eu não sei o que você quer que eu diga – disse ela sem olhar nos olhos de Max – Devo começar com o fato de que o acidente com o OVNI supostamente aconteceu há cinquenta anos atrás... e você é tipo um velho no colegial? Então seus pais estão mortos há mais tempo que você está vivo?

Ela não acreditou nele. Max nunca considerou a possibilidade dela não acreditar nele.

- Existiam câmaras de incubação na nave e... – começou Max, mas Liz não o deixou terminar.

- Ou talvez eu deva apenas pular o grande problema da sua estória... não houve nenhum acidente em Roswell. Todas as investigações dos cientistas confirmam isso.

Liz se levantou e colocou sua jaqueta.

- Sabe, eu pensei que você confiava em mim. Achei que você iria me contar a verdade – sua voz soava fria e feias marcas vermelhas apareceram em sua aura. Max nunca a tinha visto tão zangada.

Ele deu um sinal de frustração. Ele esteve tão concentrado em como Liz iria reagir quando ele contasse a verdade que ele não havia parado para pensar na possibilidade dela não acreditar nele. Quem acreditaria nele? Era como se ele estivesse dizendo que ele era o filho do Monstro do Lago Ness ou algo assim.

Ele tinha que achar um jeito de convencê-la. Se Liz saísse por aí achando que ele havia caçoado dela, Max não sabia o que ela poderia fazer. Talvez ela decidisse contar ao xerife Valenti o que realmente aconteceu na lanchonete.

- E sobre o Coronel William Blanchard? – disse Max rapidamente sem pensar. Foi a primeira coisa que apareceu em sua cabeça – Ele era o comandante das forças aéreas. O cara era responsável por uma esquadrilha de bomba atômica, então, ele era bem respeitado. Ele disse que um disco voador havia sido descoberto.

- Eu realmente não quero ter essa conversa sobre esse grande mistério insolucionável com você nesse momento – disse Liz – Você me prometeu que me contaria tudo, e obviamente você não está fazendo isso.

Ela se virou em direção à porta.

- Eu nunca mentiria para você, Liz – disse Max desesperadamente – Me deixe provar.

- Ótimo. Você tem dois minutos. Prove.

Ele pulou da cama e agarrou o braço de Liz. Liz se afastou, mas Max a segurou.

- Você disse que queria uma prova – ele lembrou a ela.

- OK – murmurou ela cuidadosamente.

Max começou a apertar o bracelete dela, se concentrando nas moléculas de prata. Ele deu um empurrãozinho nas moléculas com sua mente. Ele queria que as moléculas se separassem, mas não muito. “Só mais um pouquinho”, pensou ele. Ele deu outro empurrão e sentiu o bracelete se transformar em líquido sobre seus dedos.

Liz se engasgou enquanto o bracelete começava a derreter em seu pulso. O metal derreteu rapidamente, deslizando pelo chão fazendo um caminho prateado. Formou uma poça redonda aos pés de Liz.

- Eu estava lhe contando a verdade, Liz - Max sussurrou – Eu juro.

Liz caiu na cadeira prateada, então olhou para o rosto de Max.

- Eu... eu tenho que ir – vagorosamente ela caminhou para a porta, como se ele fosse um animal feroz que poderia a atacar caso ela se movimentasse rapidamente.

Max sentiu sua garganta engasgar. “Ela está me olhando como se não me conhecesse”, pensou.

- Liz, espera! – ele começou.

Ela se mexeu rapidamente.

- Eu... Eu não posso – falou – Eu não... posso.

Max estava frenético. Ele tinha que arrumar um jeito de concertar as coisas. Ele não poderia a deixar sair assim.

Rapidamente ele se agachou e mergulhou as suas mãos na poça prateada, moldando isso nas suas mãos, fazendo as moléculas ficarem juntas de novo. Quando o bracelete foi refeito, ele o entregou para Liz.

“Pegue”, ele pensou. “Apenas pegue.”. “Tudo o que você tem que fazer é se mexer alguns passos na minha direção.”.

Liz abriu a boca, então a fechou. Ela se virou e fechou a porta.

Max ficou olhando para o bracelete em suas mãos. Ele andou rapidamente para sua cômoda e abriu a gaveta de baixo. Delicadamente colocou o bracelete no fundo da gaveta e o cobriu com roupas.

Ele não queria olhar para aquilo de novo. Ele não queria se lembrar do modo como Liz o olhou quando ela finalmente descobriu o que ele realmente era.

Liz tentou colocar a chave na ignição, mas suas mãos tremiam muito.

- Vamos lá, vamos lá – sussurrou ela. Ela não queria estar ali caso Max decidisse a seguir.

Ela usou a outra mão para ajudar a guiar a chave no lugar certo. O carro deu uma pequena guinada enquanto ela arrancava em direção as ruas.

Quando ela chegou à esquina, virou para a esquerda em vez de virar à direita. Estava indo direto para a casa de Maria. Ela não poderia ir para casa ainda. Seus pais iriam começar a cair em cima dela e Liz estava com medo de que pudesse soltar tudo para eles.

Sua mãe provavelmente iria insistir que ela fosse ao médico e seu pai era totalmente um cumpridor de leis, ele nem atravessava a rua sem observar as regras de cruzamento - então ele iria fazer Liz ligar para o xerife Valenti e dizer a ele exatamente o que aconteceu. Liz não estava pronta para fazer isso.

Ela não sabia o que queria fazer. Pensar em Max fazia seu cérebro congelar, como um computador tentando fazer um download de um arquivo que é muito grande.

Liz virou a esquerda outra vez. Ela dirigiu tantas vezes para a casa de Maria que ela poderia fazer isso em piloto automático. Ela aumentou a velocidade enquanto descia a rua.

Sinal vermelho, ela disse a si mesma enquanto se aproximava do cruzamento. Sinal vermelho! Mas a mensagem não chegou tão rapidamente em seu cérebro e ela dirigiu em linha reta sem parar. Ouviu um carro buzinar irritadamente ao seu lado.

- Desculpe! – sussurrou Liz – Me desculpe, me desculpe – lágrimas enchiam seus olhos, embaçando a vista da estrada em sua frente. Mergulhada em um profundo suspiro, ela virou rapidamente sobre a calçada e parou. Seu coração batendo em seus ouvidos. Estava batendo tão forte que ela podia sentir nas pontas dos dedos enquanto ela virava o volante com as duas mãos. Então, vagarosamente deixou o ar sair em outro suspiro.

“Okay, apenas se acalme”, pensou. A casa de Maria está apenas há alguns quarteirões daqui. Liz verificou o espelho retrovisor de dentro e de fora do carro. Ela olhou por trás dos seus ombros e verificou a traseira do carro, então vagarosamente, deu ré na rua.

Ela estava tão concentrada em dirigir como estava no mesmo dia em que tirou sua carteira de motorista. Ela se certificava que estava exatamente no limite de velocidade permitida, nem um centímetro a mais ou a menos. Parou bem onde deveria parar no outro sinal vermelho. Deu o sinal de que iria virar cedo o suficiente... nem tão cedo... quando ela chegou na rua de Maria e estacionou

perfeitamente em frente a casa da amiga.

“Consegui”, ela pensou. Pulou do carro e rapidamente seguiu em frente. Tocou a campainha, esperou um segundo e tocou novamente.

- Você poderia estar aqui dois minutos atrás – disse Maria quando abriu a porta. Ela fez o caminho até a sala de estar e continuou falando - Minha mãe acabou de sair com um cara que parecia tipo um RockStar. Eu disse a ela que ela poderia mudar, mas é obvio que ela não me escuta. Talvez se você estivesse...

- Eu falei com Max – interrompeu Liz.

- Você parece terrível – exclamou Maria – Desculpe. Eu nem percebi... eu estava nesse estado de falar-sem-parar. O que aconteceu? O que ele disse?

Liz sentou-se no sofá estufado. Não tinha outro modo de contar a ela, então ela apenas disse:

- Ele disse que era um alienígena.

Maria se engasgou num sorrisinho.

- Estou falando sério.

Maria sorriu mais alto.

- Ele... Ele tem uma antena? – ela perguntou tentando se agüentar. Ela pulou no sofá ao lado de Liz e começou a rir histericamente.

Liz esperou. Quando Maria começava a ter ataques de risos, era realmente difícil de parar.

- Ele te deixou ver arma à laser dele? – Maria ria tão alto que fazia um barulho esquisito que a fazia sorrir ainda mais. Ela ficou vermelha e com lágrimas nos olhos.

Finalmente ela percebeu que Liz não estava rindo também.

- Opa. Me desculpe – ela deu uma última risadinha – Então ela se sentou corretamente e enxugou os olhos com uma das almofadas. Me conte exatamente o que aconteceu.

- Eu já contei – Ela se apressou antes que Maria começasse a rir novamente – Pense um instante. Você disse que eu estava quase morrendo, que o sangue estava jorrando de mim. Max me curou. Ele fechou o ferimento apenas me tocando. Que humano poderia fazer isso?

Maria encarou Liz, atônita. “Ao menos ela sabe que estou falando sério”, pensou Liz.

- Eu sei que parece loucura. Eu achei que Max estava brincando comigo quando me disse isso. Achei que ele estava tentando me enrolar. Mas ele tocou meu bracelete de prata e o bracelete derreteu.

Maria tinha os olhos arregalados e congelados.

- Você sabe a que temperatura precisa estar para a prata se derreter? – perguntou Liz, sua voz alteando – Novecentos e sessenta e um graus Celsius. E o bracelete nem ficou quente. Eu nem senti aquecer. É impossível! Deveria ser impossível, mas Max fez – Ela caiu no sofá, pressionando seu pulso - não tinha nenhuma marca vermelha ou nada onde estava o bracelete.

- Eu... Eu acho que nós duas precisamos do meu chá especial anti-estresse – disse Maria. Ela se levantou e se dirigiu a cozinha sem falar mais nada. Liz a seguiu.

- Você está bem?

- Hunrrum. Sim. Definitivamente – Maria agarrou o copo de chá e colocou perto dela. Abriu a torneira e a deixou encher o copo até derramar por todos os lados. Maria encarou o copo, ela piscou.

Liz afastou o pote dela.

- Vamos apenas nos sentar. A gente tá muito pirada pra fazer qualquer outra coisa.

- Você está certa – Maria sentou-se numa das cadeiras da cozinha e Liz sentou-se em outra ao seu lado – E o que fazemos agora?

- Não sei – respondeu Liz – Não sei por onde começar. Não é como se eu pudesse entrar na internet e procurar sobre a cultura e crenças dos alienígenas do planeta de Max. Digo... eu não sei se eles... Se a espécie de Max... se eles só querem viver aqui conosco ou se querem nos pegar e nos capturar.

Uma evidência clara, era isso que ela queria, do tipo das coisas que ela recolhe quando vai fazer algum experimento biológico. Era isso o que ela amava sobre Ciência... todos os fatos absolutos. Era certo que havia provas que existia alguma ordem no universo, algumas regras que deviam ser seguidas.

Depois do que aconteceu hoje, ela não sabia mais onde as regras estavam. E isso a assustava.

- Você se lembra do final de ET? – Maria perguntou de repente – Como aqueles caras do governo estavam vindo para levá-lo embora?

Liz fez que sim com a cabeça, seus pensamentos continuavam num mundo onde a tabela periódica não se aplicava mais.

- Você acha que isso aconteceria com Max se nós dissermos a verdade sobre ele para as pessoas? – continuou Maria.

- Eu não sei – admitiu Liz – Eu duvido que as pessoas fossem agir tipo ‘Oh, um alienígena, que interessante’. Tem gente lá fora que iria querer estudá-lo, fazer testes nele. Eles poderiam trancar Max pelo resto da sua vida ou até mesmo...

Liz não pôde dizer.

- Ou até matar ele – terminou Maria por ela.

Liz teve um flash de Max no chão frio. Ela sentiu uma onda de emoções que iam além de qualquer fato. Ela não pode deixar que isso aconteça. Ela não pode deixar Max morrer.

- Não podemos dizer a verdade para ninguém – disse ela a Maria.

- Nunca – repetiu Maria – Espera. E o Alex? A gente pode contar para ele?

- Maria, não! Não podemos contar para ninguém!

Liz desejou que as duas pudessem contar a Alex. Ela confia totalmente nele, e as duas contavam praticamente tudo a ele. Mas o segredo de Max era como um vírus mortal... tinha que ser guardado ou alguém poderia morrer. Max poderia morrer. Maria mirou uma sujeira no chão.

- Então, hum, como você acha que Max realmente parece?

- O que você quer dizer?

- Quero dizer, quais as chances de que do planeta que ele veio ele se pareça exatamente como um humano? Você não acha que a aparência de Max é tipo um disfarce?

Liz não soube responder. Max era apenas Max. Ela não estava acostumada a pensar nele como algum tipo de criatura.

Maria ficou de pé e caminhou para a pia. Ela ajustou o pote de chá no fogão.

- Fico imaginando se ele pode comer a mesma comida que a gente come. Eu vi aquele filme que os alienígenas só comiam carne em decomposição... você sabe, onde as bactérias e os insetos fazem a maior parte de sua digestão.

Liz observava Maria derramar chá em pequenas tigelas prateadas. Ela não podia acreditar no modo como sua amiga falava de Max. Elas o conhecem desde sempre, mas Maria estava falando dele como se ele fosse alguma coisa do Discovery Channel.

- Talvez ele seja que nem uma mosca. Talvez ele vomite alguns tipos de ácidos na comida aí... slurp. Suga tudo. O que você acha? Você é a guru da ciência.

- Por Deus, Maria – disse Liz com a voz fraca.

Maria não a escutou. Ela continuava falando.

– Você acha que ele vê os humanos como alguma forma de vida inferior? Como se a gente fosse apenas um monte de carne para ele?

Max sempre escolhia Maria para jogar no time dele de Softball na sexta série... ele a escolhia primeiro, mesmo ela sendo uma das piores jogadoras. Ele fez Paula Perry

parar de encher o saco de Maria no nosso primeiro ano colegial. Ele não disse a sua companhia de seguro do carro que Maria havia batido o carro dele no estacionamento do colégio o ano passado.

“Era como se ela tivesse esquecido todas as coisas legais que ele fez por ela... e por metade das pessoas no colégio”, pensou Liz. “Agora é só o garoto alienígena”.

Ela não podia imaginar como foi difícil para Max contar a verdade sobre ele para ela. Ele provavelmente pensou que ela iria tratá-lo como alguma espécie de aberração.

- E eu tratei – percebeu Liz – Eu praticamente corri do quarto dele.

Ela tremia enquanto imaginava os olhos de Max. A dor e a humilhação que ela sentiu naqueles olhos tão lindos, enquanto ela se afastava dele.

- Eu nunca o agradei por ter salvado a minha vida.

*** 4 ***

“Qual é, Max”, pensou Michael. “Me tire daqui.”

Ele escutou o barulho do Jeep de Max na esquina. Isso! Ele não poderia ficar nessa casa nem mais um segundo. Michael virou em direção a porta da frente, encolhendo os ombros na sua jaqueta enquanto andava.

- Espere aí – Sr. Hughes chamou enquanto Michael passava pela cozinha – O quintal está parecendo uma selva. Quero que o limpe antes que vá a qualquer lugar.

- Vai escurecer daqui a meia hora – protestou Michael.

O Sr. Hughes lhe deu um falso sorriso. Michael odiava quando ele fazia isso.

- Então você tem que apressar, não é?

Michael não queria discutir com esse cara. Não ia valer a pena. Ele fez força para manter a voz calma.

- Por que você não me pediu para fazer isso pela manhã, no começo da tarde ou uma hora mais cedo? Max está lá fora me esperando.

- Bom, ele continuará esperando. E me avise quando terminar. Quero ver o que fez antes de você ir a qualquer lugar.

Michael odiava o modo como o Sr. Hughes estava sempre fazendo esses joguinhos dele. Hughes não dava a mínima para o quintal. Aquele velho caminhão verde dele estava muito longe desde que Michael se mudou. Isso tinha destruído totalmente toda a grama, mas ele não se importava. Hughes só se importava em mostrar a Michael quem estava no comando.

“Ao menos daqui a um ano vou completar dezoito anos”, pensou Michael. “Então vou dar o fora daqui. Sem essa de pais adotivos. Sem mais essa de ficar dizendo que esse bando de estranhos são a minha família”.

- Tudo bem. Eu corto a grama do quintal – disse Michael em voz baixa. Ele caminhou para a porta da frente e fechou a porta sem fazer barulho atrás dele. Ele andou até o Jeep de Max para dizer que ele tinha que o esperar.

Mas quando se aproximou do Jeep, ele desistiu. Esqueça o Hughes. Esqueça aquelas pessoas do serviço social, pessoas que pensam que o prendendo ali na casa de estranhos significava que ele estava sendo bem cuidado. Ele não podia lidar com isso essa noite. Ele não podia ficar lá no quintal enquanto o Hughes inspecionava seu trabalho e encontrava uma porção de pequenas coisas que Michael havia esquecido ou feito errado.

Ele pulou para dentro do Jeep.

– Vai nessa – ordenou.

Max não fez nenhuma pergunta. Ele apenas acelerou rua abaixo, passando pelas casas bonitas com pátios bem cuidados do lado do sul.

Michael morou em cada vizinhança da cidade – da rua de baixo perto da antiga base militar até o distrito histórico que tinham grandes casas e grandes árvores. Morar num distrito histórico era legal. Ele não ligava para as casas bonitas, mas ele gostava de viver perto de Max e Isabel.

- Para onde vamos? – perguntou Max enquanto se dirigiam para fora da cidade, quilômetros e quilômetros de deserto fazendo caminho em frente deles

- Quero tentar aquele arroio que vimos quando estávamos voltando na semana passada – Michael tirou um mapa de seu bolso. Ele abriu um dos compartimentos do carro, pegou um lápis e começou a circular as áreas que planejava visitar esta noite. Eram quase seis milhas fora de Roswell e há 50 milhas perto do lugar do acidente.

Max o olhou de relance.

- Mais alguns anos e você terá metade do Novo México circulado aí.

- Não exatamente - respondeu Michael. Eles tinham andando por um bocado de chão todos esses anos. Mas Michael queria mais. Ele desejava que pudesse procurar todos os dias, o dia todo, em vez de uma vez por semana.

- Faz tempo que encontramos alguma coisa. Talvez estejamos indo muito longe do local do acidente – disse Max.

- Talvez estejamos muito longe para achar destroços, mas continuo pensando que a nave está escondida em algum lugar do deserto, nada mais do que algumas horas dirigindo do lugar do acidente - respondeu Michael – Eles não iriam querer arriscar deixar muito longe. Muitas pessoas teriam que ser envolvidas. Haveria muitas

perguntas.

Max deu um grunhido incomum. Michael sabia que Max duvidava que eles algum dia pudessem encontrar a nave. E Isabel continuava dizendo que os dois eram bobos por ficar procurando. Ela desistiu de procurar faz muito tempo. Mas Michael nunca iria desistir. E Max iria continuar indo ao deserto com ele toda semana enquanto Michael quisesse. Michael podia contar com Max. Sempre pôde e sempre poderá.

Michael aumentou o volume do rádio. Ele não estava com muita vontade de falar e parecia que Max também não estava. Ele estava provavelmente pensando em Liz.

Michael não sabia o que a garota havia dito para Max quando os dois estavam sozinhos no quarto dele, mas o que quer que tenha sido tinha acabado totalmente com ele. Depois que ela saiu, Max disse a Michael e Isabel que Liz iria manter o segredo deles. Ele os prometeu que eles não estavam em perigo. Mas Max não parecia feliz ou para cima, parecia como se tivesse levado um soco na barriga.

Liz não conseguiu lidar com a verdade. Michael estava certo. Ela deve ter o tratado como uma espécie de aberração.

"Nós não pertencemos um ao outro", pensou. Nunca vamos nos entender. Ele nunca iria se sentir bem morando aqui. E esse é o motivo de achar um jeito de sair. Ele acharia a nave para voltar ao seu planeta de origem, seu verdadeiro lar, custe o que custar. Talvez ele tenha algum parente lá.

Michael assistia o sol descer mais e mais, deixando o céu com uma coloração rosa e laranja. Vagarosamente, a cor foi ficando escura até ficar totalmente noite e as estrelas começarem a aparecer.

Ele desejou que pudesse ser noite o tempo inteiro. À noite, de alguma maneira, ele sentia que seu planeta natal estava mais perto, bem perto, lá em cima, atrás das estrelas em algum lugar. Pela noite ele sentia que poderia achar a nave, que poderia achar o caminho de volta para casa.

Ao dia... às vezes durante o dia parecia que não havia esperança. Parecia que não tinha nada lá em cima. Parecia que não existia uma casa para que ele pudesse voltar.

- Estamos chegando no arroio - disse Max - Você quer dirigir ou ir andando?

- Andando - Michael precisava relaxar. Ele imaginou que depois de uma longa caminhada, ele estaria pronto para voltar e ver o Sr. Hughes sem querer lhe dar um soco na cara.

Max estacionou o Jeep. Michael pulou para fora e escorregou um pouco, recuou um pouco ao lado do arroio. Ele pôde ouvir Max caminhando atrás dele. Quando Michael chegou na ponta, ele se virou devagar fazendo um círculo. Observando atentamente as paredes e o chão do arroio. Ele não sabia exatamente o que procurava. Apenas algo diferente.

Outra coisa que Michael gostava quando estava de noite era como ele poderia ver as coisas mais claramente. Sua visão era melhor a noite do que de dia. Fazia com

que as procuras noturnas durante a semana fossem mais fáceis. Ter a vantagem sobre qualquer humano curioso que aparecesse era um bônus também.

- Eu vou em direção ao sul e você ao norte? - perguntou Max.

Michael balançou a cabeça e foi para o Norte. "Temos que achar alguma coisa", ele pensou. Faz muito tempo. Faz quase um ano que Max achou uma parte fina de um metal flexível que os dois imaginaram ser da parte da nave dos pais deles. Tinha que ser. Não era parecido com nada que eles já viram. Se você o pressionasse, ele imediatamente voltava ao seu estado normal. Era indestrutível. Michael tentou cortá-lo com tesouras, para podá-lo. Ele até tentou incendia-lo uma vez. Mas o metal, se é que é metal, sempre retornava a sua forma original, sem nenhum dano.

O som de um bando de carneiros berrando interrompeu os pensamentos de Michael. Ele ficou quieto escutando. Tinha alguém ali? Alguém espantou os carneiros?

Os carneiros ficaram quietos outra vez. Agora tudo o que Michael podia ouvir era o som de sua própria respiração e o pequeno barulho das garras de um lagarto enquanto ele atravessava uma rocha. "Acho que não foi nada", decidiu Michael.

Ele tirou uma garrafa de plástico do seu bolso de trás e deu um gole de sua soda com molho quente. Ele sabia que isso faria os humanos vomitarem, mas ele imagina que seu paladar funciona diferentemente, porque ele poderia beber isso o dia inteiro. Ele caminhou mais para frente.

Quando era criança, todas as vezes que iam ao deserto, ele ficava positivo sobre achar a nave. Ele pensava que iria apenas subir na nave e voar com Max e Isabel para casa. Ele tinha certeza de que de alguma forma ele sabia exatamente como funcionava os controles da nave.

Então dois anos depois, ele viu aquele velho filme do Super-Homem na TV em que tinha uma cena que o Super-homem achava um cristal que mostrava um holograma do seu pai morto e ele guardou toda aquela fala com ele.

Por muito tempo Michael tinha a esperança de encontrar algo como aquele cristal. Algo que pelo menos mostrasse o rosto de seu pai.

Mas ele cresceu e nunca achou nada que o dissesse quem ele realmente era. Agora tudo o que Michael queria era uma dica, uma pista. Algo que o guiasse para o próximo lugar a procurar. Qualquer coisa que o fizesse manter a esperança.

Ele caminhava sem parar, estudando cada rocha, cada fenda. Ele não achou se quer um papel de chiclete quando ouviu Max assobiar alto. O sinal que deveriam voltar.

Max já estava sentado no banco do motorista quando Michael apareceu na ponta do arroio. Michael nem perguntou se Max havia encontrado alguma coisa. Ele já sabia a resposta.

- Me deixa na caverna na volta, okay? – perguntou Michael quando subiu no Jeep – Acho que vou dormir lá.

Max concordou e fez a volta com o Jeep em direção a cidade. A caverna ficava a quase 20 milhas fora de Roswell, mais perto da cidade do que do local do acidente. Michael passou mais tempo na caverna do que com qualquer um de seus pais adotivos. Era um lugar especial... O primeiro lugar que ele viu quando saiu das câmaras de incubação. Ele devia ter uns sete anos... Ao menos ele parecia uma criança humana de sete anos, entretanto, ele passou cerca de 40 anos nas câmaras de incubação. Ele queria ficar na caverna para sempre. O deserto lá fora parecia muito grande e luminoso para ele.

Ele se sentia seguro naquela luz fraca com aquelas paredes de pedra ao redor dele.

Michael passou dias aconchegado perto da câmara fechada... que foi a que Max e Isabel compartilharam, mas ele não sabia disso, então.. ele fazia força contra a superfície quente. Os sussurros que ele escutava dentro da câmara faziam companhia a ele.

Finalmente, a sede e a fome o levaram para o deserto. Um vaqueiro local o encontrou bebendo da mesma água que os carneiros bebiam. O homem o viu e Michael foi levado para o orfanato. Lugar onde ele conheceria seu primeiro pai adotivo.

Só demorou uma semana para ele aprender Inglês. Menos que isso para Matemática. O pessoal do serviço social calculou que ele estava na quinta série quando o levaram para o Roswell Elementary. Eles nunca poderiam imaginar porque ele não se lembrava de seus pais ou de onde ele era.

Michael ainda se lembra do dia em que Max levou um pedaço da pedra Ametista para mostrar a classe. Ele havia dito que gostava porque era a mesma cor que rodeava a aura do seu professor, Sr. Tollifson. Todas as outras crianças sorriram e o Sr. Tollifson disse que era legal Max ter uma imaginação tão boa.

E Michael teve essa incrível e alegre percepção de que ele não estava mais sozinho. Alguém mais podia ver o que ele via.

- O sr. Cuddihy não vai ficar feliz se os Hughes disserem que você passou a noite fora outra vez - Max comentou enquanto eles dirigiam-se pela rua vazia.

- O sr. Cuddihy nunca está feliz - respondeu Michael – Seu trabalho social teria que acabar. E se os Hugheses fizerem um barulho muito grande sobre isso, o sr. Cuddihy irá provavelmente começar a procurar o pai adotivo número 11. Seu trabalho social também teria que lidar com isso.

- Você pode ir para casa comigo - se voluntariou Max - Meu pais não ligam.

- Nam. Eu me sinto como se fosse eu mesmo – respondeu Michael.

Ele não se preocupava em ficar toda a noite na casa dos Evans. Mas ele não queria estar lá para o café da manhã. O Sr. Evans era sempre tão agradável. Ela iria fazer um monte de pergunta sobre a escola e as coisas. E o sr. Evans iria ler os quadrinhos bem alto fazendo aquela voz de pateta. Era muito "família" para Michael ter que lidar.

Às vezes Michael imaginava como sua vida seria se ele tivesse sido encontrado pelos Evans ao invés daquele vaqueiro. Se ele apenas estivesse em um lugar diferente, numa hora diferente ele poderia ter a mesma vida que Max e Isabel, crescendo com pais que o amassem.

“Nem pense nisso”, pensou Michael “É deprimente”.

- Tem certeza de que não quer ir para casa comigo? - perguntou Max – Minha mãe provavelmente vai te fazer panquecas de blueberry, e a gente tem aquela mostarda marrom que você gosta.

Michael sacudiu a cabeça negativamente. Ele se acostumou a ser sozinho agora. Ele era bom nisso. Não fazia sentido se acostumar com algo que iria simplesmente ser tirado de você.

Isabel puxou a gaveta de cima do sua cômoda e fixou o olhar lá dentro. Sua maquiagem estava perfeitamente organizada por utilidade, marca e cor. “Talvez eu deva fazer combinações do blush, sombra, batom e unhas postiças”, pensou ela. “Aí eu vou poder tirar qualquer coisa que combine com qualquer coisa que eu esteja usando e...”

“Não. Não mesmo.” Isabel gentilmente fechou a gaveta.

Ela tinha que parar de ficar pensando em toda essa coisa com Liz Ortecho. Se ela não se ligasse, ela iria organizar seus sapatos por salto, tamanho e largura e passar os dias da semana nas suas calças.

“Okay, taí o que vou fazer”, decidiu Isabel. “Se eu ao menos imaginar que a Liz vai abrir aquela bocona, eu entro nos sonhos dela e acho uma forma de deixá-la louca. Ela pode passar o resto da vida dela num hospício, balbuciando algo sobre alienígenas. Ninguém dará atenção a ela.”

Isabel se esticou na cama e sorriu. “Pobre Liz, Posso até vê-la agora. Ela terá até que fazer algum tratamento de choque.”

Agora que ela tinha esse probleminha resolvido, era tempo de decidir algo realmente importante. O que usar no baile de homecoming. Isabel planejava se tornar rainha do baile e ela queria parecer bem. Bom, ela sempre parece bem. Mas ela queria parecer bem.

Isabel pegou uma revista de sua cabeceira e começou a folheá-la. “Definitivamente tem esse frufu cor de rosa”, pensou. “A garota parece que foi comprar coisas depois de ter uma overdose de Prozac. Parecer tão feliz assim simplesmente não é atraente.”

- E não também para esse laço rosa pra incrementar o sutiã. Não, não, não. Alguém ligue pra 1-800 Vai Ricki – resmungou ela – Eu tenho uma candidata para o “Minha melhor amiga foi para o baile de homecoming vestido como se fosse uma bêbada.” – Ela jogou a revista no chão e pegou uma revista de filmes. Ela estudou a foto de

uma estrela de um filme britânico em alguma premiere usando um vestido azul gelo. Simples. Sexy. E, ah, tão Isabel.

Ele iria às compras amanhã. Tudo o que ela tinha que fazer era pedir o Cartão de créditos ao seu pai. Faz alguns meses desde a última vez que ela pediu. E o baile homecoming era um evento muito importante na vida de uma garota. Ele entenderia isso.

Isabel deu uma olhada no relógio – 2h da manhã. Ela já teve as duas horas de sono de que precisava, e tinha horas e horas para se preparar antes que estivesse pronta para ir ao colégio. Ela procurou o controle remoto, então mudou de idéia. Programação de madrugada da TV era horrível. Ela já havia visto cada comercial umas cem vezes. Se ao menos os humanos não precisassem dormir tanto, poderia haver uma boa programação à noite.

Ela poderia ver o que Max estava fazendo ou ligar para Michael. Mas eles provavelmente iam começar a falar sobre Liz e Isabel não estava com bom humor.

Isabel olhou o relógio novamente. Todos os caras em Roswell devem estar dormindo agora. Ela podia entrar em algum sonho e ter a certeza de que ela ganharia os votos necessários que precisava para ser eleita a Rainha do Baile. Não que houvesse alguma dúvida, mas Isabel era tipo caloura e normalmente as Rainhas do Baile não são. Além do que, era alguma coisa para fazer.

Ela fechou os olhos e fez com que sua respiração se tornasse lenta e calma. Anos de prática faziam com que ela entrasse com sutileza num estado entre o “dormindo” e o “acordado”, um lugar onde os sonhos cintilantes orbitavam visivelmente.

Ela nunca se cansava de assistir as órbitas dos sonhos ao seu redor, como enormes bolhas de sabão explodindo sendo tocadas por uma varinha mágica. Cada órbita soltava uma nota clara de música, e Isabel passava muitas horas comparando as pessoas que ela conhecia com o som da órbita dos sonhos delas.

“Quem devo escolher esta noite? Hummm. Acho que é a vez do Alex Manes”, ela decidiu. Ela escutou o som da órbita do sonho de Alex, um som tão rico, ela quase pôde prová-lo. Sim, e lá estava ela.

Isabel esticou seus braços e começou a sussurrar chamando a órbita para ela. A órbita girava em suas mãos e ela olhava para ela, sentindo-se como um cigano olhando uma bola de cristal. Dentro da órbita ela pôde ver uma versão em miniatura de uma das entradas do colégio Ulysses F. Olsen High. Alex estava sonhando com a escola. Que divertido.

Ela sussurrou mais alto e a órbita se expandiu. Quando atingiu a largura suficiente, ela caminhou para dentro, a superfície da frágil bolha de sabão contra sua pele.

Alex deve ter uma memória visual boa, ela pensou. A escola do sonho dele era bem parecida.

Ela deu um sorriso amarelo e correu pelo hall atrás dela.

- A prova final de cálculo não pode ser hoje! – choramingou Alex – Estamos em Outubro! Eu não estudei.

- A prova final não é hoje – disse Isabel calmamente.

Alex deu a volta para encará-la. Seu cabelo estava todo bagunçado, como se ele tivesse corrido nervosamente seus dedos sobre eles.

- Você tem certeza? Eu acabei de ver o Sr. O'Brien e ele falou que o teste já começou. Ele disse que estava tirando 10 pontos de cada segundo que eu me atrasasse.

- Ele estava te testando. A única coisa que você está atrasado é o Baile do Homecoming – Isabel o pegou pela mão e o levou até o ginásio. Ele não fez nenhuma pergunta. Ela adorava o modo como era fácil convencer as pessoas sobre coisas em seus sonhos.

Isabel abriu a grande porta dupla da quadra de esportes. Um refletor foi posto em cima dela e de Alex e coroas apareceram em suas cabeças.

- Você pode acreditar que ganhamos? – perguntou Isabel – Fomos eleitos Rainha e Rei do baile. Acho que nós temos que dançar.

- Ah, sério? Você e eu? – piscou Alex com a luz do refletor.

- Você e eu – Isabel colocou seus braços em volta do pescoço de Alex e deixou sua cabeça cair no ombro dele. “Ótimo”, ela pensou. “Exatamente a altura certa. E ele é cheiroso”. Isabel geralmente gosta de um pouco mais de músculos. Barriga tanquinho e pernas fortes. Mas o corpo magro de Alex era...hummmm.

“Você está aqui para trabalhar, não para se divertir”, ela lembrou a si mesma. Ela levantou a cabeça e o encarou – o significado universal para “me beije”.

Alex se curvou para os lábios dela. Ele estava bem perto. Ela podia sentir seu hálito quente em seu rosto, então...

Ela saiu da órbita. Seus lábios formando um sorriso de satisfação. “Esse é um novo voto para mim”, ela pensou. Ela adorava jogar com a mente deles.

*** 5 ***

- Cheire isto – Maria empurrou uma garrafinha em baixo do nariz de Liz – É cedra. É realmente tranqüilizante. Você vai se sentir paz.

Liz, obedientemente cheirou, mas ela não pensava em nada que a faria se sentir menos nervosa sobre ver o Max. Como ela iria o encarar cara-a-cara depois de ela ter deixado a casa dele daquele jeito? O que ela iria dizer a ele?

- Se sente melhor? – perguntou Maria.

- Um pouquinho, eu acho – mentiu Liz. Se ela dissesse não, Maria simplesmente a faria cheirar alguma outra coisa. Maria era totalmente adepta a aromaterapia e ela definitivamente queria converter Liz a tal.

- Agora que eu sei a verdade sobre Max, eu... – Liz parou repentinamente quando Alex deixou cair ao lado delas dois pedaços de pizza, um bolinho, uma sacola de carne de porco frita e uma soda de laranja que balançava na mão dele.

Alex deu uma olhada de Liz para Maria então voltou para Liz.

- OK, que tá acontecendo? Vocês duas estão com cara de culpadas.

- ãh...ãh... nós estávamos só... – começou Maria.

- Só estávamos falando o quanto amamos a nova caixa de tampax... aquela onde eles colocam todos os tamanhos juntos – disse Liz. Maria é péssima em mentir – Eles têm o pequeno, para os dias legais e...

- Espera! – exclamou Alex – Tô começando a me sentir realmente excluído. Se vocês não pararem, eu vou ficar magoado.

- Admita – respondeu Liz – Você nunca nem havia ouvido a palavra tamp...

- Tá, tá. Você tá certa – disse Alex rapidamente – Se alguma das duas quiser terminar com algum cara e não sabem como, comecem a falar de... isso é suficiente.

- Parece que é o começo de sua lista – disse Liz.

- Ei, é! Eu tenho tentado imaginar qual será a próxima – respondeu ele.

Alex tinha um website recheado de listas do tipo “Como saber quando levar um saquinho de vômito pro cinema” e “Como ter certeza que seu filho será um serial killer ou um apresentador de TV.” Uma vez ele teve a idéia para uma lista, ele podia falar disso por horas. E era exatamente isso que Liz queria que ele fizesse hoje. Ela não queria chegar nem perto do assunto Max, não com Maria, a pior mentirosa do mundo, sentada ao seu lado.

- Certo, que mais, que mais? – Alex deu uma grande mordida na sua pizza.

Maria procurou na sua bolsa e tirou um frasco com alguma coisa verde dentro. Ela entregou o frasco a Alex.

- Aqui, se você vai ficar comendo lixo, você precisa de algo para ajudar. Eu mesma misturei as ervas. Tem coisa realmente boa aí.

Alex deu uma olhada para o frasco, então atirou em sua boca com uma grande golada da soda laranja.

- Certo, já fiz. Aqui vai outro ótimo modo de se livrar de um cara. Falar pra ele que seria bonitinho se você começar a usar roupas iguais no colégio.

Liz deu uma olhadinha para seu sanduíche, então desistiu. Ela estava muito impaciente para comer.

- E Rick Surmacz e Maggie McMahon - perguntou Maria – Maggie faz ele usar as mesmas cores praticamente todos os dias, e eles estão juntos desde a sétima série.

- É, mas todo mundo sabe que Maggie deu ao Rick uma lobotomia – respondeu Alex de volta – Ele tem todos os sinais, não é, Liz?

- Hum? Ah, é. – ela resmungou. Ela havia parado de prestar atenção uma vez que ela sacou que Alex estava num assunto seguro.

- É alguma coisa... – começou Alex, então fez uma expressão amarga – Kyle Valenti se aproximando.

“Ah, maravilha”, pensou Liz. Era exatamente o que ela precisava nesse momento.

Kyle se aproximou dela e sentou-se na grama... sem esperar por nenhum convite.

- Então, Liz, quando é que a gente vai sair de novo? – perguntou.

“Ele é que nem um coelho com muita energia e muito desorientado”, pensou Liz. “Quantas vezes eu vou ter que falar não pra ele até que a bateria dele acabe?”.

- A resposta seria nunca. Eu te disse isso, Kyle – disse Liz com a voz firme. Ela entreolhou Maria e pegou um dos pedaços de carne de porco do Alex. Ela não estava afim de um... ela achava isso realmente nojento, na verdade... mas ela tinha a esperança que talvez, se ignorasse Kyle, ele simplesmente iria embora.

- Será que tô perdendo alguma coisa? Por acaso você é, tipo, a garota mais gostosa do colégio? O que faz você pensar que é tão especial? – exigiu Kyle.

Maria cutucou Liz. “Ela é provavelmente mais doida que eu”, Liz pensou.

- Kyle, aqui vai um conselho, vá buscar por terapia, vá viver – disse Liz – Supere isso.

Maria cutucou Liz outra vez. “Sua camisa” – ela sussurrou.

Liz deu uma olhada para sua barriga e viu as marcas da mão em seu estômago. “Foi quando eu tentei pegar a carne de porco”, ela pensou.

“Será que Kyle percebeu?” Provavelmente não, decidiu ela. A marca da mão começava a desaparecer e Kyle estava bastante distraído com o som da sua própria voz. Liz abaixou sua camisa... tentando fazer parecer um movimento casual.

- Você devia sair dessa – disse Kyle – Você...

- É isso, Valenti – interrompeu Alex – Cai fora.

Kyle virou no calcanhar para encarar Alex.

- Quê? É você vai me fazer cair fora? – reclamou Kyle.

Alex pôs-se de pé e o encarou. Alex era menor que Kyle e muito mais magro. Mas ele não se intimidou. Ele deu um passo a frente.

“Maravilha”, pensou Liz rolando os olhos. “Agora eu tenho que ser legal com Kyle para ele não matar o Alex”.

- Olha, Kyle – disse ela na sua voz mais doce – Eu não quis dizer...

- Esquece isso, tá? Nem se preocupe – Kyle se distanciou de Alex e olhou para os lados. Ele sacudiu o queixo em direção a Isabel Evans – Quem se importa contigo? Se ela não quiser sair comigo, aí é que eu tenho que ficar chateado – e foi embora.

Alex se sentou de novo.

- Mas que completo imbecil.

- É, Liz é muito, mas muito mais bonita que Isabel – adicionou Maria.

Liz deu um sorriso.

- Eu não acho que foi isso que ele quis dizer – disse ela a Maria.

Maria se virou para Alex.

- Ah, qual é. Liz é muito mais linda que a Isabel, né?

- São tipos diferentes – resmungou Alex.

- É. Liz trata os caras como seres humanos, Isabel trata os caras como lixo – respondeu Maria – Eu não sei porque qualquer cara iria querer sair com ela.

Alex olhou para Isabel.

- É. Loira, olhos azuis, corpo perfeito. Quem iria querer chegar perto disso?

Maria lhe deu uma tapa no ombro.

- Eu nunca vou entender os garotos. Só porque você gosta do visual dela, você não se importa que ela tenha a personalidade de uma taxiodermista.

- Eu sonhei com ela uma noite aí. E não teve nada a ver com animais mortos – protestou Alex.

- É difícil acreditar que ela e Max são irmãos – disse Liz – Digo, é, eles têm a mesma cor de cabelo e olhos.

- Mas não a mesma estrutura corporal – brincou Alex.

Liz o ignorou

– Mas a personalidade do Max é totalmente diferente. Max é legal com todo mundo.

Maria puxou o braço de Liz com força.

- Eu acabei de perceber. Isabel é irmã de Max. Isso significa que ela também é uma...

Liz tapou a boca de Maria. Ela mal podia acreditar que Maria quase contara o segredo de Max. Ela teria que se sentar com ela e a lembrar o quão sério isso seria para Max se a verdade sobre ele vazasse.

- Uma o quê? – perguntou Alex.

- Ah, não – disse Liz – Nem tente escapar. Você tem que nos contar sobre seu sonho. Você começou, agora tem que contar.

Maria tirou a mão de Liz da boca. Ela balançou de leve a cabeça em direção a Liz para mostrar que ela havia entendido.

- É. Eu irei analisar o sonho pra você. Eu já li todo livro sobre sonho que existe.

- Não tem nada demais pra se analisar – disse Alex.

“Salvei outra vez”, pensou Liz. Ela deu uma olhada em Isabel Evans. Ela parecia tão, bem, normal. Mas Maria havia chegado num bom argumento. Isabel também seria uma alienígena? Ela deve ser... ela é irmã de Max. Liz sabia que os dois haviam sido adotados, e eles pareciam iguais, como gêmeos. Liz olhou ao redor da quadra. Max e Isabel eram os únicos alienígenas na escola? Ou havia alienígenas em todos os lugares e ela simplesmente não sabia disso?

- Qual é – disse Maria – Detalhes, Alex.

- Certo, mas tente não rir – Alex pareceu envergonhado – Eu estava no baile dançando com ela... e nós éramos o rei e a rainha do baile. A gente tinha as coroas e tudo o mais.

- Ah, pára. Vou vomitar – Maria fez sons altos de quem está prestes a vomitar.

- O que você acha? É um sinal? Será que eu devia ter coragem de ir até lá e falar com ela ou alguma coisa assim? – perguntou Alex.

- Não! – disse Liz sem pensar.

Alex pareceu magoado.

Mas Liz não pôde se preocupar com os sentimentos dele. Ela havia percebido de repente uma coisa sobre Isabel. No outro dia, na casa de Max, Isabel havia a encarado com puro ódio.

Ela estava com medo de que eu traísse Max, Liz percebeu. E se as pessoas descobrirem que Max é uma alienígena, eles saberiam que Isabel também é. A

barriga de Liz começou a formigar. Isabel devia estar aterrorizada. Não admirava ela estar com ódio de Liz. Ela vai tentar se aproximar de mim? Se perguntou Liz. Tentar ferir meus amigos?

Liz não sabia. Mas ela sabia de uma coisa... ela não queria Alex em lugar nenhum próximo a Isabel.

- É isso, como Maria disse, ela trata os caras como lixo – Liz falou para Alex – Você merece coisa melhor.

- Eu acho que você tá certa – disse Alex. Mas Liz percebeu que ele estava encarando Isabel enquanto falava.

- Eu tô com essa vontade de comer um sonho. Quer ir lá comprar? – perguntou Max. Ele comeu o último pedaço do seu hambúrguer e empurrou a bandeja no outro lado da mesa.

- Mas isso significa... gazejar aula – Michal arregalou seus olhos acinzentados e encarou Max com um falso quê de horror.

Max inspirou.

- Você tá sentindo isso? Pode sentir o cheiro das rosquinhas saindo do forno? – ele puxou dois pacotes de tempero de sua jaqueta e agitou na cara do amigo. Ele sabia que rosquinha com tempero quente era o preferido de Michael.

- Eu tenho teste de história, e eu não posso pensar em pôr em perigo meu conhecimento. – disse Michael com exatidão.

- Você já pegou uma quando ainda estava quente, porque eu penso que hoje é o dia da rosquinha quente – falou Max.

- Você acha que eu sou assim tão fácil? – reclamou Michael – Além do que, você não pode se esconder da menina pelo resto da sua vida.

- É. Você tá certo – Max não se importava em fingir que ele não sabia de quem Michael estava falando.

O sino tocou.

- Eu meio que gosto de te dar um conselho pra variar – falou Michael enquanto os dois caminhavam.

- Não se acostume com isso – respondeu Max. Ele subiu as escadas para a aula de biologia avançada. “Será que Liz estaria lá?” Ele pensou em gazejar aula, porque ela não pensaria?

Max não conseguiu decidir se ele esperava que ela estivesse lá ou não Ele queria

vê-la e ter certeza de que ela estava bem. Mas ele não iria agüentar se ela olhasse para ele como ela fez no sábado, com medo e estranha e... com repulsa. Cara, ele nunca iria se esquecer da expressão no rosto dela.

Ele hesitou do lado de fora da porta. “Não seja frouxo”, disse a si mesmo e entrou na sala. Liz estava lá. Ele devia saber que Liz não ia gazear aula. Ela não é mesmo aquele tipo de pessoa que se intimida com as coisas.

Max sabia que Liz percebeu que ele havia entrado – os ombros dela haviam ficado um pouco tensos e o amarelo fraquinho que ainda interferia em sua aura âmbar havia ficado mais escuro. Mas ela não olhou para cima. Ela manteve os olhos fixos na mesa do laboratório e levantou seu microscópio.

Max deu uma volta para checar os ratos do laboratório. “Admita”, ele pensou enquanto alimentava-os com aipo. “Você está encurralado. Me deseje sorte”, murmurou ele para Fred, seu rato favorito. Então, ele se forçou a andar para a mesa que ele dividia com Liz.

- A gente tá fazendo uma comparação entre células de animais e plantas hoje – disse Liz apressadamente quando Max deslizou para seu banco. – Eu ainda tô tentando descobrir em que categoria um preguiçoso entraria.

Seu sorriso soou um pouco falso. Mas pelo menos ela estava tentando fazer piada com ele do modo como ela sempre fazia... mesmo que ela ainda não estivesse conseguindo olhar para ele.

Se Liz ia começar a agir como se nada tivesse acontecido, ele iria agir assim também. “A gente devia ganhar nomeação pro Oscar depois dessa aula”, ele pensou.

- Certo, vamos começar – disse o Sr. Hardy – Todo mundo na esquerda, usem uma escova vegetal para fazer uma lâmina. Todo mundo na direita, usem sua pá para pegar algumas células de dentro da sua bochecha e coloquem na lâmina. Quando vocês responderem as perguntas de seu próprio questionário – animal ou planta – então troque com outra equipe e responda o resto.

Max pegou uma das pás:

- Eu faço isso.

Liz tirou a pá da mão dele.

- Você é doido? – reclamou ela, então abaixou a voz - Você por acaso sabe como suas células parecem? E se elas não parecerem... iguais?

Ela estava certa. O sr. Hardy passava muitas vezes por eles olhando para as respostas. E se tivesse alguma coisa diferente em suas células, ela certamente iria perceber.

Max era geralmente tão cuidadoso, tão cauteloso. Ele mal podia acreditar que quase fez uma coisa completamente estúpida. Essa coisa dele com Liz havia o deixado

totalmente confuso. Tudo que ele podia pensar era ela. Ele não parou para pensar o que estava acontecendo em sua cabeça.

Liz passou a pá no interior da sai boca. Max pegou um pedaço de dentro da caixa de madeira e entregou para ela. Ela passou a pá sobre o vidro, então Max colocou um plástico fino no início da célula que ela havia depositado.

“Ao menos a gente ainda pode fazer isso”, ele pensou. Eles sempre formaram uma dupla perfeita como parceiros de laboratório.

- Eu quero falar com você sobre o que aconteceu sábado – disse Liz. Ela colocou o objeto em baixo do microscópio, então espreitou os olhos, checando-o.

“É, Liz definitivamente não se intimida com as coisas”, pensou Max. Fingir que nada aconteceu teria sido fácil, mas não era ela.

- Me contar a verdade deve ter sido tão difícil, e eu pirei totalmente com você – continuou Liz – Eu nem agradei por você ter salvado a minha vida. Ela usou o botão de lado do microscópio para fazer alguns ajustes, então olhou para Max. Ela olhava direta e firme, mas Max viu um pequeno músculo em sua pálpebra saltar.

“Ela deve ter tomado todas as forças para fazer isso”, ele pensou. “Ela não pode nem olhar para mim sem parecer que ela está fazendo um grande esforço”.

- Eu não sei o que dizer. ‘Me desculpe’ soaria tão ruim. Mas eu estou realmente arrependida – disse ela – E obrigada... obrigada por salvar minha vida.

- Não tem de quê – Max se virou e checkou seu livro – A gente deveria traçar e rotular as organelas – ele arrancou um pedaço de papel e entregou a Liz – É melhor você desenhar. Nós dois sabemos que eu não sei desenhar nem aquelas figuras feitas de pauzinhos.

Liz olhou no microscópio de novo. Ela apanhou um lápis e desenhou um grande círculo, ainda estudando o slide.

- Comece com os aparelhos Golgi – sugeriu Max – Você vê? É para parecer, tipo uma pilha de balões vazios.

Liz mudou de posição e seus cabelos caíram sobre seus ombros sobre o desenho. Max começou a puxá-lo de volta... e ela se jogou.

Ela se abaixou e mexeu no tênis.

- Eu... eu tropecei – gaguejou ela – O cadarço do tênis sempre sai. Eu sempre me esqueço de amarrar – a linha amarela na sua aura aumentou até apagar a cor âmbar.

Max sabia que ela estava mentindo. Ela não caiu. Ela se jogou para longe dele porque ela não poderia agüentar que ele o tocasse nem num fio de seu cabelo.

“Nós dois podemos tentar agir normalmente”, pensou Max. “Nós dois podemos dizer

as coisas certas”. Mas nunca mais vai ser a mesma coisa entre a gente de novo. Liz está com medo de mim.

*** 6 ***

- Então, com qual humor está o El Jefe hoje? – perguntou Liz a Stan, o cozinheiro responsável pelo Crashdown Cafe.

Stan pegou uma espátula em cada mão jogou dois hambúrgueres para cima em perfeita sincronia.

- O chefe esteve escutando Dead o dia todo – respondeu ele.

- Legal – Liz e qualquer um no Crashdown poderia dizer como o sr. Ortecho estava se sentindo por cada CD que ele escutava. Você não podia conseguir coisa melhor do que os Grateful Dead em sua melhor escala de humor.

Liz acelerou o passo para o escritório dele. Ela não pode conter o sorriso ao ver a considerada barriga de cerveja do seu pai fazendo pressão contra sua camiseta apertada.

- Eu acho que no seu aniversário eu vou ter que trocar essa camiseta por uma maior. Você sabe, tomar o sorvete Cherry Garcia não é a única maneira de expressar seu amor por Jerry – provocou Liz.

- Não é a única, é a melhor – respondeu papa – E nem pense em trocar essa camista. Eu comprei num show onde você foi concebida. A banda do Tio John estava...

Liz tapou os ouvidos.

- Eu não quero ouvir mais nada, obrigada. – ela não tinha necessidade de detalhes sobre a vida sexual de seus pais.

Seu pai sorriu.

- Que você está fazendo aqui, aliás? Você não trabalha hoje.

Liz abaixou as mãos.

- Eu tenho que falar algo importante com você.

Sua expressão ficou séria.

- É alguma coisa com a escola?

- Não, nada a ver com a escola – suspirou Liz – Por que você sempre pensa que tem a ver com a escola? Nunca é nada sobre a escola, certo?

Às vezes Liz achava que tinha que levantar a cabeça e gritar “Eu não sou a Rosa!”.

Porque é por causa dela essa coisa toda. Era sobre Rosa. Ela morreu faz quase cinco anos, mas em muitas maneiras ela continuava sendo o mais importante membro da família de Liz. Ela estava nas coisas que eles falavam uns para os outros e nas coisas que eles nunca falaram.

Liz sabia exatamente o porquê seu pai sempre falava da escola. Um ano antes de Rosa morrer, suas notas começaram a despencar. Os pais de Liz arrumaram um tutor para ela e essas coisas, mas eles não perceberam que as notas eram apenas uma pequena parte do problema que Rosa estava metida.

Liz deu uma olhada em seu pai. Ele observava algumas faturas na sua mesa, mas seus olhos estavam vazios. Liz conhecia tão bem essa expressão. Ele estava fazendo isso de novo. Assombrado com isso. E se ele tivesse prestado mais atenção? E se ele tivesse colocado Rosa numa escola particular? E se ele tivesse lido mais coisas sobre adolescentes e drogas. E se... e se... e se.

- Eu tenho quase certeza que vou ser a oradora da turma – disse Liz tentando colocar os pensamentos do seu pai fora dos ‘pensamentos obscuros’ – É melhor você começar a pensar no que vai vestir na minha formatura porque todo mundo vai estar olhando pra você e pra mamãe, pais da menina que fez um discurso brilhante.

- Tenha certeza de mencionar o Crashdown – disse papa – Ele empurrou os papeis para o lado e olhou para Liz – Se não é nada sobre a escola, o que é essa coisa importante?

- É sobre os nossos uniformes. A roupa de Star-Trek dos anos 70 tem certamente aquele lance legal de retrô, mas Maria e eu realmente achamos que deveríamos caminhar pro futuro. – Liz segurou uma foto de Tommy Lee Jones e Will Smith em seus trajes de Homens de Preto – A gente tava pensando em algo desse tipo.

O Sr. Ortecho fez que não com a cabeça.

- Você quer que eu gaste dinheiro em novos uniformes quando não tem absolutamente nada de errado com os antigos? Isso não é um negócio bom, Liz.

Liz o olhou com desaprovação por um segundo, então ela foi logo falando:

- Ah, certo. Os caras parecem que gostam de nos ver com essas saias pequenas. Nossas gorjetas iriam cair se a gente trocá-las pelo paletó.

- Espera, quem está olhando? – papa exigiu saber – Quem exatamente?

A Sra Ortecho abriu a porta do escritório e entrou, uma grande fornada coberta com um pano balançando em suas mãos. Havia farinha pontilhando todo seu macacão desarrumado e no seu cabelo castanho curtinho.

- Acabei de trazer minha última criação e eu tinha que mostrar – falou ela para os dois.

Ignorando o olhar carrancudo de seu pai, Liz pegou um lado da fornada e ajudou sua mãe a colocá-la na mesa. Ela deu uma pequena engasgada de sorriso ao

estudar o bolo.

- Um alienígena montado num cavalo?

A Sra. Ortecho deu de ombros.

- É para o aniversário de Benji Sanderson. Ele ama cowboys, e estamos em Roswell.

- Pelo menos você não tem que fazer outra nave espacial – falou o Sr. Ortecho.

A mãe de Liz amava inventar coisas novas para os bolos e queria que os clientes a desafiassem. Mas ela continua recebendo pedidos de compras de naves espaciais e alienígenas, alienígenas e naves espaciais.

A Sra. Ortecho tinha que se contentar em criar suas próprias para os aniversários de cada parente de Liz. Ela fez um bolo impressionante em 3D com o retrato de cachorro favorito de Abuelita, e todo mundo endoidou com o bolo de Drácula que ela fez para a prima Nina no aniversário dela de oito anos. Ela fez um caixão de vampiro de chocolate e colocou geléia de morango recheada dentro dele.

Stan colocou sua cabeça dentro do escritório.

- Liz, você não vai acreditar quem está aí fora querendo ver você... Elsevan DuPris.

O coração de Liz pulou pela sua garganta, mas ela tentou se manter calma em frente aos seus pais.

“Isso não é nada bom. Elsevan DuPris publicou o Astral Project , as respostas sobre Roswell para o National Enquirer. Cada história no Project tinha algo a ver com alienígena. Era uma grande coincidência que DuPris queria falar com Liz dois dias depois que ela tem a prova absoluta de que alienígenas existem. Uma grande, assustadora coincidência.

- Você vai? – perguntou Stan.

- É. Eu tô entrevistando DuPris para um matéria que estou escrevendo – então ela passou por Stan e rumou para frente do Crashdown.

- Me traga o preço desses novos uniformes – disse o Sr. Ortecho.

Era fácil reconhecer DuPris se inclinando contra a registradora. “Se ele não está ali para me pedir para ser sua compradora, ele deveria estar”, pensou Liz. Ele estava vestindo um paletó branco amarrotado com uma blusa verde limão, um chapéu de palha branco e sapato branco aberto, e carregava com ele uma bengala com cabo de marfim. Seu cabelo loiro estava alisado para trás com muito gel, e seu sorriso era um pouco falso.

Liz sentia-se relaxada enquanto caminha até ele. Qualquer um que saísse de casa daquele jeito tinha que ser um total pateta. Ela podia lidar com ele sem problemas.

- Você queria me ver? – ela perguntou.

- Sim, se você puder ter a gentileza de me dar um minuto. Podemos sentar? – DuPris começou a andar em direção a cabine de telefone lá atrás sem esperar por resposta.

Liz o seguiu.

– O que posso fazer por você? – ela perguntou enquanto passava pela cabine ao lado dele. Ela fez um amigável “Eu-não-tenho-nada-para-esconder-aqui”, perto dele, ao menos até ela descobrir o que ele sabia.

- Eu tenho escutado coisas muito interessantes sobre você, juvenzinha. – falou Dupris lentamente. Ele souou que nem a Scarlett O’Hara.

“Eu podia fazer um melhor sotaque que esse”, pensou Liz. “E eu tô longe de ser aquela bela do sul, como você pode entender”.

- Que tipo de coisas interessantes? – perguntou. Ela fez questão de olhar DuPris direto nos olhos. Ela se perguntou se ele usava lentes de contato colorida. Os olhos dele eram quase tão verdes quanto sua blusa.

- Eu ouvi que você quase morreu duas noites atrás. Eu ouvi que você foi baleada... e que um jovem rapaz curou a ferida simplesmente lhe tocando – disse DuPris.

“Ele estava realmente certo”, pensou Liz. Aqueles dois turistas devem ter fofocado para ele. Ela decidiu que precisaria ser mais criativa.

- Provavelmente pareceu que o cara me curou. Mas isso não foi o que aconteceu. – disse Liz se inclinando do lado da mesa e abaixando a voz – Vê, os uniformes que usamos são feitos de lã. Essa é a lã feita dos carneiros que estavam no lugar da queda. As pessoas ficam falando que ela tem poderes, e depois do que aconteceu comigo, eu acredito. Eu estaria morta se estivesse usando poliéster quando fui baleada.

DuPris levantou suas sobrancelhas.

- Lã?

- É. Tem uma empresa que faz tudo que você quiser com essas coisas. Eu estava pensando em pedir uma máscara de pele... no caso de ser baleada uma outra vez.

DuPris ficou em silêncio por um momento.

- Eu gosto de você, srta. Ortecho – disse ele finalmente – Sou um grande admirador desse espirituoso senso de humor. Agora você poderia me falar o que realmente aconteceu?

- Eu acabei de falar – respondeu Liz – Eu acho que você devia definitivamente escrever uma estória sobre a lã para a sua coluna. É algo que as pessoas deviam saber. Talvez você pudesse até fazer um anúncio pra vender isso, ou algo.

- Eu ainda estou intrigado com o jovem rapaz que minhas fontes mencionaram, - disse DuPris se inclinando para ela, e Liz inspirou o cheiro de loção pós barba. Isso fez o nariz dela coçar.

- Teve um cara que correu pra cima de mim – admitiu Liz. – Ele deve ter colocado a mão no ferimento pra parar de sangrar, mas a lã já estava funcionando. Foi o que me curou.

Ela arregalou os olhos e tentou parecer inocente e idiota. DuPris a encarou por alguns segundos, então soltou:

- Bem, muito obrigado por me contar tudo direitinho – ele ficou de pé – Eu devo dizer que estou aliviado que aquele jovem rapaz não seja o responsável por ter salvado sua vida.

- Quê? Por quê? – Liz sabia que não devia perguntar isso. Teria sido mais inteligente deixa DuPris ir embora. Mas a pergunta simplesmente escapou da boca dela.

DuPris forçou um sorriso para ela.

- Você me parece ser uma pessoa tão inteligente – disse ele – Então me diga, se existe um jovem rapaz que pode curar com o toque, é lógico pensar que ele pode também matar com o toque? – perguntou DuPris.

Liz sacudiu a cabeça negativamente.

- Não estou entendendo o que você quer dizer.

Lentamente, DuPris voltou a se sentar perto dela, seus vivos olhos verdes.

- Digamos que esse jovem rapaz consiga manipular o músculo e a pele e até os órgãos internos para fechar o buraco da bala com o toque de suas mãos.

Liz concordou, com medo de falar.

- Bom, se esse jovem rapaz pode fazer isso, será que ele não poderia fazer o inverso? Será que ele não poderia abrir um buraco no coração de pessoa ou fazer um rasgo em um dos pulmões de alguém... tudo isso com o mesmo toque de mãos dele?

Liz quase pode ver o sangue sair do buraco no coração e o delicado pulmão aberto. Ela fez caretas com as imagens que apareciam em sua cabeça.

- Eu não gostaria de pensar que existe alguém por aí na cidade que poderia matar tão facilmente e com tão poucas chances de ser parado – terminou DuPris.

Pondo-se de pé outra vez, ele inclinou seu chapéu para Liz e caminhou prazerosamente em direção a porta.

Liz tamborilou seus dedos em cima da mesa prateada. O que DuPris falou faz

sentido. Será que Max pode matar alguém só tocando nelas?

- A gente devia ir juntas pro shopping para o baile de homecoming – disse Stacey Scheinin saltando na ponta dos pés.

Stacey estava sempre saltando, gritando e sorrindo. Ela era tipo a cheerleader com algumas fantasias de gente de 13 anos. Ela faz Isabel querer vomitar.

- Eu acho que todas vocês poderiam vestir a mesma cor de vestido... talvez lavanda. – começou Stacey – Assim, quando eu for eleita a rainha do baile, todas as minhas organizadoras estarão com a mesma cor. A gente vai arrasar lá no palco.

- E existe alguma razão pra você pensar que vamos ser suas organizadoras? – perguntou Isabel.

- Ah, Izzy, não se preocupe – disse Stacey – Você pode vir hoje e eu vou fazer a sua maquiagem. Eu sei que posso te deixar bonita o suficiente para ser escolhida como parte da minha corte do baile.

- Não, obrigada – Isabel olhou Stacey da cabeça aos pés – Já vi seu trabalho.

- Vai lá, garota! – murmurou Tish Okabe.

O grupo das Cheeleards estava dividido entre meninas que queriam ser que nem a Stacey e meninas que achavam que Stacey era fruto do amor de Jerry Springer e Lassie. Isabel e Tish com certeza estavam no segundo grupo.

- Vamos voltar ao trabalho – disse Stacey batendo palmas – Vamos fazer o ‘Ataque do Alienígena’ até que fique perfeito. Izzy, você esteve lá atrás da última vez.

- É, eu e todo mundo menos você – murmurou Isabel enquanto ela ocupava seu lugar na quadra.

- Prontas? Okay! – perguntou Stacey.

- Os alienígenas de Roswell causam sensação – começou Isabel. Ela deu uma olhadinha com o canto dos olhos. Alex Manes estava entrando na porta da quadra. Ele se apoiou na parede a observando. Observando somente ela.

Isabel fez o passo da vitória e acompanhou enquanto a torcida terminava. Ela deu uma piscadela para Alex, e um sorriso se alargou por seu rosto. “Aquele sonho fez isso”, ela pensou. O voto de Alex já está garantido. Se tem alguém que precisa comprar um vestido da cor lavanda, é a Stacey. Ela ficou na ponta dos pés, seu tênis contra o chão de madeira polida.

- Certo, todo mundo, próximo ensaio é quarta as três e meia. Sejam pontuais, por favor – falou Stacey.

“Ela precisa sair mais”, pensou Isabel. “Ser a líder das cheerleaders foi a melhor

coisa que já aconteceu a ela em toda a sua patética vidinha”.

Isabel começou a caminhar para seu armário. Alex se apressou antes que ela saísse pela porta.

- Hey – disse ele. Ele enterrou suas mãos nos bolsos, tirou, então as empurrou lá de novo.

“Ele está nervoso. Que fofo”, pensou Isabel.

- É isso? – provocou ela – Só um ‘hey’? Eu pensei que os caras deveriam ter algumas frases legais memorizadas pra situações como essas.

- É só isso. – admitiu Alex.

- Fácil de lembrar – Isabel soltou seus longos cabelos louros do rabo de cavalo e os balançou.

- Achei que era tudo comigo – se gabou Alex – Mas eu tenho algo comigo. É bem enjoativo. Meu irmão que me ensinou. Quer ouvir?

- Claro – Isabel passou a língua sobre os lábios. “Isso vai tomar a atenção do Alex. Garotos são tão previsíveis. E eles nunca percebem quando estão sendo enganados.”

- Ok... imagine que eu sou um policial, sabe, com a arma e distintivo e essas coisas – Alex deu as instruções.

Isabel sorriu.

- Eu já gostei dessa. Você tá usando algemas também?

- Sem chance, eu te disse que isso é coisa do meu irmão. Ele tem classe. Certo, se prepare pra se derreter. – Alex limpou alto sua garganta – Eu vou ter que lhe prender.

Isabel piscou os olhos.

- Mas eu não fiz nada errado.

- Ah, receio que isso não seja verdade – Alex corou – Você claramente roubou as estrelas do céu... eu posso vê-las nos seus olhos.

Isabel tentou não sorrir, mas a expressão no rosto de Alex era simplesmente muito engraçada. “Ele não é meu tipo”, ela pensou. “Mas ele é absurdamente adorável. Me pergunto se ele tem sardas em todos os lugares”.

- Você gostou dessa, né? – perguntou Alex.

- Gostei – admitiu Isabel. Ela nunca se incomodou em falar com Alex antes, mesmo pensando que eles têm algumas aulas juntos. Mas tinha alguma coisa sobre o sonho

que eles compartilharam que a mantinha ali, sorrindo para ele.

- Então, você quer ir ao cinema ou algo assim, agora que provei o quanto legal eu sou? – perguntou Alex.

- Não, mas vou sair com seu irmão – respondeu Isabel. Suficiente já era o suficiente. Um sonho interessante não era suficiente para ela baixar seus padrões.

Alex de repente pareceu incrivelmente fascinado com um cartaz de espíritos atrás das arquibancadas.

- Bom, meu irmão me ensinou – murmurou ele – Mas eu coloquei meu próprio requinte nisso.

- Eu tenho que ir para o chuveiro – disse Isabel.

- Hum, certo. Vou dar o seu nome pro meu irmão – Alex se virou e seguiu em direção as duas portas no final da quadra.

Isabel se deu um momento para se divertir com tudo isso, então começou a andar para seu armário. Stacey caiu em cima.

- Novo namorado, Izzy?

- Ele? Não. Ele é apenas um imitador patético – respondeu Isabel – Eu sempre tive alguns caidinhos me seguindo por aí com suas línguas batendo no chão. Eu acho que você não tem esse problema, né, Stacey?

Isabel deu uma risada enquanto passeava pela sala. “A vida é boa”, ela pensou. Em alguns dias Stacey seria sua organizadora no baile do homecoming. E Isabel tinha acabado de adquirir um pequeno brinquedo para jogar com ele. Não tem nada mais divertido do que um humano apaixonado.

*** 7 ***

Alex assistiu a Liz e Maria folhear uma página de vestidos. Ele esperava que elas se apressassem. Aquela pequena loja estava fazendo ele se sentir claustrofóbico. Os cabides eram muitos perto uns dos outros e o lugar cheirava como se tivessem sido esfregadas nas paredes aquelas amostras de perfumes que vem em revistas.

- Você não está ajudando muito, Alex. A gente te trouxe pra nos dar uma opinião masculina. Que tipo de vestido ia chamar a sua atenção? – perguntou Maria.

- Ah, você sabe, pequeno, apertado, sem costas, decotado, talvez com um pouco de brechas em algum lugar – ele respondeu – Preferencialmente sem sutiã e com um fio-dental.

Liz bateu na cabeça dele e ele deu uma risada. Alex adorava dizer coisas que ele sabia que a deixaria irritada. Ele nunca tinha tido o lance de ‘garotas-como-amigas’ antes de conhecer Liz e Maria... bem, não desde os, tipo, sete anos. Era muito legal.

E o fato que isso realmente incomodava pra valer vinha como um bônus. O pai de Alex queria que ele gastasse seu tempo começando a se preparar para o programa de oficiais de reserva ou ao menos pensasse sobre uma carreira militar que ele fosse querer após o colégio. Desde que seu pai se aposentou, ele tem estado obcecado com o futuro de Alex numa carreira militar. A idéia de Alex passar a maior parte da tarde brincando de consultor de moda iria fazê-lo ficar muito irritado, não que Alex estivesse planejando contar a ele.

Uma das coisas que ele não contou era que não tinha nenhuma chance dele seguir carreira militar. Ele esperava que um de seus irmãos mais velhos fossem os pioneiros e amaciassem o velho sobre a idéia de ter um cidadão comum como filho. Mas seus dois irmãos mais velhos haviam entrado nas Forças Aéreas, assim como o pai dele. E Jesse, sua última esperança, havia acabado de entrar na Marinha. O Major não ficou tão feliz em ter uma lula na família, mas ele passou de gritar, para resmungar.

- E esse aqui? – Liz levantou um vestido de seda azul escuro com uma pequena tira. Parecia um pouco com uma camisola ou algo assim – Esse é, definitivamente, 10 na escala dos homens.

- O que quer que esse ‘10 na escala dos homens’ seja, não parece pra mim – resmungou Maria.

Alex a ignorou. Ele estava imaginando essa seda passando em seus dedos. O tecido era tão fino que ele seria capaz de sentir o calor da pele de Isabel através dele. Isabel. Ah, cara. Ele estava fazendo de novo. Ele havia dado a ele mesmo ordens restritas para não pensar em Isabel, mas ela continuava aparecendo na cabeça dele.

“Esqueça ela”, disse a ele mesmo. “Lembre-se que ela te chamou de... um imitador patético. Ela nem esperou que você saísse da quadra antes de começar a tirar onda de você com a Stacey”.

Mas tinha alguma coisa em Isabel, alguma coisa sobre como o modo que ela o olhava enquanto os dois conversavam... Havia uma atração entre eles, uma ligação. Alex nem podia acreditar que ela era tão fria quanto parece. Se eles pudessem só escapar daquela cheerleader e toda essa porcaria, ele tinha uma sensação de que alguma coisa entre eles poderia acontecer.

- Então, você vai experimentar? – perguntou Maria para Liz.

Liz observou o preço e fez uma careta. Ela mostrou a Maria.

- Acho que a gente tá na loja errada.

- Vamos tentar a Clothes Barn – sugeriu Maria.

Alex caminhou para fora da loja. Ele deu uma inspirada no ar não perfumado. O cheiro de comida do shopping entrou pelo seu nariz... biscoitos de chocolate misturado com chow mein, tacos e fritas. Muito melhor.

- Sabe, a gente foi muito egoísta – disse Maria para Liz – Alex também vai ao baile. Ele pode precisar da nossa ajuda nas compras. Eu tô vendo uma camisa sem colarinho e...

- Nem pense nisso – avisou Alex – Eu não sou o Ken, namorado da Barbie.

- Alex, você tem dezessete anos. É a hora de você descobrir o mundo além de lãs e macacões – disse Liz.

- Eu visto outras coisas. Visto algodão. E ... daquilo que as calças são feitas... Eu visto isso.

Maria agarrou seu braço e começou a empurrá-lo.

- Macy's está bem ali, só esperando por você.

Alex reconheceu Michael Guerin e Max Evans se aproximando deles.

- Galera! – berrou ele em alívio – Ei, pessoal, vocês têm que me ajudar – ele fugiu de Maria e se apressou para eles – A máfia da maquiagem me seqüestrou.

- Elas parecem bem perigosas – disse Michael enquanto Liz e Maria se juntavam ao grupo.

- Elas estão tentando me forçar a parar de usar lã! – queixou-se Alex.

Ele esperava que Maria pulasse e tentasse pegar Max e Michael do lado dela. Mas ela ficou muito quieta de repente. Liz também. Que havia acontecido com elas? Elas nunca eram quietas.

- Não deixa cara – respondeu Michael – Se elas não podem te aceitar como você é, apenas siga em frente. Certo, Max?

- Todo americano tem o direito de usar lã – respondeu Max. Ele se inclinou sobre o corrimão e encarou o chafariz em baixo. Era óbvio que ele não estava muito afim de falar.

Alex não conhecia Max muito bem, mas ele sempre pareceu ser um cara legal. Alex não se importaria em perguntá-lo algumas questões sobre Isabel, algo que o ajudaria a compreendê-la.

Talvez seu irmão saberia qual Isabel era a real... a Isabel que havia paquerado e parecia ter gostado? Ou a Isabel que havia falado dele pelas costas?

- Qual é a das garotas? – perguntou Michael – Elas podem ter um cara que é doido por elas, mas isso não é suficiente. Elas têm que pegar e começar a mudar as coisas. Caras não fazem isso. Max, você gosta da Liz do jeitinho que ela é, né?

Houve um pequeno tempo de um estranho silêncio.

Liz deu uma olhada para Michael que dizia “Sai pra lá” alto e claro.

Alex franziu a testa. O que estava acontecendo com todo mundo? Liz não era assim tão suscetível.

- Digo, você nunca diria a ela o que vestir – emendou Michael, evitando olhar para Liz.

- Liz fica bonita com qualquer coisa – respondeu Max. Ele se afastou do corrimão e se virou para olhar para todos – Você ficava bem até naquele vestido que você odiava, aquele meio pateta com umas tortas nele.

- Você se lembra disso? – choramingou Liz – Eu odiava tanto aquele vestido, mas minha abuelita me deu, então meus pais estavam sempre me fazendo vesti-lo.

- Eu não lembro. Em que série foi isso? – perguntou Maria.

Liz pensou por um segundo.

- Jardim da infância. Eu lembro que a Sra. Gliden me deixava vestir o avental quando eu tinha que usar esse vestido para ir para a escola. Ela era tão legal. Ela... – a voz de Liz foi desaparecendo.

Maria franziu a testa.

- Mas Max não estava no jardim da infância, estava? – perguntou ela.

Liz se virou para Max.

- Tenho que falar com você em particular. Agora – ela caminhou para longe do grupo. Max hesitou por algum tempo, então a seguiu.

Outro minuto de estranho silêncio. Maria empalideceu.

- Tudo certo, então... - murmurou Alex.

- Eu tenho que comprar algum esmalte – falou Maria – Eu encontrarei vocês na praça de alimentação – ela se apressou em direção a escada rolante.

Alex olhou para Michael e deu de ombros.

- Você quer comer? – ele perguntou.

- Eu sempre quero comer – respondeu Michael.

“Liz e Maria devem ter tomado algumas pílulas quando eu não estava vendo”, pensou Alex enquanto caminhava com Michael pela passagem a frente. “Eu espero que o efeito passe logo”.

- Nem pense nisso – resmungou Isabel para o rapaz do perfume antes que ele

pudesse usar o spray nela. Ela geralmente evitava entrar no Macy's. Era como se ela estivesse tentando passar por um campo minado de bombas de perfumes. O cheiro de todas as essências – flores, aromáticos, frutas, polvilha... fazia o estomago dela revirar.

- Ei, ele era bonitinho – protestou Tish.

Isabel deu uma olhada por cima do ombro.

- Ele é muito grande e forte. Olha aquelas veias pulando do pescoço dele.

- Eu achei que você amava esse visual 'músculos de praia' – Tish ergueu o pulso para uma mulher meio pálida vestindo um jaleco branco, que delicadamente lhe deu um spray de perfume floral.

- Eu devo estar amadurecendo. Caras como esse me parecem um pouco óbvios agora – disse Isabel – Além do mais, quem quer um cara que passa mais tempo numa academia do que com você?

“É, é isso”, pensou Isabel. Não tinha nada a ver com a memória do sonho de Alex, do modo como o corpo magro dele estava pressionado contra o dela no sonho.

- Eu gosto – disse Tish – Eu ainda digo que ele é bonitinho.

- Você acha todo mundo bonitinho – respondeu Isabel.

- Quase todo mundo tem alguma coisa bonitinha, mesmo que seja uma coisinha pequena – insistiu Tish – Tipo aquele cara perto do contador. Roupas ruim, cabelo ruim, pele ruim...

- Higiene pessoal ruim – Isabel cortou.

- Mas olhe a boca dele – Tish pegou o queixo de Isabel e virou a cabeça dela para o rapaz – Olhe aqueles grandes, lindos lábios. Hummm.

- Certo. E o que acha daquele? – Isabel sacudiu a cabeça em direção a um homem gordo que provavelmente seria chamado para o “Clube dos cabelos dos homens que se formaram há um ano”.

- Como você pode perguntar? – exclamou Tish – Olha a bunda dele. Puro charme. Não faz você querer apertá-la?

- Ân... na verdade não – respondeu Isabel. Ela deu uma olhada na praça, então sorriu – Ok, Eu tenho um bem difícil pra você... bem ali, perto do Lancome.

Tish olhou para lá e começou a fazer barulhos como quem vai vomitar.

- Essa é a não bonitinha. Vamos sair daqui. A gente já vê bastante a Stacey na escola.

- Eu quero falar com ela – disse Isabel.

- I-sa-bel – soletrou Tish lamentando-se.

- Qual é – Isabel andou prazerosamente em direção a Stacey. Ela não se importou em checar e ver que Tish a estava seguindo. Tish sempre a seguia.

- Ei, Stacey, procurando um batom para combinar com seu vestido da cor lavanda? – perguntou Isabel.

Stacey se virou para elas.

Tish se engasgou.

- Que foi que aconteceu com o seu rosto? – exclamou ela.

- Eu tive um sonho horrível, e eu ficava me coçando enquanto dormia – admitiu Stacey. Ela correu os dedos em cima de uma grande mancha vermelha em seu rosto.

“Eu acho que nunca vi a Stacey sem ela estar saltando, sorrindo, ou algo assim”, pensou Isabel. Stacey era nauseante, altamente irritante. Até na sala de aula ela estava constantemente rabiscando coraçõezinhos, estrelas e arco-íris em seu caderno.

- Isso é terrível. Dói? – perguntou Tish.

“Ah, por favor”, pensou Isabel. Se Tish achar uma cascavel ferida na estrada, ela provavelmente iria levá-la para casa, curá-la e pendurar um lacinho em volta do pescoço dela, e então ser surpreendida com uma mordida. Ela deveria sair com o Max. Eles foram um par perfeito.

- Eles não doem muito, mas fica tão feio. Eu estou tentando achar alguma coisa para cobrir as manchas – Stacey estudou os cremes e os pós na caixa em frente a ela.

- Qual foi seu sonho, aliás? – disse Tish.

- Ah, foi muito feio! – Stacey esfregou a cara com as duas mãos – Tinha um monte de inseto se espalhando sobre mim. Eu podia sentir todas as perninhas deles. Eu ficava me coçando e coçando, mas não conseguia me livrar deles.

Isabel deu uma engasgada. Ela arregalou os olhos.

- Isso é tão estranho. Eu tive exatamente esse mesmo sonho a noite passada!

- E então? – perguntou Max enquanto acompanhava Liz.

Liz não respondeu. Ela rumou para onde havia um orelhão, uma fonte de água e um banco de praça. Ninguém os incomodaria ali.

Ela girou e olhou furiosamente para Max.

- Como é que você sabia do meu vestido de torta? – ela exigiu saber – Você pode ler mentes? É um dos seus poderes? Porque se for, você vai ter que achar um jeito de desligar isso, porque é uma incrível invasão de privacidade.

Liz não queria nem pensar que Max podia ver o que a mente dela via. Todas as coisas vergonhosas que ela nunca contou a ninguém, nem a Maria. Os devaneios bobos que ela tem quando alguma aula fica entediante, ela queria gritar. Pequenos pensamentos que ela tinha sobre as pessoas às vezes.

Mas, mais do que tudo, ela estava com medo que Max pudesse ter visto as coisas horríveis que ela pensou quando ele disse que era uma alienígena. Liz estava envergonhada com o misto de náusea e medo que a invadiu naquele momento. Ela sentiu todos aqueles tipos de sensações, ela estava inconsolada.

- Eu não posso ler mentes. Ao menos, não geralmente. – disse Max a ela – Mas quando eu curo alguém, eu faço uma conexão com eles. Eu começo a ver imagens, passando tão rápido que mal consigo ver todas. E de algum modo, eu apenas sei de coisas. Não são exatamente pensamentos. Mas, como o vestido... uma imagem apareceu na minha cabeça, e eu sabia como você se sentiu sobre ele.

Liz cruzou os braços.

- O que mais você viu fora o vestido?

- Hum... eu vi um cachorro de pelúcia com uma orelha – disse Max.

- Ah, o Sr. Beans. Ele vivia na minha cama – Liz começou a se sentir um pouco melhor. Se o Sr. Beans e o vestido de torta foram as piores coisas que ele havia visto, não estava tão ruim.

- Liz Ortecho dormindo com um animal de pelúcia. É difícil de imaginar – riu Max – Você é sempre tão energética e concentrada.

- Eu não durmo mais com ele – corrigiu Liz – Eu coloco ele no guarda-roupas quando vou dormir.

Max levantou suas sobrancelhas.

- Ah, é mesmo? – provocou.

- Certo, de vez em quando, tipo, quando tô doente ou algo assim, eu ainda durmo com ele – admitiu Liz, corando – Mas você já sabia disso, não sabia?

- Joguei verde. Você pareceu um tanto quanto defensiva quando disse que o colocava no guarda-roupas – explicou Max – Te incomoda bastante eu ter essas imagens da sua cabeça, né?

Liz mirou seu tênis. Mesmo que Max tenha visto apenas coisinhas bobas de sua infância, isso a incomodava. E se ele só estivesse sendo educado, falando coisas realmente sem importância? E se ele realmente tivesse visto tudo, tipo, como ela ficou com raiva de sua irmã por ela ter morrido? Ela pensaria que ela era uma

pessoa terrível... e ela não podia agüentar isso.

“Max não mentiria para mim”, disse a ela mesma. Se ele disse que só viu o vestido com as tortas, então ele só viu isso.

- Talvez eu tenha exagerado – disse Liz vagarosamente – Não é como se você estivesse me espionando de propósito. Mas, bom... como você se sentiria se eu soubesse todos os seus segredos?

Mas a encarou como se ela fosse uma idiota. E de repente Liz sentiu sua face corar. Como ela pôde disso aquilo? Ela sabia o maior segredo de Max, algo muito mais íntimo e pessoal do que qualquer coisa que ela sabia sobre ela mesma.

Max se sentou no banco.

- Vem cá, eu quero tentar uma coisa.

- O-kaay – Liz gostaria de não ter soado tão apreensiva. Por que ela não sabia mais como agir perto de Max?

Ela se sentou ao lado dele. Seu ombro tocou no dele. Ela queria se afastar, mas se segurou muito bem. Se ela continuasse se afastando dele, Max podia pensar que ela estava com medo dele ou algo assim.

“E eu não estou”, pensou ela. “Não muito”.

Ela queria se sentir completamente confortável com ele, como ela costumava ser. Mas era como se tivesse esse loop na cabeça dela repetindo sempre as palavras ‘ele é um alienígena’, ele é um alienígena repetindo sem parar.

- Eu nunca tentei isso antes, mas eu acho que posso fazer a conexão passar para o outro lado – Max falou a ela – Então você vai poder invadir minha privacidade e pegar algumas imagens de mim.

Liz piscou os olhos, surpresa. Como seria ver os pensamentos de Max? “Eu sou provavelmente a única humana a ver o que acontece em uma mente de um alienígena”, pensou ela. A cientista nela estava completamente animada pela oportunidade. Mas não seria justo com Max.

- Você não tem que fazer isso, Max – disse Liz gentilmente – Eu fui uma idiota sobre toda essa coisa. Você salvou a minha vida... eu deveria te agradecer de joelhos, não importa os métodos que você usou.

- Não, a gente vai ter que tentar isso – insistiu Max – Pense nisso como um experimento. Ou como um filme de graça: O Show do Max Evans.

Ele soava como se fosse uma criancinha que estivesse tentando convencer sua babá a deixá-lo ficar acordado até as onze. “Ele está tentando tanto fazer eu me sentir bem sobre o que aconteceu”, pensou Liz. Por que eu não posso fazer por ele?

- Eu tenho que tocar em você, certo? – perguntou Max – É assim que eu faço a

conexão.

Se ele pode curar com o toque, pode matar com o toque? A pergunta saltou da mente de Liz. Sem pensar, ela se afastou dele no banco.

Instantaneamente, seus olhos azuis ficaram mais escuros, como se uma pesada cortina preta tivesse feito suas emoções caírem.

- Deixa pra lá – disse ele rapidamente – Foi uma idéia idiota. Por que você iria querer se conectar em mim?

Max começou a ficar de pé, mas Liz o puxou pelo braço. Ela não podia deixá-lo ir daquele jeito, sentindo como se Liz estivesse com nojo dele.

- Eu quero fazer isso. Sério – disse Liz a ele.

Max voltou a se sentar, sorrindo. Ele estendeu a mão e colocou os cabelos de Liz por trás das orelhas dela, então, gentilmente cobriu o rosto dela com as mãos. Liz sentiu um arrepio por todo o seu corpo. E não parecia ser um arrepio de medo.

Max se inclinou mais para perto, de modo que seu rosto ficou a centímetros do rosto dela. Ele a encarou em direção aos seus lábios, e por um longo, chocante momento ela achou que ele iria beijá-la. Em vez disso, ele começou a falar, sua voz fraca e tranqüila.

- Agora inspire e tente deixar sua mente vazia.

O coração dela estava batendo tão violentamente que ela mal conseguia respirar. Liz se concentrou em tomar uma longa respiração, então ela relaxou. Max acompanhava a respiração dela. Ela conseguia sentir sua respiração quente em seu rosto cada vez que ele respirava, e o cheiro de wintergreen Life Saver entrou em seu nariz.

Ela nunca havia visto olhos azuis tão intensos. Era como se ela estivesse olhando para uma profunda, profunda piscina...

Liz percebeu que ela estava se inclinando em direção a ele, querendo ficar mais perto, querendo ver através daqueles incríveis olhos...

Ela fechou os olhos, mas ainda podia sentir ele a olhar. Ela tentou se concentrar somente em sua respiração. Se os pensamentos comesçassem a aparecer, ela os imaginava indo para longe, leve e silenciosamente.

Ela escutou as batidas de seu coração diminuir o compasso enquanto ela relaxava mais e mais. Vagarosamente ela se conscientizou em ouvir uma outra batida de coração. A batida do coração de Max. Era como se eles estivessem compartilhando um corpo agora.

Uma imagem apareceu em seus olhos. Uma criança com os olhos claros saindo de alguma coisa que estava fechada como um casulo. Uma outra imagem substituiu a primeira rapidamente. O jogo de Química do Sr. Wizard. As imagens apareciam

muito rápido. O céu com nuvens verde acidas. Uma tigela com duas tartarugas se aquecendo. Um par de olhos em forma de amêndoas sem "a parte branca" ou íris, apenas preto.

Então Liz na livraria do colégio, seus cabelos escuros tocando nas páginas do livro. Liz, um pouco mais velha, balançando um taco de baseball. Liz orgulhosa em frente a sua feira de ciências na nona série. Liz vestida para o baile de formatura do segundo grau. Liz sorrindo, franzindo a testa, rindo, chorando. Liz no chão do Crashdown. Liz encarando Max com uma expressão de horror no rosto.

Liz abriu os olhos e se achou observando Max. Ela alcançou suas mãos e as tirou de perto de seu rosto. Ela apertou os dedos para fazê-los parar de tremer.

- Funcionou? – perguntou ele – Você viu algo?

Liz concordou com a cabeça, sem confiar em sua voz. Ela viu tudo. Ela sabia de tudo.

Max estava apaixonado por ela. Ele sempre esteve apaixonado por ela.

*** 8 ***

Liz leu a pergunta pela terceira vez. “Quais os benefícios do padrão ouro?”

“Eu estudei para esse teste”, pensou. Eu chequei minhas anotações e li as partes importantes dos capítulos. Então por que eu não me lembro nem o que é padrão ouro?

Liz pulou a seção de múltiplas escolhas e suspirou. A, B, C, e D todas escolhas razoavelmente certas. Mas nem mesmo a letra E, ou nenhuma outra acima, era uma possibilidade.

Onde ela estava com a cabeça? “É, como se eu não tivesse tido muitas distrações ultimamente”, ela pensou. “Eu apenas quase morri. E então descobri que um garoto que eu conheci metade da minha vida é um alienígena. Aí descobri que esse alienígena me ama”.

Max Evans a amava. Liz ainda estava tentando fazer com que sua mente se acostumasse com isso.

Ela olhou para o relógio. Só faltavam 20 minutos. Talvez ela devesse jogar uma moeda... se ela pudesse descobrir um modo de como jogar uma moeda para questões de múltipla escolha. Talvez se der cara na mesa – A, se der coroa na mesa – B, cara no chão...

Liz sentiu um tapinha em seu ombro.

- O diretor deseja lhe ver agora mesmo – disse baixinho o Sr. Beck – Pegue suas coisas.

Liz pegou sua mochila. Ela sabia que todo mundo a estava encarando enquanto ela caminhava em direção a porta. Eles provavelmente estavam tentando descobrir qual a honra com a qual a estudante Liz Ortecho estava sendo chamada para a sala do diretor.

Por que o Sr. Shaffer a chamaria fora da classe? Ela imaginava enquanto se apressava pelo corredor. Tinha que ser algo importante. Ela abriu a porta do escritório... e viu o Xerife Valenti escorado contra o estande que dividia a sala. O reflexo de seus óculos escuros escondia os olhos dele, e o rosto sem expressão, como sempre.

- O Xerife Valenti precisa lhe fazer algumas perguntas – disse o Sr. Shaffer.

Liz estremeceu. Ela ainda não tinha percebido a razão principal de estar ali. No segundo que ela entrou na sala, seus olhos pregaram em Valenti.

- Vamos – Valenti se desencostou do estande e caminhou para fora da sala. Ele não falou uma palavra enquanto Liz o seguia pelo corredor, lá fora e no estacionamento. Ele não disse uma palavra quando abriu a porta de trás do carro dele para Liz, ou quando deu de ré e começou a dirigir.

Liz encarava as costas de Valenti através da grade de metal que separava os bancos da frente e detrás do carro. Ela sabia que ele estava jogando algum tipo de jogo intimidante com ela... e estava funcionando. Ele estava a deixando apavorada. Será que ele havia descoberto o que realmente aconteceu no Crashdown? Será que ele sabia que Max a curou? Será que ele sabia de tudo?

“Faça-o falar o que você sabe”, disse Liz para ela mesma, se dando instruções. “Não ofereça nada. Não comece a falar só pra preencher o silêncio. Isso é exatamente o que ele quer”. Ela encostou a cabeça no assento, tentando fazer uma expressão entediada. Ela sentia que qualquer palavra que dissesse, qualquer gestinho que fizesse, poderia pôr Max em perigo.

O carro cheirava a cigarro, plástico, suor, e algum medicamento. Ela queria abrir a janela, mas duvidava que essas janelas em carros de policiais se abriam.

Valenti arrancou para o estacionamento de um pequeno prédio amarelo mostarda perto da beira da cidade. Ele saiu do carro e fechou a porta com um silencioso clique. Liz quase desejou que ele batesse. Ao menos assim pareceria humano. Em vez disso, ele estava todo frio, totalmente sob controle. Ela sabia que não podia o enganar como fez com o Elsevan DuPris.

Ele abriu a porta dela e começou a atravessar o estacionamento. Liz saiu e o alcançou. Ela aumentou os passos até ficar perto dele. Eles andaram através do estacionamento e dos prédios de duas portas de vidros. Ela não ia ficar caminhando três passos atrás dele como um patético cachorrinho de estimação.

Enquanto andavam por uma longa entrada coberta com feias manchas de linóleo, Liz tentava se lembrar de cada detalhe da estória que ela contou a ele no Crashdown. Ela precisava ser capaz de repetir de novo para ele sem errar.

Valenti parou de repente e abriu a porta na sua esquerda. Ele se afastou e deixou Liz entrar na frente, então fechou a porta atrás deles.

Liz não conseguiu parar de engolir em seco enquanto observava a sala sem janelas. Um necrotério. Ela estava num necrotério. Liz havia visto muitas exposições de programas de policiais para não reconhecer as amontoadas filas de gavetas de metal na parede.

“Ah, Deus”. Isso não era sobre Max. Ela estava aqui para identificar um corpo. Quem? Sua mente gritava. Quem é?

Valenti passou perto dela e andou até a parede. Ele segurou a alça de uma das gavetas e a abriu. O som das rodinhas de metal rolando no trilho deu calafrios em Liz

- Quero que você veja isto – disse Valente, sua voz calma e tranqüila.

Tinha um corpo estendido na gelada gaveta de metal. Um plástico o envolvia da cabeça aos pés, mas Liz sabia que se ela corresse de lá, Valenti a traria de volta e ela teria que olhar. Ela não queria. Se ela olhasse, saberia que era real. Seria alguém que ela conhecia.

Lágrimas encheram seus olhos. Quando Rosa morreu, Liz nunca viu seu corpo. Ela nem podia se permitir a olhar, nem mesmo para dizer adeus. Agora ela não tinha nenhuma chance. Que corpo era esse? Porque Valenti simplesmente não dizia a ela o que aconteceu?

Quem é? Os pés de Liz andaram em direção a gaveta. Papa? Mama? Ela não podia parar de pensar nessa hipótese. Ela não conseguia parar de olhar para baixo, para o corpo. Ela não podia ver muito através do plástico, mas ela podia dizer que esse corpo não era alguém que ela conhecia.

Uma onda incandescente de fúria a invadiu. Ela deu a volta em direção a Valenti.

- Como você pôde fazer isso comigo? Você me fez pensar que... – ela não pôde terminar. Se ela disser uma palavra a mais, sabia que ia começar a chorar. E ela não iria dar essa satisfação a Valenti.

Valenti não respondeu. Ele pegou o começo do plástico com as duas mãos e o abriu.

- O que você acha que são essas marcas nesse homem? – ele soou como se estivesse em uma conversa normal, como se ele não tivesse idéia de que ele simplesmente a havia levado para um dos momentos mais aterrorizantes de sua vida.

Ou como se não se importasse.

Liz encarou Valenti. Ela viu sua própria cara refletida nas lentes dos óculos dele. Ela se sentiu como se tivesse caído em algum sonho horrível. Nada fazia sentido. Valenti estava pedindo a ajuda dela para estudar o corpo de um estranho? Por quê?

- Essa marca.

“Eu tenho que fazer isso”, pensou. “É a única chance de eu dar o fora daqui”. Vagarosamente, ela abaixou os olhos para o corpo. A primeira coisa que ela viu, foram duas impressões de mãos no peito do homem... uma brilhante e prateada impressão de mão. Ela sabia que se colocasse as mãos de Max sobre a marca, encaixariam perfeitamente.

Se ele pode curar com o toque, pode matar com o toque?

“Eu acho que tenho a resposta pra essa pergunta”, pensou ela. Ela engoliu em seco com amargura.

- Eu... eu nunca vi nada parecido com isso antes – gaguejou Liz. Ela precisaria de tempo para pensar, tempo para descobrir o que fazer. Talvez Max tenha tido um bom motivo para ter matado esse cara. Talvez esse cara estivesse atacando ele ou algo assim.

Ela se forçou a olhar para o rosto do corpo. O homem parecia ter a idade de seu pai. Seus olhos arregalados olhando sem expressão para o teto. Seus lábios congelados numa expressão de dor.

Liz parecia ter algo preso na garganta. “Como poderia haver uma boa razão para matar esse homem? Para matar alguém?”.

- Interessante – disse Valenti – Porque meu filho, Kyle, mencionou ter visto uma marca igual em sua barriga.

- Ele estava errado. Era uma tatuagem temporária - ela tirou a blusa de dentro das jeans e a levantou – Tá vendo? Nenhuma marca – ela tornou a abaixar a blusa.

As marcas desapareceram faz pouco tempo. Se Valenti tivesse trazido ela um dia antes, ela não seria capaz de cobrir sua história.

- Podemos ir agora? – perguntou Liz. Soava muito como um pedido, mas ela não pôde evitar.

Valenti a ignorou.

- Eu já vi marcas como essa antes – disse ele – São marcas feitas pelo toque de uma particular raça de seres alienígenas.

O queixo de Liz despencou.

- Você acredita em alienígenas?

O que aconteceu com seu lindo e prático mundo? O mundo onde havia somente conversas periódicas? Uma semana atrás, só quem acreditava em alienígenas eram os turistas. Idiotas que enlouquecem quando viam um boneco falso. Agora ela tem a prova absoluta de que alienígenas existem. E então o xerife, o Sr. Frio, estava contando a ela que ele acredita também.

Valenti retirou seus óculos. “Ele não deveria ter se incomodado”, pensou Liz. Os olhos dele estavam, num tom escuro que não revelava nada que ele estivesse pensando...

- Vou lhe contar uma coisa que nunca contei a nenhum cidadão... nem mesmo o meu próprio filho – disse Valenti – Mas você é uma garota esperta, e pode me ajudar. Eu sou um agente de uma organização chamada Projeto Clean Slate. Nossa proposta é capturar seres alienígenas que vivem nos Estados Unidos e ter a certeza de que as posições deles não sejam ameaçar nenhuma população humana.

Liz o observou, tentando ignorar as emoções que a invadiam agora. Max matou alguém. Max é um alienígena. Max é perigoso. Max me ama.

- Essa organização foi fundada em 1947, o ano da queda. Foi o ano que percebemos que alienígenas existem, alienígenas com tecnologia de viajar para outras galáxias.

- Mas todo mundo sabe que aquele OVNI que caiu foi um balão meteorológico – disse Liz com a voz fraca.

- Não jogue esses joguinhos comigo, srta. Ortecho – respondeu Valenti – Eu sei que você teve contato com um alienígena. Suspeito que esse alienígena, de alguma forma sobreviveu a queda de 1947, talvez como uma criança que ainda estava na incubadora. E eu quero saber o que você vai fazer sobre isso.

Liz sacudiu a cabeça.

- Eu não sei o que você...

- O alienígena que a curou do disparo matou este homem – interrompeu Valenti.

- Eu não levei um tiro. Eu caí. Eu quebrei uma garrafa de ketchup – “eu queria que essa história fosse verdade”, pensou Liz. “Gostaria de poder voltar a viver no mundinho salvo onde eu conhecia todas as regras, e não havia muitas surpresas”.

- Esse alienígena matará novamente – continuou Valenti – Você vai poder viver com isso? Eu vi seu rosto quando você pensou que era alguém que você conhecia debaixo desse plástico. Se você continuar a proteger esse alienígena, em breve alguém estará bem aqui onde você está... Identificando os corpos de suas mães, seus pais, suas irmãs, ou até seus filhos.

- Você pode impedir que isso aconteça. Tudo o que você tem que fazer é me dizer onde achar o alienígena.

Liz tomou um grande fôlego. Então ela puxou o plástico para que cobrisse o rosto do homem morto.

- Eu não acredito em alienígenas – ela disse.

*** 9 ***

Liz permaneceu no estacionamento observando a escola. Ela achava que mesmo que fosse atingida por um tornado, que estivesse por perto, ela continuaria no mesmo lugar que está.

Ela mal podia acreditar que foi só a hora do almoço. E duas horas atrás ela estava preocupada com sua prova de história. Ela começou a andar para a quadra, então virou a direita e rumou para o prédio principal. Ela precisava de um lugar calmo onde ela pudesse se sentar e pensar. Pensar no que ela iria fazer.

Manter o segredo de Max significaria salvar a vida dele. Mas se Max estava matando pessoas... Essa palavras simplesmente não andavam juntas – Max e matando – mas Liz se forçou a continuar com o pensamento. Se Max estava matando pessoas, Liz teria que fazer o que quer que fosse para pará-lo. O que significaria entregá-lo a Valenti.

Liz caminhou até a porta e começou a subir as escadas. Ela iria ao laboratório de biologia. Talvez isso a ajudasse a pensar precisamente e sem isenção, como uma cientista. Qualquer decisão que ela tomasse havia conseqüências de risco de vida.

À medida que Liz se aproximava do laboratório, ela ouviu alguém lá dentro. Droga. Ela realmente precisava de um tempo sozinha agora. Quem havia descoberto o seu lugar favorito? Ela espiou para dentro da sala. Max estava sentado num dos banquinhos altos do laboratório.

Liz se afastou e encostou-se contra a parede. “Maria provavelmente chamaria isso de sinal do universo”, ela pensou. “Mas o que isso significava?”

Ela queria tanto acreditar que podia confiar em Max. Mas ele havia guardado esse segredo dela a tanto tempo que os dois se conheciam. Um enorme segredo. E ela nunca suspeitaria.

E se ele ainda estivesse escondendo coisas dela? E se tudo que ele contou a ela na casa dele foi mentira... mentiras diferentes? E se humanos fossem apenas pedaços de carne para ele? E se matar humanos fosse como comer hambúrguer ou algo assim?

- Tudo vai ficar bem – ela ouviu Max falar baixinho.

Espera. Ele sabia que ela estava ali? Ele tinha mentido sobre ser capaz de ler a mente dela?

- Eu sei que você não está se sentindo muito bem, mas eu vou te curar.

Talvez houvesse alguém na sala com ele e Liz não percebeu.

Liz se aproximou da porta novamente. Ela viu Max curvado perto da gaiola dos ratos. Ele abriu a porta da gaiola e gentilmente tirou Fred de dentro, o ratinho branco.

- Você vai ficar bem – ele murmurou calmamente.

Ele fez uma concha com as mãos, levou para seu peito e embalou o rato contra ele. Liz podia ver o azul chocante dos olhos de Max do outro lado da sala. Um momento depois, ele colocou Fred de volta na sua gaiola. O rato pulou na roda de exercícios com um guincho e começou a correr.

Liz sentiu seus olhos se enxerem de lágrimas. Essa foi a coisa mais doce que ela alguma vez já viu. E Max não sabia que alguém estava vendo. Ele não estava tentando enganar ninguém. Ele não estava tentando enganar Liz sobre manter seu segredo... ele nem sabia que ela estava ali.

“Ele se colocou em perigo quando me salvou”, Liz se lembrou. “Ele podia ter me deixado morrer. Mas esse não seria Max. Não seria o doce, o maravilhoso cara que tem sido seu amigo desde a terceira série”.

Não tinha chance de Max ser um assassino. Nenhuma chance.

Max fechou a porta da gaiola e a trancou.

- Não precisa me agradecer – falou ele para Fred – Eu vou te enviar a conta.

Max escutou um leve barulho atrás dele e virou para ver Liz em pé na beira da porta. A aura dela estava margeada na cor cinza. Ele podia praticamente sentir ondas de frio saindo dela. Tinha alguma coisa muito errada.

- Que aconteceu? – perguntou Max.

- Preciso falar com você, mas não aqui – disse Liz.

- Tem o meu carro – respondeu Max – Você está bem?

- É, vamos. O sinal vai tocar daqui a pouco.

Max pegou sua mochila e caminhou até o carro.

- Você quer ir lá onde eu compro os sonhos? – ele caminhou enquanto subiam no carro – É para onde Michael sempre vai quando não consegue agüentar a aula.

Liz estava pálida.

- Não. Eu não quero ir pra lugar nenhum onde eu possa sentir... cheiro de comida.

- Tá bom então – Max saiu do estacionamento – A gente pode ir ao abrigo dos pássaros. Bitter Lakes é quase há 20 minutos daqui. Eu já estive lá com meu pai. Ele fica dizendo que foi um pássaro na vida passada.

Max gostaria de fazer um milhão de perguntas a Liz no caminho, mas era muito

óbvio que ela estava muito apavorada para falar.

Quando eles chegaram, ele procurou algo ao lado de Liz e abriu o porta luvas até encontrar um pacote de um biscoito envelhecido.

- Estão tão velhos que nem se qualificam mais como comida. A gente pode alimentar os patos enquanto você me fala... o que quer que você tenha para me dizer – Max sempre achou que era mais fácil falar se ele estivesse fazendo alguma coisa ao mesmo tempo.

Liz pegou um biscoito e pulou para fora do carro. Max a seguiu sobre a ponte do lago.

- Então – disse ele.

- Então – repetiu ela – Então, Max, eu descobri uma coisa realmente importante. Uma coisa que você tem que saber. Eu estava tentando pensar numa boa maneira de te contar, mas não tem uma boa maneira.

Ela jogou um biscoito no lago e três patos começaram a brigar, grasnando e se debatendo.

- O xerife Valenti faz parte de uma organização chamada Project Clean Slate, que capturam alienígenas. Eu não sei exatamente o que ele faz com eles depois que os pegam, mas ele acha que os alienígenas são uma ameaça para os humanos, então, o que quer que ele faça, não deve ser bom.

Liz respirou fundo e finalmente encontrou Max a observando.

Max sentiu como se ela tivesse atirado nele. Ele caiu no chão sujo e úmido à beira do lago. Suas pernas completamente sem forças. Max, Isabel e Michael haviam passado horas falando sobre eles, sobre o que eles fariam se algum dia descobrissem os alienígenas. Mas era muito diferente agora que existia uma organização real, com um nome real. E essa organização estava bem próxima de achar Max, sua irmã e seu melhor amigo.

Liz se sentou ao lado dele.

- Você está bem?

- Valenti sabe a verdade sobre mim? – perguntou Max numa voz estranha.

- Não. Kyle falou a ele que viu as marcas na minha barriga. Valenti disse que sabia que foram feitas por um alienígena, mas eu não contei nada a ele – respondeu Liz.

“Kyle viu a barriga de Liz?”. Max se viu com ciúmes. Ele falou para ele mesmo superar aqui. Definitivamente, agora não era a hora.

- E tem mais. Valenti me levou a um necrotério. Ele me mostrou um corpo de um homem com as mesmas marcas prateadas no peito dele. Ele disse... ele disse que o mesmo alienígena que me curou, matou o homem.

- Eu não.. – começou Max.

Liz levou a mão rapidamente ao braço dele. Max pôde sentir o toque dela até em seus ossos.

- Eu sei que não foi você, Max – disse ela – Eu sei que você nunca mataria alguém.

Não tinha nenhum sinal de dúvida na aura dela. Ela estava falando realmente o que achava. Ela sabia a verdade sobre ele, a verdade que ele pensava que nunca poderia revelar a nenhum humano, e ainda assim, ela confiava nele.

De repente o resto do que Liz disse entrou em sua cabeça.

- Valenti levou você ao necrotério? Isso é muito cruel. Se ele tivesse feito isso comigo, eu teria tido a certeza de que um dos meus pais havia sido morto, ou algo assim.

- Isso foi exatamente o que eu pensei. Era o que ele queria que eu pensasse – disse Liz – Eu acho que ele imaginou que eu teria algum ataque e contaria tudo a ele.

Max ainda não acreditava que ela não teve um ataque.

- Aquele homem que ele lhe mostrou tem que ser o cara que tentei salvar no shopping. Ele teve um ataque do coração. Eu tentei salvá-lo... eu estava tentando fazer parecer que estava fazendo uma massagem cardíaca... mas era tarde demais.

Liz concordou com a cabeça.

- As impressões das mãos eram exatamente do mesmo tamanho das suas.

- Como você soube... como você soube que não fui eu quem o matou? – com todas aquelas evidências, como ela ainda pôde acreditar nele? Max achava que ele só podia achar esse tipo de confiança e lealdade vindo de Isabel e Michael. Ele nunca imaginou que viria de alguém do lado de fora.

Liz o encarou, e ele achou ter visto lágrimas brilhando em seus olhos.

- Eu não estava certa – admitiu ela – Eu... eu pensei que possivelmente fosse você. Sinto muito, Max. Aconteceram tantas coisas tão rapidamente. Sinto muito mesmo.

- Tá tudo bem. Tudo bem – Max queria abraçá-la e confortá-la. Mas ele não estava certo de que seria confortável. Só porque ela não achava que ele era um assassino, não significava que ela queria que ele a tocasse – O que te convenceu? – ele perguntou.

Liz deu uma risada.

- Um rato. Eu vi você curando Fred no laboratório. E eu percebi que alguém que se preocupa tanto com a vida de um ratinho não poderia nunca ser um assassino.

Ela ficou séria.

- Eu não deveria ter tomado o rato como prova, Max. Eu vi você fazer milhares de coisas boas todos esses anos. Você sempre sabe quando alguém está magoado, e você sempre tenta ajudar. Você é melhor cara que eu conheço. É verdade.

Max sentiu como se alguém tivesse aberto seu peito e apertado seu coração. Ele nunca imaginou que Liz prestava atenção nele quando os dois não estavam no laboratório. Mas ela havia percebido coisas sobre ele, e ela se preocupava com ele. Ele pôde ver isso nos olhos dela, o sentimento em sua voz.

Ele pegou uma mão cheia de biscoito e jogou no lago. Ele não sabia o que dizer.

- Você se lembra de alguma coisa da queda? – perguntou Liz – Eu sei que eu pirei quando você tentou me contar antes, mas eu gostaria de ouvir agora, se você quiser falar pra mim.

- Não. Eu nem era nascido ainda... essa é provavelmente a razão pra eu ter sobrevivido. Eu estava num tipo de incubadora quando a nave caiu – Max pegou um graveto e começou a fazer buracos na areia com ela – A primeira lembrança que eu tenho é saindo da câmara de incubação e estar numa grande caverna. Eu tinha tipo uns sete anos... bom, isso era o que o pessoal do serviço social achava que eu tinha, mas ainda assim, eu acho que fiquei na câmara por um longo, longo tempo.

Liz pegou outro graveto e começou a desenhar pétalas e troncos nos buracos que Max fez, transformando-os em flores. Ela sacudiu a cabeça.

- Você deve ter ficado com tanto medo. O que aconteceu a você? Como você saiu do deserto sozinho?

- Eu não estava sozinho – hesitou Max. Ele passou tantos anos sem falar sobre isso. Foi ele que fez Michael e Isabel jurarem que nunca diriam uma única palavra sobre o passado deles a ninguém. Mas Liz tinha ido ao extremo por ele, e ela merecia toda a verdade. Não apenas sobre ele... sobre todos eles.

- Isabel estava comigo... nós dividimos a mesma câmara – disse Max.

Liz balançou a cabeça.

- Eu estava imaginando se ela também era, sabe, pelo fato de ser sua irmã.

- Nós escolhemos uma direção e começamos a andar. Tivemos sorte. A gente parou na estrada principal exatamente quando o Sr. e a Sra. Evans estavam voltando para a cidade. Eles nos pegaram e nos levaram para casa, de onde nunca saímos.

- Eu não sei porque eles brigaram tanto para ficar com a gente. Duas crianças que não falavam inglês, que não falavam nenhuma língua. Crianças que não sabiam usar uma escova de dentes ou o banheiro. Crianças que haviam sido achadas vagueando sem roupas na estrada principal.

Max jogou seu graveto fora. Ele não tinha pensando em toda essa porcaria por tanto tempo.

- Nossos pais... nossos pais adotivos... foram incríveis – ele continuou – Eles iam em turnos nos ensinando em casa até estarmos prontos para começar no Roswell Elementary.

- Vocês devem ter aprendido rápido. Na terceira série você sabia todas as respostas para cada pergunta que a professora perguntava. Eu ainda me lembro – disse Liz.

- Você ainda se lembra porque era muito competitiva. Você não gostava que ninguém mais ganhasse pontos da Sra. Shapiro – provocou Max – Mas é verdade. Isabel e eu somos capazes de absorver as informações imediatamente. Quando nossos pais liam livros, nós poderíamos sempre narrar tudo de volta, ouvindo apenas uma vez. Eu acho que temos habilidades muito boas de adaptação. Eu acho que nossos sistemas e nossos corpos, mudaram de forma depois do que encontraram aqui.

- Nossa – Liz balançou a cabeça – Eu acho que você não precisa passar muito tempo fazendo o dever de casa.

- É mesmo – admitiu Max – Mas meus pais estão sempre trazendo livros para casa... muitos livros de direito deles, alguns de medicina e essas coisas. Eles não me deixam parar.

Ele abriu um pequeno sorriso, pensando no constante, bom e velho resmungo de seu pai. O que seria da vida dele se os Evans não os tivessem achado?

“Seria como a vida de Michael”, ele percebeu rapidamente. Saltando de casa em casa, nunca sentido que pertencia a algum lugar.

- Vocês entendem o que são? – perguntou Liz – Digo, algum de vocês sabem da onde vieram?

- Não – disse Max.

- Eu não posso nem imaginar como tem sido isso pra você – disse Liz – Eu tenho essa família enorme bem aqui na cidade. Eu sei tudo sobre eles... e eles sabem tudo sobre mim. E não pára aí. Na hora de dormir meus pais costumavam me contar histórias sobre meus ancestrais.

Liz observou o lago.

- Você sabe, na Espanha tem muito mais formas verbais que você pode usar para falar mais sobre o passado do que do futuro. Acho que isso mostra o quanto o passado é importante pra minha família.

Ela se virou para Max.

- Gostaria de poder te dar um pouco da minha história. Então você não se sentiria tão sozinho nesse... mundo.

- Ficou mais fácil depois que comecei com a escola – disse Max – Porque eu conheci Michael e nós dois percebemos rapidamente que éramos... iguais.

Liz arregalou os olhos.

- Michael? Ele é um... um de... ele é um também?

- Você pode falar. A-li-e-ní-ge-na – respondeu Max – Eu não acho que exista um termo politicamente correto para isso. Nós nem sabemos de que planeta somos, então não sabemos como chamar a nós mesmos. E sim, Michael é um também.

Ele franziu a testa. Ele não queria contar a ela sobre Michael. Mas de algum modo, ele simplesmente soltou. Ele não via motivo para manter segredos para Liz.

- Existem mais de vocês? É tipo, toda uma comunidade secreta? – perguntou Liz.

Max esfregou seu rosto com os dedos. Ele sabia que era normal para Liz fazer um monte de perguntas, mas ele estava começando a se sentir como algum tipo de doido.

- Só nós três, eu acho... Nunca vimos alguma indicação que existem outros. Quando ficamos mais velhos nós passamos muito tempo falando, tentando nos lembrar tudo que podíamos. Todos nós temos essas lembranças de outro lugar, um lugar diferente de todos que vimos, até nos livros. Eu acho que eles compartilham lembranças de pessoas que nasceram no meu planeta, você sabe, como os humanos tem instintos congênitos.

- Eu acho que vi alguns deles quando você me deixou fazer a ligação – disse Liz – Eu vi o céu com nuvens verde ácidas.

- É, Michael, Isabel e eu temos essa lembrança, mesmo que nenhum de nós tenhamos visto algo parecido com aquelas nuvens.

De repente Max se imaginou o que mais Liz havia visto durante a ligação. Ela sabia como ele se sentia sobre ela? Ele esperava que não. Ele já teve muitas conversas humilhantes com Liz. Ele nunca gostaria de ter aquela que ela falaria que ela gostava dele como um amigo. Isso o faria querer murchar e morrer.

Ele limpou sua garganta.

- Nós fizemos algumas pesquisas onde Michael foi achado. Aí pegamos um mapa e desenhamos um círculo que cercava a localização do lugar e o lugar onde nossos pais acharam Isabel e eu. Começamos a fazer procuras na área... primeiramente com as bicicletas e depois com meu Jeep. E finalmente tropeçamos na caverna. Nossa caverna. Quando vimos as câmaras de incubação, nós percebemos a verdade sobre nós mesmos. Sempre escutamos estórias sobre o Incidente Roswell... então sabíamos que o objeto de prata de nossas câmaras combinavam exatamente com as descrições dos materiais dos escombros achados no lugar do acidente.

- Vocês sabem como as câmaras foram parar na caverna? – perguntou Liz.

- Nós falamos sobre isso. Achamos que um de nossos pais deve ter conseguido esconder as câmaras lá antes de morrerem.

Max sabia que os alienígenas na nave devem ter ficado gravemente feridos por causa da queda. Mas alguém havia escalado as ruínas e ter feito o que quer que fosse para salvar Max, Isabel e Michael. “Quem fez isso deve ter nos amado”, Max pensou. Ele sentiu sua garganta apertar.

- Valenti tem os fatos bem certos. Ele disse que achava que algum alienígena criança havia sobrevivido a queda – disse Liz – Eu não sei como ele sabe disso.

Max se sentiu atingido por algo. Talvez o alienígena que os tirou de lá havia tentado voltar a nave, tentado salvar os outros. E talvez a organização de Valenti o encontrou, o capturou, o torturou, pegou a informação dele.

“Meus pais”, pensou Max. Talvez o pessoal de Valenti machucou um dos meus pais.

- A gente tem que ter um plano, Max – Liz estava dizendo – Valenti não vai desistir. Ele vai lhe rastrear, não importa o tempo que dure.

- Você já fez o suficiente – disse Max a ela – Você manteve o segredo. Agora você tem que se distanciar. Eu não quero colocar você em mais perigo.

- Olhe para mim – disse Liz ferozmente. A mão dela tocando seu braço e ele sentiu o calor e a suavidade. “Ela é tão linda”, ele pensou com sofrimento – Eu não vou simplesmente me distanciar. Você salvou a minha vida, e eu nunca esquecerei isso.

Max se sentiu aliviado. Ele queria Liz fora de perigo. Ele a queria salva. Mas ele também queria que ela o ajudasse a entender sobre ele... que ela ficasse com ele. E ela iria fazer isso. Ela não iria simplesmente desaparecer.

- Então eu acho que é melhor a gente contar a Isabel e Michael o que você descobriu – disse Max.

- E a Maria – Liz falou a ele – Ela sabe também. Estamos nisso juntas.

“E isso significa que estamos todos em perigo”, ele pensou.

*** 10 ***

- Eu me sinto como se estivesse num tornado – disse Max enquanto eles estacionavam no estacionamento da escola. Ele fazia algo que lembrava uma tímida tentativa de sorriso com Liz. Tudo continuava igual, mas tudo estava diferente.

- Eu senti exatamente a mesma coisa quando o Valenti me deixou aqui depois da nossa visitinha ao necrotério. – respondeu Liz.

Isso acontecia sempre com Maria – elas sempre terminavam as frases uma da outra e faziam sempre as mesmas associações e ligações. Mas Liz nunca sentiu essa ligação com um garoto antes.

- Você está pronta para entrar? – perguntou Max.

Liz olhou os olhos de Max, seu rosto. Como é que ela nunca havia percebido como ele era lindo?

- Vamos esperar até o sino tocar, aí poderemos nos misturar melhor. A gente não precisa ser apanhado por ter gazeado aula.

- Liz Ortecho, fora da lei – brincou Max. Mas ele não olhou para ela e sua voz soou desafinada e sem vida. Ele pegou o pacote de biscoito e o amassou. Ele dobrou no meio, depois dobrou no meio de novo, e continuou dobrando até ficar um pequeno quadrado.

“A coisa toda sobre Valenti está começando a entrar na cabeça dele”, pensou Liz enquanto o observava. Ela gostaria de dizer alguma coisa que o faria se sentir melhor. Mas ela sabia que não havia nada, então ela apenas sentou-se com ele, esperando que isso pelo menos ajudasse um pouco.

“Talvez eu devesse apertar sua mão ou algo assim”, pensou Liz. Ela ficou observando a mão dele no banco. A mão que tocou seu ferimento, que a havia curado. Será que ela ajudaria a fazê-lo se sentir melhor segurando a mão dele?

- Você teve uma conversa legal com meu pai? – uma voz alta falou tirando Liz de seus pensamentos.

Liz seguiu a voz e viu Kyle Valenti dirigindo-se para o Jeep de Max.

O sino tocou, o som agudo explodiu através das portas da escola.

- Vamos sair daqui. Eu não quero lidar com Kyle agora – disse Liz mantendo a voz baixa.

- Devo dar um jeito nele? – perguntou Max.

- Não, só vamos embora – eles saíram do Jeep e começaram a atravessar o estacionamento. Liz andava rápido, mas não tanto. Se Kyle achasse que ela estava com medo, só o encorajaria mais.

Ela ouviu o som das botas de Kyle no asfalto os seguindo.

- Interessante – disse ele numa voz falsa – Você saiu da escola para um interrogatório, e então você e Max Evans estão juntos. Isso é muito interessante. Eu aposto que meu pai vai achar isso também.

“Kyle está certo”, pensou Liz. Não precisaria ser um gênio para saber que Liz estava tentando avisar ao alienígena que ela estava protegendo. E se Valenti ouvir que ela gazeou aula com Max, ele ficaria ao menos curioso sobre Max... quem ele era, porque Liz correria para ele depois de uma viagem ao necrotério.

Liz se virou para encarar Kyle. Max se moveu a protegendo, ficando bem perto dela... e isso deu a ela uma idéia.

- Por quê? Seu pai é um tipo de perverso ou algo assim? – perguntou ela a Kyle – Ele gosta de escutar todos os detalhes de quem está saindo com quem? – Liz passou o braço em volta da cintura de Max. Ela pôde sentir a tensão em seu corpo, cada músculo contraído.

“Espero que ele não enlouqueça com seguir minha história”, pensou ela. Então ela sentiu o braço de Max em seus ombros. Bom.

- Eu falei com Max sobre gazear aula. A gente queria algum tempo sozinhos – adicionou Liz.

Kyle não estava nem um pouquinho frio e controlado como o pai dele. Se ela forçasse um pouco mais, ela poderia provavelmente fazê-lo esquecer suas suspeitas. Ela apenas daria a ele coisa mais interessante para pensar.

- Às vezes você não pode simplesmente esperar a aula terminar, sabe? E os meus pais saíram hoje a tarde, então...

- Você e Evans... certo. Eu acredito nisso – disse Kyle sarcasticamente.

Liz levantou sua sobrancelha.

- Bom, eu acho que os garotos não reparam nos outros garotos.

Ela deixou Kyle imaginar aquilo. Ela sabia que tinha conseguido quando um rubor de raiva coloriu o rosto dele. Ele abriu caminho atrás de Max e Liz sem dizer outra palavra.

- Eu espero não ter danificado seu pequeno ego masculino – disse ela. Ela queria que Kyle ficasse bravo. O impediria de pensar muito.

Max começou a fazer o caminho, mas Liz passou seu outro braço em volta da cintura dele e o puxou para perto.

- Eu tenho a sensação de que Kyle estará nos observando. Ele não é tão idiota quanto parece – disse ela calmamente – A gente devia se beijar ou algo assim.

- Hum, se você acha que a gente deve – respondeu Max. Sua voz soava mais baixa que a normal, rouca.

Liz entendeu porque atores sempre dizem que fazer cenas de amor não era sexy. Era como se ela tivesse esquecido como se beija. Ela não sabia decidir o que fazer com suas mãos. Tudo que ela podia pensar era Kyle os observando. Se isso não funcionasse...

Max inclinou o queixo dela com o seu polegar, e ela se encontrou fitando os olhos dele. De repente ficou muito difícil pensar em Kyle. Max abaixou a cabeça e ela fechou os olhos, esperando sentir os lábios dele contra os dela. Em vez disso, ele beijou o pescoço dela. Uma sensação inesperada que a deixou em choque.

As mãos dele passaram para os quadris dela, apertando-a contra ele. Liz sentiu um pequeno tremor fluindo através dele. “Ou talvez seja eu”, pensou ela. “Talvez eu que esteja trementando”.

Max a beijou daquele jeito até perto de sua orelha.

- Você acha que ele já foi? – murmurou ele.

“Quem?”, pensou ela. Então ela se lembrou. Kyle. Isso tudo era um show para ele. Seu coração batia loucamente. E o de Max também. Ela podia sentir através de sua camisa. Seu calor, sua força.

Liz passou seus dedos nos cabelos de Max, o abraçando mais para perto.

- Talvez devêssemos esperar um outro minuto – murmurou ela – Só pra ter certeza.

- Isso é culpa sua, Max – disse a voz de Isabel abalada de raiva.

Max sabia que seria tenso falar com Isabel, Michael, Liz e Maria numa sala sobre a situação com Valenti. Mas ele não esperava que fosse tão ruim. Ele se sentia como se estivesse sentado num campo minado ao invés de sua sala de estar. Uma palavra errada para qualquer um deles, poderia causar uma explosão que destruiria a todos.

- Se você não tivesse curado ela, isso não aconteceria – choramingou Isabel.

Max sabia que ela estava aterrorizada. Ele queria contar a ela que a proteção de Valenti não importa como. Mas isso só pioraria as coisas. Isabel odiava admitir que estava com medo... isso a fazia se sentir vulnerável ou algo assim. Se ele tentasse acalmá-la, ele sabia que ela explodiria em cima dele.

- Você acha que ele devia ter deixado ela morrer – exigiu Maria – Você acha isso também, Michael? Vocês acham que Max deveria ter deixado Liz sangrar até a morte?

A aura de Maria geralmente lembrava a Max um lago num dia de verão... azul cintilante. Agora está mais para um oceano antes de uma tempestade... verde escuro e barulhento, potencialmente letal.

- Você acha que a vida de Liz é mais importante que as nossas? Porque pode desistir disso – respondeu Michael calmamente. Muito calmamente. Michael não era um garoto calmo. Ele estava sob controle... um pouco... e se ele perdesse o controle, Max não sabia o que ele poderia fazer.

- Olha, mesmo antes de Michael me curar, Valenti sabia que alienígenas existem. Ele não tem nada a acrescentar agora – disse Liz. Ela olhou de Maria a Michael e para Isabel, fazendo contato visual com todos eles.

Max poderia dizer que ela estava tentando fazer algo arriscado, mas ele achou que era muito tarde. Ele deveria contar a Isabel e Michael sobre o Valenti sozinhos. Estar cercado por humanos que conheciam seus segredos era demais para eles.

- Valenti tem algo a acrescentar agora – insistiu Isabel – Ele sabe que você sabe quem é o alienígena. Ele vai simplesmente ficar insistindo até você contar a ele.

- Liz nunca faria isso! – exclamou Maria.

- Liz nunca faria isso – repetiu Michael numa voz aguda, ridicularizando-a – Você só diz isso porque é muito inocente para pensar sobre todos os modos de alguém tão esperto quanto o Valenti em sugerir algo para fazer alguém falar.

- Não é com Liz que eu estou preocupada – disse Isabel a Maria – É com você. Você quer contar a verdade a Valenti, não quer?

- Nós prometemos que não contaríamos... – começou Liz.

Mas Maria a interrompeu.

- Sim! Eu quero contar a ele. Eu não vou... não a menos que todos concordem. Mas pense nisso... resolveria tudo. Ele disse a Liz que só queria rastrear alienígenas para ter certeza que não são perigosos para os humanos. Uma vez que ele descobrisse isso não machucará ninguém, ele deixaria vocês sozinhos. Eles deixaria nós todos sozinhos.

- Eu tenho três palavras pra você: Projet Clean State. Isso parece ser um “Bem Vindos” pra você? – exigiu Michael – Parece mais um termo politicamente correto para dizer esquadrão da morte.

- Michael está certo – disse Liz – Não podemos...

- Eu não me importo com o que você tem que dizer sobre isso. Você não é uma de nós – Isabel se levantou da cadeira e caminhou até Maria. Ela abaixou os olhos até ficar cara a cara com ela – Se você der um passo em direção a Valenti, eu saberei, e matarei você. Eu posso fazer isso, e você nem vai me ver chegando. Você vai dormir uma noite e nunca mais acordar.

- Cala a boca e sente-se aí – explodiu Max – Ninguém vai matar ninguém. Você está agindo tão fria e cruel quanto Valenti.

Isabel se endireitou e encarou Max. Ele pôde ver lágrimas brilhando em seus olhos

- Me desculpe, Izzy – disse ele imediatamente – Eu não queria que soasse assim.

- Nem se preocupe – ela respondeu – Eu sabia que ficaria do lado delas – ela correu para fora da sala. Poucos minutos depois Max ouviu seu Jeep derrapando na estrada.

- Boa, cara – resmungou Michael, enquanto saía atrás dela.

Max ficou feliz por Isabel não estar sozinha. Não tinha chance de ela o deixar explicar ou se desculpar de nada por enquanto. Mas ela falaria com Michael, e ele a impediria de fazer qualquer coisa idiota. A menos que ela o convença a fazer alguma coisa idiota.

- Eu tenho que ir também... eu não posso... – a voz de Maria falhou. Ela agarrou sua bolsa e jaqueta e engoliu em seco. Max andou para o sofá e se sentou ao lado de

Liz.

- Eu acho que foi muito bem – disse ele sarcasticamente.

- Eu falo com Maria – disse Liz – Eu sei que posso convencê-la a não ir a Valenti. Ela só está com tanto medo que gostaria de acreditar que poderíamos contar a ele e ele iria endireitar tudo.

- Isabel está assustada também... mais do que assustada. Ela tem pavor de Valenti desde que éramos crianças. Ele era, tipo, o bicho-papão para ela. Ela tinha pesadelos com ele e acordava gritando – respondeu Max – Mas ela não vai machucar Maria. Isabel não é doida.

Liz não respondeu. Ela apenas estudou o rosto dele, os seus intensos olhos castanhos.

- Quê? – perguntou ele.

- Você arriscou tudo quando me curou, não foi? – disse Liz – Colocar Michael e Isabel em perigo deve ter mesmo te deixando preocupado.

- Eu sabia que podia confiar em você – ele sussurrou, encarando ela. Ele quase podia sentir sua pele sobre os lábios dele. Ele quase podia sentir o corpo dela pressionando contra o dele. Sem pensar, ele se inclinou para ela.

“Que é que você tá fazendo?”, pensou ele. “Ela deixou você a beijar hoje para fugir de Kyle. Ponto”.

Então por que os olhos dela ficam olhando os lábios deles? Será que ela queria que ele a beijasse outra vez? Com certeza parecia isso. Mas se Max estivesse entendendo errado aqueles sinais, se ela só tivesse deixado ele a tocar para tirar o Kyle da frente, Max iria parecer um imbecil. Pior que um imbecil.

- Hum. Eu devo ir atrás de Isabel e Michael – disse ele.

*** 11 ***

“Existe uma similiaridade notável no número de abduções dadas às procedências médicas feitas neles pelos seres alienígenas. Vários falaram que os cabelos, a pele e amostras de tecido foram colhidas e aqueles pequenos objetos foram implantados em várias partes do corpo. Vários sentiram uma agulha ou uma broca penetrando na caixa craniana.”

Maria parou de observar. Ela não podia mais ler. Ela achou que uma passada no museu UFO a faria se sentir melhor, porque a ajudaria a entender Max, Michael e Isabel. Mas isso havia enchido a mente dela de imagens horríveis.

Os alienígenas não viam nada de errado em fazer experimentos com pessoas. Querem saber como os humanos pensam... por que simplesmente não alfinetar os cérebros? Nem precisa anestesia. E se você acidentalmente causar uma lobotomia

ou um traumatismo tão ruim que a pessoa não vai mais poder trabalhar ou ter uma família – sem problema, há muito mais para lucrar.

Maria escutou passos atrás dela. Ela se virou e viu Alex se apressando em sua direção. Ela o chamou faz mais de uma hora.

- Acabei de receber sua mensagem – disse ele sem fôlego – Você me parecia bem preocupada. Que foi que houve? Por que você queria me encontrar aqui?

- Você acredita em vida em outros planetas? – perguntou Maria.

- Por favor, me diga que você não me arrastou pra cá para fazer uma de suas maratonas de conversas sobre o significado da vida – reclamou Alex.

Maria deu uma olhada ao redor do museu. Havia alguns turistas que poderiam escutá-la. Ela agarrou o braço de Alex e o levou para a pequena cafeteria lá atrás e o fez se sentar na quina da mesa.

- Se lembra daquele dia no almoço, quando você veio pra mim e Liz e ela começou a falar de tampax? – perguntou Maria.

- Será que você poderia, por favor, escolher um assunto e permanecer nele por dez segundos? – começou Alex.

Maria abriu a boca, então fechou. Ela ia realmente contar a Alex sobre Max e os outros depois de ter prometido a Liz que nunca ia dizer nada a ninguém?

Ela fitou a mesa e seguiu com os olhos umas cabeçinhas alienígenas decoradas em cima dela. Ela correu os dedos sobre eles repetidamente. Era grande, escura, tinha olhos em forma de amêndoa que pareciam encará-la, a acusando.

Liz simplesmente não entendia. Ela pensava que podia confiar em Max. Ela não percebia que alienígenas não tinham os mesmos sentimentos e emoções que os humanos.

Alex estendeu a mão e tirou as mãos de Maria de cima das cabeças dos alienígenas.

- Ei, tem alguma coisa muito errada, não é? Você pode me dizer. O que tem naquele dia do almoço?

Ela não podia lidar com isso sozinha. E pela primeira vez ela não podia falar sobre seus problemas a Liz. Liz era parte do problema.

- Naquele dia no almoço Liz mudou de assunto quando você chegou porque uma coisa aconteceu com ela, uma coisa que nós duas prometemos manter segredo – disse Maria.

Alex se inclinou para perto.

- Liz está bem? – ele perguntou.

- Sim. Pelo menos por hora – respondeu Maria. “Só diga o que quer”, ela pensou – Na semana passada Liz levou um tiro enquanto estava trabalhando no Crashdown. Max Evans estava lá... e ele a curou. Ele colocou as mãos dele sobre o ferimento, e então o fechou. Ele salvou a vida dela.

- Ah, saquei – Alex deslizou para trás da cadeira – Você e Liz estão trabalhando no projeto da Sra. Dibble. Arlene Bluth me contou que vai sair por aí pedindo coisas emprestadas e devolver pelo correio. Ela deve escrever um relatório das reações e analisar o que isso indica sobre a sociedade ou algo assim. Seu projeto é bem mais legal.

- Eu não estou falando sobre o projeto da escola – explicou Maria. Sua voz começava a sair de controle. Ela inspirou profundamente e continuou – Eu estava lá quando aconteceu. Eu estava segurando um pano sobre a barriga de Liz, e eu pude sentir o sangue ensopar o pano. Meus dedos estavam começando a ficar escorregadios e eu sabia que ela ia morrer.

Maria engoliu em seco, asperamente.

- Enfim, ele a salvou. E quando ela perguntou a ele como ele havia feito aquilo, ele falou que era um alienígena.

“Pronto, falei”, pensou ela. Ela se sentiu horrível por ter traído a confiança de Liz, mas as duas estavam em perigo, e elas precisavam de ajuda.

- Você tá falando sério. Você realmente acredita que Max é de fora-do-espço? – perguntou Alex.

- Max, Isabel e Michael Guerin – disse Maria.

- Tá certo. Mais alguém? – zombou Alex – Que você diz do Ronald McDonald? Ninguém na terra tem pés daquele tamanho. E não se esqueça do Elvis... todo mundo sabe que ele é pelo menos metade alienígena.

- Tô falando sério – insistiu Maria. Ela tinha que fazê-lo acreditar nela. Ela tinha que fazer. Ela precisava de alguém do lado dela.

- Você tá ficando doida. Eu sinto que deveria levar você para uma clinica de reabilitação ou algo assim – disse Alex – Mas eu sei que você nunca põe impurezas no seu corpo.

- Então você acredita em mim? – perguntou Maria

- Eu não sei. Vamos só fingir que eu acreditei em você e seguir em frente – Alex colocou as mãos em outro lugar e tirou o cabelo do rosto – Você sabe, você não é a primeira pessoa a me contar histórias sobre alienígenas. Um amigo do meu pai, um piloto das forças aéreas, jura que viu um OVNI. Ele jura. Ele é um cara militar totalmente de acordo com as regras.

Ele estava esperando para ouvir. Isso era tão relaxante quanto o bom cheiro de cedro. Maria deu um tempo e contou a história o mais calmamente que ela

conseguiu, com o máximo de detalhes possíveis. Alex não a interrompeu com perguntas. Ele estava apenas concentrado no que ela dizia, seus olhos verdes olhando o rosto dela.

- Você sabe que outros poderes eles têm... além de curar? – perguntou Alex.

Maria sacudiu a cabeça.

- Valenti e Elsevan DuPris disseram que o poder de curar e o poder de matar andam juntos, mas eu não sei se é verdade ou não.

- Seu eu tivesse certeza de quais eram os poderes deles, eu diria que nós deveríamos apenas tentar conversar com eles. Parece que todos vocês estão com medo – disse Alex – Mas esse é o problema. Medo e pavor somado com a possibilidade de habilidades letais que não temos chance de combater... essa não é uma combinação feliz.

- Valenti é a única pessoa que tem as informações que precisamos. Ele sabe mais de alienígena do que qualquer outra pessoa – disse Maria. Ela olhou de relance para todas as cabecinhas de alienígenas em cima da mesa e as cobriu com sua bolsa – Temos que ir para o Valenti. Ele é o único que pode nos proteger.

"Esse era o lugar certo para vir", pensou Isabel. A entrada da caverna era quase impossível de achar se você já não sabia onde ela estava. Não era do lado da rocha nem nada... era mais um buraco no chão do deserto.

"É, não tem nem chance de Valenti saber da caverna". Se alguém soubesse sobre isso, ela estaria provavelmente boiando numa banheira cheia de formaldeído em algum lugar agora. Ela estremeceu com a imagem que apareceu em sua cabeça.

"Mas isso era o que teria acontecido", disse Isabel para ela mesma. Se algum humano tivesse achado nossas câmaras enquanto estávamos incubados, eles teriam nos cortado, nos matado antes de termos a chance de viver.

Isabel observou o saco de dormir de Michael no canto da caverna. Ela o pegou e colocou por cima de seus ombros. Era quase como ter os braços de Michael ao redor dela... esse pedaço grosso de pano era quente, e cheirava igual a ele.

Ela desejou que Michael estivesse ali agora. Era fácil se sentir segura com Michael por perto. Além do quê, eles precisavam saber o que fariam sobre Valenti... e eles definitivamente precisavam fazer planos sem Max e os humanos. Max estava completamente desprezado. Liz mexeu tanto nele, que ele nem podia ver direito. Ele também pensava que podia confiar nela.

"Vou falar com Michael assim que chegar em casa", decidiu Isabel. Mas ela ainda não podia voltar. Valenti estava lá fora em algum lugar. E esse era o único lugar onde ela tinha certeza absoluta que ele não a acharia.

"Ele não sabe que foi Max que curou Liz", Isabel lembrou a si mesma. E se ele não

sabe de Max, ele não sabe de mim. Nada de ruim aconteceu. Valenti não sabe de nada.

Mas ela meio que não acreditava nisso. Ela sempre teve a impressão de que Valenti estava sempre se aproximando mais da verdade, de descobrir sobre ela. Quando ela era criança, costumava sonhar com ele toda noite.

Exceto nos sonhos em que ele era um lobo, um lobo e xerife Valenti ao mesmo tempo. No sonho, ele estava sempre a caçando, fungando e rosnando e se aproximando mais e mais de onde ela estava escondida.

Isabel se sentou e se encostou contra a parede fria de pedra calcária. Talvez ela pudesse se mudar para cá. A caverna era quase três vezes tão grande quanto seu quarto. Um rádio, alguns travesseiros, seu estojo de maquiagem... não seria tão ruim. Ela deu uma risada afetada. Stacey iria amar isso. Isabel Evans morando numa caverna.

Ela não ia permitir que Valenti fizesse isso a ela. Ela não ia se esconder dele pelo resto da vida dela... apenas por hoje. Isabel desejou que pudesse fechar os olhos e dormir por horas, como humanos fazem. Ela só queria apagar por algum tempo. Mas ela não podia. Não era tempo para dormir ainda, e seu corpo não ia simplesmente desligar fora da hora.

Isabel suspirou, e então alcançou e puxou o baú dos tesouros do buraco vazio da parede. Já fazia um tempo que ela não olhava para os objetos que ela, Max e Michael encontraram no deserto. Talvez eles pudessem ajudar a manter Valenti fora de sua cabeça.

Ela abriu a tampa de madeira velha e tirou um pedaço quadrado de um material que parecia ser plástico. Ela correu os dedos sobre as marcas púrpuras. Ela havia passado horas tentando decifrar aquilo. Ela nunca falou a Max e Michael, mas ela esperava secretamente que fosse uma mensagem de sua mãe.

Isabel não pensa mais tanto em sua mãe, ou ao menos ela tenta não pensar tanto. Alguns anos atrás ela havia alugado a fita sobre a autópsia dos alienígenas do Incidente Roswell. Ela só foi capaz de assistir a alguns minutos. Quando ela viu aquele corpo pequeno deitado na mesa de metal lhe causou náusea... mesmo antes dos médicos fazerem a primeira incisão.

Max e Michael ficaram falando que a fita toda é falsa. Eles não sabiam como os pais deles realmente pareciam. Eles nem tinham certeza de que eles mesmos eram realmente o que pareciam. Talvez o corpo humano deles seja uma forma de adaptação para viver na terra. Talvez no planeta deles, eles se pareceriam totalmente diferentes.

Não importava para Isabel se a fita era falsa ou não. A partir daquela noite, toda vez que ela pensava na sua verdadeira mãe, aquela imagem invadia a cabeça dela, bloqueando qualquer outra coisa.

Os ombros de Isabel começaram a tremer, e ela deixou um soluço escapar. Isso é o que vai acontecer comigo quando Valenti nos descobrir. Ela quase pôde sentir o

metal gelado embaixo de sua pele, o corte da faca.

Ela se enfiou no canto mais a beira da caverna que ela poderia estar. Ela segurava os joelhos contra o peito e estendeu o saco de dormir sobre ela.

- Você está a salvo aqui – ela murmurou. Mas ela não pôde evitar outro soluço de choro.

Ela escutou um barulho de alguém arrastando os pés. Levantou a cabeça e viu um par de longas pernas vestidas de jeans na entrada da caverna

- Ei, Izzy Lizard – disse ele.

Michael atravessou a caverna a passos longos e pôs seus braços ao redor dela. Ele a balançou para frente e para trás, a apertando contra seu peito.

Isabel o abraçou. Ela finalmente se sentia salva. Salva... e um tanto quanto envergonhada.

- Eu... eu sinto muito – gaguejou ela – Eu n... não consigo parar de chorar.

- Eu já te vi chorar antes – disse ele. Ele passava as mãos dele nas costas dela, a tranquilizando – Você chorou mais que isso naquela vez que eu afoguei sua boneca na privada.

- Eu estou deixando sua blusa toda molhada.

- Eu odeio essa blusa – Michael usava o canto de sua blusa para secar as lágrimas do rosto de Isabel – Você pode até assuar o nariz se quiser. Eu não me importo.

- Não, obrigada – Isabel pegou lenços de papel da sua bolsa e secou seu nariz. Então ela tirou de lá um CD e observou o rosto dela. Sua pele parecia vermelha e com manchas. Ela colocou um pouco de blush.

- Se sente melhor? – perguntou Michael.

- Me sinto idiota.

- Não se preocupe com isso – ele afastou os cabelos dela do rosto, suas mãos grandes e gentis – Você já fez coisa mais idiota.

Isabel deu um tapa no ombro dele.

- Obrigada.

Michael sacudiu a cabeça.

- Vamos dar o fora daqui. Max deve estar enlouquecendo.

- Ele merece. Não podemos ficar aqui hoje? – Isabel não acha que estava pronta para deixar a caverna, mesmo com Michael.

- Só tem um saco de dormir... e é meu. Qual é. Eu fico na sua casa hoje se você quiser.

- Você vai dormir na frente da porta do meu quarto... que nem um cão de guarda? – ela sorriu para Michael. Era legal fazer alguma coisa normal. Ela tem praticado suas habilidades de paquerar nele desde criança.

- Eu estava pensando mais em um sofá – disse Michael – Mas talvez a gente possa organizar outra coisa. Você concordaria em cortar meu jardim? - ele ficou de pé e estendeu as mãos para Isabel.

Isabel o deixou a levantar e a guiar através da caverna. Ela escalou a rocha que ela usa para alcançar a boca da caverna. Então ela hesitou.

- Ele está aí fora em algum lugar.

- Ele não vai machucar você. Se ele tentar, vai ter que passar por mim – prometeu Michael.

Isabel sabia que teria que deixar a caverna uma hora, e era melhor fazer isso com Michael ao seu lado.

- Vamos.

Isabel saiu da caverna. Michael apareceu um segundo depois. Eles começaram a longa caminhada até o Jeep e Isabel tirou o pano usado por ela para camuflar. Eles sempre estacionavam o carro longe da caverna por precaução. Ela deu as chaves a Michael e pulou no banco do lado.

- Você dirige, certo? – perguntou ela. Ela simplesmente não podia dirigir agora.

- Claro – Michael escalou atrás da roda e tirou o Jeep da saliente montanha rochosa onde eles o esconderam. Isabel podia ouvir os arbustos da mesquita fazendo barulho embaixo dos pneus enquanto eles voltavam em direção à estrada.

-Como você conseguiu sair daqui? - ela perguntou.

- Empurrando.

- A gente está deixando rastros? – perguntou ela. Ela nunca pensou nisso antes. Eles estavam deixando um rastro que podia levar Valenti à caverna deles?

- Está muito seco aqui – respondeu Michael – Valenti é só um homem, você sabe. Você age como se ele fosse um super-humano com poderes ou algo assim. Se ele chegar perto, a gente dá um jeito nele.

Ela olhou de esguelha para ele. Ele não estava brincando.

- E Liz e Maria?

Michael não respondeu por um tempo.

- Eu acho que Max está certo sobre Liz. Se ela fosse falar, já teria falado quando Valenti mostrou a ela as impressões da mão no corpo do cara. Mas Maria... Eu não acho que ela queria machucar ninguém, mas ela está assustada. E isso a torna imprevisível.

- Ela praticamente disse que ia falar com Valenti – lembrou Isabel.

- Eu aposto que Liz pode lidar com Maria – Max disse enquanto movia o Jeep na direção da estrada principal – Mas se ela não puder...

O som agudo de uma sirene cortou o que ele falava. Isabel olhou para o espelho retrovisor. Ela viu as luzes azuis do carro do xerife, e seu coração bateu tão forte que ela sentiu nas costelas.

- É Valenti – ela sabia que ele estava ali. Ela sabia que ele iria capturá-la.

Michael dirigiu para a beira da estrada.

- Não pára, você tá doido?- choramingou Isabel.

Michael pegou as mãos dela e as apertou forte.

- Eu estava provavelmente à cima da velocidade ou algo assim. Você tem que se conter. Não o deixe perceber que você está com medo.

Isabel ficava cada vez mais tensa enquanto ela ouvia o som das botas do xerife no chão aumentar. Ela nem pôde olhar para ele quando ela o ouviu o xerife parar do lado de Michael.

- Eu preciso que vocês saiam do carro, por favor – disse Valenti, sua voz baixa e tranqüila – Os dois.

*** 12 ***

O que aconteceu com ela? Desde que Isabel se irritou e saiu de casa, Max era capaz de sentir o medo dela, forte e constante, como uma dor de cabeça. Mas a cerca de uma hora atrás, ele havia experimentado algo como um martelo na testa. Um fluxo de puro terror. Ele sabia que algo horrível havia acontecido a ela.

“Eu espero que Michael tenha a encontrado primeiro”, Max pensou. Ele não podia suportar a idéia que Isabel estava passando por algo terrível sozinha. “Se Michael não a encontrou, ele teria voltado para cá”, disse Max a se mesmo.

Então onde eles estão? Ele esperava que Isabel chegasse batendo a porta da casa há cerca de duas horas depois que ela saiu... talvez com um novo vestido ou um copo de Bem & Jerry's que ela não iria recusar a dividir com ele. É isso o que ela geralmente faz quando ela briga com ele ou seus pais.

Bom, talvez ele não esperasse que isso acontecesse. Não foi como se ele e Isabel tivessem brigado sobre de quem era a vez de lavar a louça. Mas ele esperava. Ele

realmente esperava.

"A consciência tranquila é o melhor remédio contra insônia", ele murmurou. Era uma coisa que sua mãe sempre dizia. Max e Isabel sempre brincavam com ela porque ela tinha um ditado para tudo. Eles até inventaram esse jogo. Um deles aparecia com uma situação, e o outro tinha que dizer o que mamãe diria.

Max deu uma olhada no relógio. Era mais de duas da manhã. O que poderia ter acontecido que pararia Isabel do caminho para casa? Tudo que ele podia sentir dela era terror... nada mais, nenhuma pista de onde ela poderia estar. Ele ligou para algumas das amigas dela, perguntando ocasionalmente se ela estaria lá, mas ele não ficou surpreso de todas terem dito não. Izzy era popular. Ela tinha um bilhão de amigos a mais que Max. Mas todas eram superficiais, amigas-de-compras-em-shoppings, não pessoas que ela iria atrás se estivesse com problema. Os únicos humanos que Isabel confiava eram os pais deles

"Pô, Isabel, quer chegar logo em casa?", pensou Max. Ele não deveria ter gritado com ela. Ela já estava tão apavorada, e ele fez piorar. Ele podia pegar o carro do pai dele e dirigir por aí. Talvez se ele fosse na direção certa, as emoções de Isabel poderiam ficar mais fortes. Assim ele seria capaz de localizá-la. Geralmente não funciona desse jeito, mas Max tinha que fazer alguma coisa. Se ele permanecesse nesse quarto mais um segundo, ele enlouqueceria. Seus pais o encontrariam no canto do quarto, murmurando para ele mesmo.

Max pegou o chaveiro na cômoda. Ele decidiu sair pela janela. Seu pai tinha uma audição de raio X... se Max tentasse sair pela porta da frente, seria apanhado. Felizmente, eles achavam que Isabel já estava em casa dormindo. Ele não achava que seria capaz de encontrar uma desculpa de porque estar escapando depois da meia noite. Pelo menos não uma que passasse pelo detector forte de seu pai.

Ele deslizou para fora da janela e saltou no quintal. Ele correu para o portão baixo e o abriu. Enquanto ele se dirigia para a garagem, ele escutou o Jeep dele descendo a rua. Ele passou tanto tempo trabalhando no motor que ele conhecia o som de cor.

Max girou em direção ao som. Ele sentiu a tensão esvair de seu corpo quando viu que Isabel e Michael estavam no Jeep... até eles pularem na garagem e ele ver os rostos deles. Todo o batom e as coisas de Isabel haviam saído... ela nunca deixava isso acontecer.

- O quê? – exigiu Max.

- Valenti nos parou – respondeu Isabel.

- Quê? – explodiu Max.

- Ele só estava fazendo o seu usual "parar-todo-mundo-abaixo-de-vinte" – explicou Michael – Mas nos assustou pra cacete.

Michael deu uma olhada para Isabel. Ele fez um pequeno aceno com a cabeça, sinalizando que havia entendido o porquê de Isabel está seriamente abalada.

- Eu acho... eu acho que ele podia dizer que tinha alguma coisa errada – gaguejou Isabel – Eu estava com muito medo pra alguém... que foi parado por excesso de velocidade, especialmente porque eu nem estava dirigindo.

Max podia ver os músculos na garganta de Isabel brigando pra não fazê-la chorar.

- Você agiu bem – disse Michael a ela. Ela tirou a jaqueta dele e arrumou nos ombros dela. Foi aí que Max percebeu que ela estava tremendo.

Isabel sacudiu a cabeça.

- Eu o fiz ter suspeitas. Eu estraguei tudo.

- Ele provavelmente só pensou que você estava preocupada porque foi pega fora de casa tão tarde – disse Max. Ele realmente não acreditava nisso. Ninguém que olhasse para Isabel agora acreditaria nisso. Mas ele tinha que dizer alguma coisa. A expressão assustada no rosto de sua irmã estava o deixando nervoso.

Isabel passou as mãos nela mesma.

- Talvez, talvez você esteja certo – murmurou ela – Mas não estamos mais a salvo. Valenti vai descobrir sobre nós, eu sei disso. Temos que deixar a cidade essa noite e não podemos voltar nunca mais.

- Se a gente fugir, aí ele vai realmente ter suspeitas. A gente acaba com qualquer agente desse Project Clean Slate que procurar por nós – argumentou Max – Além do que, mamãe e papai ficariam arrasados. Eles nunca iriam superar isso.

“E eu nunca mais veria Liz outra vez”, pensou Max. Às vezes tinha algo entre eles, e ele queria estar por perto para ver o que era.

- O sr. Hughes provavelmente faria uma festa se eu fugisse – resmungou Michael – Mas Max está certo. Não seria inteligente.

- Se vamos ficar, temos que fazer alguma coisa em relação a Maria. Ela vai contar tudo ao Valenti... você viu o modo como ela olhou pra gente. E Liz não vai ser capaz de pará-la – insistiu Isabel – Nós nunca estaremos em segurança enquanto qualquer humano souber do nosso segredo.

Segurança. Max sabia o quanto era importante para Isabel se sentir a salvo. Ele não tinha certeza se alguma vez ela já sentiu realmente. Mas ele não poderia ajudá-la a ferir Liz ou Maria.

- Maria é a melhor amiga de Liz – ele disse. Ele tentou deixar a voz dele sem emoção. Ele não queria que Isabel pensasse que ele gritaria com ela de novo – Elas se conhecem desde pequenininhas. Eu tenho certeza de que Liz conseguirá convencer Maria a manter o segredo.

- Você confia muito em Liz – disse Isabel. Ela não parecia feliz com isso.

- Você também deveria. Valenti foi pra cima dela, mas ela não disse nadinha – Max

lembrou a ela – Quero que nós três concordemos que deixaremos Liz e Maria em paz.

Isabel não respondeu. Michael estava olhando para todos os lugares, menos para Max.

- Qual é – encorajou Max.

- Tá certo – disse Michael finalmente.

- Por agora – adicionou Isabel.

Eu não acredito. Maria contou ao Alex. Liz podia dizer só de olhar a cara dele.

Maria e Alex estavam esperando por Liz ao lado do armário, e estava claro que eles não estavam apenas se divertindo, matando tempo antes de o sino tocar. Eles obviamente tinham algo importante para dizer a ela.

- Oi, pessoal – Liz simplesmente não estava pronta para ter essa conversa. Ela agiu como se estivesse realmente surpresa enquanto colocava a combinação do armário. Quando ela puxou o cadeado para baixo, ele não abriu. Ela tinha ferrado a combinação de algum jeito.

- Precisamos falar com você – disse Maria – contei tudo pro Alex. Sei que prometi a você que não contaria, mas eu estava enganada. Toda essa situação é muito grande e perigosa para nós duas lidarmos sozinhas.

Ela soava tão rígida e formal, como se tivesse passado a noite ensaiando. Liz parou de brincar com o armário e estudou a amiga. Maria certamente havia passado a noite de ontem fazendo qualquer outra coisa, menos dormindo. Havia manchas escuras em baixo de seus olhos e sua cor de pele tinha um leve tom acinzentado.

- Eu gostaria que você tivesse, pelo menos, me chamado primeiro – respondeu Liz – Eu te deixei, tipo, umas cem mensagens. Eu até passei na sua casa, mas não tinha ninguém lá.

- Eu sei. Me desculpe – disse Maria novamente – É só o que posso dizer. Mas eu não acho que fiz nada errado.

“Pelo menos ela não está mais fazendo um discurso”, pensou Liz. Liz geralmente ia se sentir totalmente com raiva e magoada por Maria ter dito um segredo que elas concordaram em guardar. Mas ela tinha visto como Maria estava assustada ontem. E Isabel ameaçou matá-la. Isso era suficiente para fazer qualquer um quebrar uma promessa.

- Tá tudo bem – disse Liz. Ela se virou para Alex. Era tão estranho ter ele ali parado todo sério e calado. Ele praticamente não parava de falar – Então agora que você sabe, o que você acha? – ela perguntou.

- Eu acho que nenhum de nós sabe realmente com o que estamos lidando... e isso é perigoso. Não sabemos os poderes que eles têm. Não sabemos qual é a agenda deles. Eu não acho que podemos supor que eles são exatamente o que parecem ser. Eu acho que temos que ir ao Valenti e contar a ele o que tá acontecendo.

- Não! – choramingou Liz - Você tá parecendo seu pai, sabia disso? Falando sobre agendas e poderes. 'Não sabemos o que eles são, então vamos matá-los'. Talvez você devesse seguir carreira militar. Eu acho que você seria ótimo.

Alex recuou. Ela sabia que havia dito a coisa mais dolorosa possível. Mas era verdade.

- Olha, vocês dois estão se esquecendo que conhecem Max, Michael e Isabel. Maria, você especialmente. Você conhece todos eles desde que éramos pequenas. Eles continuam as mesmas pessoas que eram...

- Eles não são pessoas – interrompeu Maria – E Isabel nunca ameaçou me matar no ensino fundamental.

- Não podemos ter certeza de que eles não estão simplesmente jogando conosco, nos mostrando somente o que eles querem que nós enxerguemos – adicionou Alex.

Liz sentiu que estava gritando para os dois. Ela não podia acreditar o quão estúpidos, preconceituosos e horríveis eles estavam sendo. “Você sentiu praticamente a mesma coisa ontem, depois de Valenti falar com você” – lembrou Liz a ela mesma.

- Eu entendo como vocês estão se sentindo. Entendo - disse Liz a eles. Ontem eu estava quase convencida que deveria contar tudo ao Valenti, mais do que quase convencida. Mas então vi Max curando um dos ratos do laboratório. Ninguém estava por perto. Ele não sabia que eu estava observando. Se Max estivesse jogando conosco, por que ele se importaria em salvar algum rato idiota?

- Aquele rato não estava no caminho dele. Você e Maria estão – respondeu Alex.

- Do que você está falando? – exigiu Liz.

- Aquele rato não era uma ameaça a ele – explicou Alex – Por que não curá-lo? Mas isso não significa que se ele se sentisse em perigo... ou até se sua missão estivesse ameaçada, que ele não teria problema algum em matar. Nós simplesmente não sabemos, esse é o problema.

- Missão? Que missão? A gente tá entrando na zona da paranóia ou o quê? – reclamou Liz – Eu conheço Max. Eu confio nele. Eu não vou fazer nada que possa machucá-lo. E nem vocês vão.

- Não é somente sua decisão – choramingou Maria – Eu sou a única que eles não confiam... você ouviu Isabel dizer. Ela virá até mim. Por que você não se preocupa tanto em me proteger, como você se preocupa em proteger Max?

Liz ouviu a voz de Maria falhar. “O que eu deveria fazer?”, pensou. Ela estava presa

no meio de sua melhor amiga e... e o quê? O que era Max para ela, exatamente? Há duas semanas atrás ela diria que ele era apenas seu parceiro de laboratório e amigo casual. Alguém que esteve em sua vida por anos, mas que não era realmente parte da vida dela. Tudo mudou tão rápido.

- É claro que me preocupo com o que acontece com você – respondeu Liz – Mas você está exagerando completamente. Ninguém vai machucar você. Eu prometo.

- Você não pode prometer – insistiu Maria – Você não sabe. Depois da escola eu vou ao escritório do Valenti... você indo comigo ou não.

- Eu vou com você – disse Alex calmamente – Desculpe, Liz. Eu tenho que ir.

Não tinha chance dela pará-los, percebeu Liz. “Nada que eu possa dizer. O que eu vou fazer? Se eu contar a Max que Maria e Alex estão planejando ir ao Valenti, não sei o que poderá acontecer. Michael e Isabel iriam realmente atrás deles, e não tenho certeza se Max poderia pará-los”.

“Mas se eu não disser nada, Valenti virá atrás de Max, Isabel e Michael. E ele provavelmente irá matá-los”.

“Eu não quero escolher”, pensou Liz. “Como posso escolher?”

“O que eu vou fazer?”

*** 13 ***

- Max, venha sentar com a gente – chamou Liz.

Max se virou e viu Liz, Maria e Alex almoçando na grama no centro da quadra. Ele podia dizer pela Aura de Maria que ela estava tão angustiada quanto ontem... talvez mais. Um cinza escuro se misturava com o verde escuro de sua aura.

Mas era na aura de Liz que os olhos dele seguiam. Estava cheia de tantas cores que doía até de olhar. Tinha o amarelo doentio característica do medo e manchas vermelhas que ela tinha quando estava com raiva. Tinha redemoinhos de cinza de preocupação e confusão. E junto com tudo isso, tinha uma teia de aranha de um roxo escuro. A mãe dele teve uma teia de aranha na aura depois que o avô de Max morreu. Era sinal de profunda tristeza.

Liz escorregou para o lado e Max se sentou ao lado dela. Ele não sabia o que dizer. Ele deveria almoçar falando coisas como... alguém ouviu que a Johanne Oakley estava vomitando no banheiro essa manhã, e agora todo mundo pensa que ela estava grávida? Ou que era para terem atacado de repente a Guffman High naquela noite para roubar o mascote de Olsen High de volta; Ou que Doug Highsinger foi mandado para casa por aparecer na escola vestido como Marilyn Manson. Ele não sabia qual assunto falar.

- Hum, então, o que vocês acham que minha próxima lista deve ser? – perguntou Alex – Eu estava pensando que podia ser nomes alternativos para pênis, sabe,

porque eles dificilmente funcionam e... – sua voz desapareceu.

Alex sentiu a tensão entre Maria e Liz, percebeu Max. Você não precisaria ser capaz de ver auras para saber que alguma coisa estava errada com elas. A aura de Alex não era a das melhores também. Parecia oleosa, gosmenta.

- Que tal nomes de cachorros maus? – Liz se precipitou – Nomes que você nunca iria querer gritar se seu cachorro se perdesse – ela parecia super alegre e falsa, do tipo Stacey Scheinin.

“Tem alguma coisa muito errada aqui”, pensou Max.

Liz olhou para Alex e Maria e o sorriso falso de comercial de pasta de dente desapareceu.

- Eu não posso fazer isso – disse ela – Eu não posso simplesmente sentar aqui e... Max, Alex sabe.

Max sentiu como se tivesse levado um soco. Não tinha chance dele poder controlar Isabel e Michael agora. Nenhuma chance. Max felt as if he'd been sucker punched.

Liz alcançou e segurou a mão dele, atando os seus dedos com os dele.

- Eu quero que vocês olhem para Max – ela disse aos amigos – Olhem realmente para ele – Ele salvou a minha vida. Ele...

- Ei Max, parabéns. Eu não achava que você seria capaz de fazer Liz se interessar por você por um dia inteiro.

Max ficou tenso e sentiu Liz apertar com força sua mão ao ouvir o som da voz de Kyle Valenti. Kyle circulou o grupo e se posicionou atrás de Alex.

“Você não pode partir pra cima dele agora”, pensou Max. “Não seria inteligente”.

- De qualquer jeito, não se acostume a perder seu tempo com ela – ele sorriu com ar de superioridade para Max.

Kyle parecia como um dos tipos que precisava de atenção. Max imaginou que se ele não respondesse, Kyle ficaria entediado e iria embora.

Mas Kyle continuou o encarando. Ele parecia um pouco confuso, como se não pudesse imaginar porque Max não estava dizendo nada.

- Bom, eu acho que você pode continuar a ver a Liz se você não se importar em visitá-la na cadeia – continuou Kyle – Ajudar assassinos não te dá fiança – ele virou para Liz - Você sabe que mentir pro meu pai te faz uma ‘ajudante’, né?

- Seus problemas são comigo, deixe ela em paz – ordenou Max.

- Bom, enquanto ela manter segredos pro meu pai, ela não é – respondeu Kyle de volta – Eu não sei o que meu pai acha, mas eu imagino que o assassino que ela

está protegendo é você, Evans. Não é tão legal se esconder atrás de uma garota.

- Kyle, você é patético – explodiu Maria – Você vem com essa teoria ridícula porque você não pode lidar com o fato de que Liz prefere sair com Max e não com você. Apenas cresça.

Kyle corou.

- Eu aposto que a sua irmã ficaria impressionada, Liz – disse Kyle – Digo, ela foi presa uma vez também, mas foi só uma apreensão de drogas. Você foi muito além.

Max se levantou instantaneamente e se dirigiu a Kyle num movimento rápido. Kyle caiu no chão com um baque. Max se aproximou e o golpeou com um soco no nariz. Ele ouviu o nariz quebrar e sentiu sangue quente escorrendo pelos dedos.

- Max, não! – gritou Liz.

Mas ele não iria parar agora. Kyle iria pagar por toda palavra que disse a Liz. Max o deu outro soco na boca. Então ele sentiu umas mãos nas costas de sua blusa, o afastando.

Alex o puxou para longe de Kyle. Ele agarrou Max pelos ombros e o prendeu no chão.

Max levantou a cabeça para o lado e viu Kyle secando o sangue em seu rosto com sua manga.

- Isso não termina aqui – então ele se virou e começou a ir embora.

- Você está certo – berrou Max – Não terminou - ele tentou afastar Alex. Ele iria até Kyle. Ele iria derrubar aquele cara no chão.

Alex colocou seu joelho no peito de Max.

- Você vai ficar aqui. Se você for atrás dele, vai acabar parando no escritório do xerife e seus pais seriam chamados. Você realmente quer estar sentado na sala do xerife Valenti agora? Você não acha que ele ficaria um pouquinho curioso sobre o motivo dessa briga?

Max ainda queria ir até de Kyle, mas o que Alex disse fazia sentido.

- Posso te soltar agora? Já recuperou seu cérebro? – perguntou Alex. Ele encarou Max, esperando uma resposta.

- É, tá certo – murmurou Max. Alex o deixou se sentar. Max esfregou seus braços e observou o rosto de Alex – Cara, como você fez isso? Eu nem vi você chegando... aí já estava no chão.

- Três irmãos mais velhos – respondeu Alex – Grandões.

- Sobre aquilo que você disse? Você estava certo – disse Max a ele – Obrigado.

- Nós temos que ficar juntos contra os Kyles do mundo – respondeu Alex.

“Eu preciso de algum cedro”, pensou Maria. Ela abriu sua bolsa e procurou até achar de seus pequenos frascos. Ela o puxou de dentro. Eucalipto. Ela largou o frasco dentro da bolsa de novo. Eucalipto era para vitalizar e Maria já sentia preparada para pular de sua pele.

“Onde estava o Max?” O último toque já soou faz meia hora, e ele ainda não tinha saído. Ela podia ver o Jeep dele de onde estava, então ela sabia que ainda não havia o perdido.

Maria espreitou dentro de sua bolsa procurando ver o frasco de cedro. Ah, lá estava. Ela o puxou de dentro e balançou o frasquinho. Ela trouxe o frasco para o nariz e fechou os olhos. “Pense numa floresta cheia de velhas árvores de cedro”, disse a ela mesma. “Se veja naquela floresta e sinta paz”

Não estava funcionando. Talvez Liz estivesse certa em relação a aromaterapia. Ou talvez alguns problemas eram simplesmente grandes demais para apenas cheirar cedro e florestas imaginárias. Maria abriu os olhos... e viu Max pular dentro do Jeep.

- Max, espera – chamou ela. Ela correu até ele – Hum, posso falar com você? – ela pulou para dentro do Jeep ao lado dele antes que ele pudesse responder. Ela não queria que ele dissesse não.

- Que foi? – Max fez como se tivesse tocando um solo de bateria no volante. Era completamente óbvio que ele queria dar o fora dali, dali e longe dela.

- Vocês, tipo, nascem com a habilidade de tocar esses refrões de bateria? – ela perguntou – Porque sempre que eu tento fazer, simplesmente soa como se um elefante estivesse fugindo ou algo assim. E Air Guitar? Esquece isso.

Max olhou de relance para ela, seus lábios se curvando num sorriso preso.

- Eu sou a prova viva de que isso não é genético.

- Eu esqueci. Dã. Por um segundo, eu esqueci – E você sabe por quê? Porque você não é essa criatura que saiu de um filme de terror.

- Isso é um alívio – respondeu Max.

- Me desculpe. Eu estava exagerando – choramingou Maria – O que eu vim aqui te dizer é que eu estive com medo de você desde que descobri... você sabe. Eu só ficava pensando que você me via como um mosquito ou um pote de ervilha ou algo assim.

- Peraí. Um pote de ervilha? – Max a encarou.

- Alguma outra... coisa – explicou Maria – Alguma coisa que você não veria como forma de vida, como se diz, gênero ou espécie. Você sabe, tipo pessoas comendo

animais e plantas? Eles podem fazer isso porque eles vêem isso como alguma outra... coisa. Se eles não vissem...

- Espera. Você estava com medo de que eu fosse te engolir? – explodiu Max numa risada.

Maria o encarou... os ombros dele estavam balançando, sua boca se abrindo, seu rosto ficando melhor.

- Bom, na verdade não, quase isso, é, eu estava meio que com medo de que você fosse me engolir – Maria se quebrou em sorrisos. Ela sorriu até seu estômago doer e seus olhos lacrimejarem. Quando os dois estavam começando a parar de rir, Max bufou e isso fez com que os dois se descontrolassem novamente.

- Okay, a gente tem que parar – arfou Maria. Ela apertou seus lábios com as mãos até ela se controlar – Certo, certo. Eu tô bem. O que eu queria te dizer...

Max deu uma risada sufocada. Maria apontou o dedo para ele.

- Não, a gente não vai fazer isso de novo. Eu só queria dizer a você que ficou totalmente claro para mim no almoço o quanto você se importa com Liz. Eu percebi que estava errada sobre você e eu sinto muito.

- Tá tudo bem – respondeu Max – Eu fiquei totalmente louco quando descobri... o que eu era. Me senti um monstro, como se eu devesse ficar longe de todo mundo, menos Michael e Isabel.

Maria sentiu uma onda de carinho e proteção.

- Você não é um monstro – ela estendeu a mão e jogou os cabelos dele para trás, então, olhou para o outro lado. Ela se sentiu envergonhada de repente. Ela e Max nunca haviam tido se quer uma única conversa simples, e agora os dois meio que falaram tudo.

- Nós precisamos descobrir o que fazer sobre o Valenti – ela disse rapidamente – Kyle vai fazer ele suspeitar cada vez mais de você e Liz. E ele não vai desistir até achar a verdade... sobre todos nós.

- Eu acho que tenho uma idéia sobre o que fazer primeiro – disse Max – Deixa eu te dar uma carona até sua casa, e te conto sobre ela. Tudo bem, pote de ervilha?

Maria sorriu para ele, um sorriso todo eu-serei-sua-melhor-amiga.

- Tudo bem.

*** 14 ***

- Max, você está ciente de que vivemos em Roswell, não em Los Angeles? – perguntou Isabel – Isso é um pouquinho “woo-hoo”, não?

- Vamos apenas começar – disse Liz.

Max olhou ao redor para Isabel, Michael, Alex, Maria e Liz. Eles estavam em círculo no meio da caverna, todos parecendo desconfortáveis.

- Eu acho que todos deveríamos dar as mãos – disse Max.

- Ah, por favor – resmungou Isabel.

- Me diz de novo por que estamos fazendo isso? – perguntou Michael. Ele soava como se fosse um garoto de cinco anos que precisava tirar um cochilo.

- Estamos fazendo isso porque antes de nós aparecermos com um plano sobre como lidar com o Valenti, temos que saber se podemos confiar um no outro – explicou Max – Parece que vamos entrar numa batalha... e temos que saber quem estará nos dando cobertura.

Alex pôs seu braço sobre os ombros de Michael.

- Eu tenho total fé nesse Power Ranger – Michael o afastou, mas Max percebeu que Michael não pode conter um traço de sorriso passar pelo rosto dele.

Max balançou a cabeça. Michael e Alex haviam descoberto que eles compartilhavam o mesmo senso de humor. Se passassem muito tempo juntos a coisa podia ficar pior.

- Se nós dermos as mãos, eu acho que posso ser capaz de fazer uma ligação entre nós... do mesmo modo que faço quando curo – explicou ele.

Isabel suspirou em voz alta.

- Ele não vai se calar até a gente fazer isso – ela agarrou os dedos de Max e os apertou o mais forte que pôde. Sua irmã não era muito fácil de aceitar as coisas. Mas ela era a grande razão para Max querer tentar fazer uma conexão em grupo. Isabel precisava de um impulso para permitir que ela comece a acreditar nos humanos.

Max estendeu as mãos para Alex. Ele estava meio que feliz por Liz não estar ao seu lado. Ficar tocando nela poderia ser difícil se concentrar no resto do grupo. Quando ele estava perto dela, era difícil ele se concentrar em alguma coisa, ou alguma outra pessoa.

Ele suspirou profundamente e começou a procurar uma maneira, uma maneira de se conectar.

Liz mal podia acreditar que eles todos estavam em uma sala... bom, meio que uma sala, uma sala de uma caverna... juntos. Quando ela apareceu, ela quase desejou ter um detector de metais para poder checar as armas de todos. Embora isso não fosse realmente funcionar com alienígenas, porque eles basicamente carregam as

armas deles em suas próprias cabeças.

E agora, agora eles estavam todos de mãos dadas. Parecia o final de “O Grinch”, quando todos da família Who desceram até a Whoville e cantaram a canção de boas vindas ao Natal. A canção que fez o coração do Grinch crescer.

“Espero que isso funcione no coração de Isabel”, pensou ela. Mas essa não era a atitude certa para entrar nisso. Liz inspirou profundamente e tentou esquecer todos os pensamentos, do mesmo jeito que ela fez quando se conectou à Max. Ela imaginou todos os pensamentos ruins e prejudiciais indo embora, se tornando sem importância.

E então ela escutou a música.

Isabel reconheceu as notas que ecoavam pelas paredes da caverna. Eram as canções das órbitas dos sonhos. Ela podia escolher um tom de cada uma das órbitas na música.

O som de cada órbita sozinho era bonito. Mas todos os sons juntos... Isabel deixou a música entrar por ela. Não tinha nenhuma chance de alguém ouvir e ficar com medo ou com raiva. A música tirou do lugar todas as suas emoções negativas, a preenchendo com um sentimento de paz, justiça.

“A música não tocava daquele jeito se houvesse alguém ali querendo machucá-la, ela percebeu. Ela ouviu a nota alta da órbita de Maria tocando seguindo a nota mais baixas da órbita do sonho de Isabel. “Eu acho que isso significa que eu vou ter que ser amiga dela ou algo assim”, ela pensou. E cruzando a órbita, ela surpreendeu-se com Maria sorrindo para ela.

Maria desejou que pudesse ficar ali para sempre, ouvindo a música. Não, ouvindo não. Sentindo. A música a lavou como uma onda, jogando fora todo o lixo. Os pensamentos sobre o teste que ela teria amanhã, a raiva dos pais dela em relação ao divórcio, e principalmente, o medo quem ela sentia de Isabel.

“Ela estava com tanto medo quanto eu”, pensou Maria de repente. Esse pensamento simplesmente apareceu em sua cabeça, e ela sabia que era verdade. Uma imagem passou por sua cabeça de Isabel no canto da caverna, aterrorizada pelo medo de Valenti ir até ela. Maria sentiu uma onda de simpatia. Era tudo uma atuação. Todas as ameaças de Isabel eram apenas para esconder o quão assustada ela estava. “Ela nunca iria me machucar”.

Maria sentiu o cheiro de cedro no ar. Não, não era só cedro, cedro e ylang-ylang. E canela. E amêndoas. E eucalipto. E rosas.

“É como se a música estivesse produzindo o perfume”, ela pensou. Então ela percebeu a verdade. Tudo isso está vindo de nós.

Michael se inclinou com os pés. A música e os cheiros o estavam deixando um tanto quanto zozzo. Ele precisava sair. Ele precisava ficar sozinho por um minuto. Estava muito instenso aqui.

O plano de Max funcionou. Michael estava convencido que nenhum deles era perigoso. Então será que dá pra terminar? Ele não sabia sobre o resto deles, mas ele não gostava de estar ali com seu estômago rodando. Era como ele sentia. Ele encarou Max, tentando sinalizar para ele que estava na hora de quebrar a conexão.

Enquanto ele olhava, a aura de Max começou a brilhar e cintilar. Era como um líquido esmeralda. Não era recheada de muitas emoções. Era uma amostra cem por cento pura de quem era Max.

Michael sentiu sua ansiedade começar a desaparecer enquanto ele se perdia na cor. Ele vislumbrou algo brilhando na sua esquerda. Ele se virou e viu que a aura de Maria começava a brilhar também, o azul de lago da montanha.

Ele deu uma olhada no círculo, captando a roxo intenso da aura de Isabel, o âmbar quente da aura de Liz, o laranja brilhante da aura de Alex, e sua própria aura da cor castanha. “A gente tá realmente parecendo um arco-íris”, ele pensou. E ele riu. Ele sentiu os outros rindo com ele.

“Isso é que nem um evento multimídia”, pensou Alex. Ele tentou achar uma palavra para a mistura de cores, músicas e fragrâncias, mas nenhuma parecia certa. O que ele estava sentido ia muito além do idioma.

Alex nunca havia se sentido tão conectado a outras pessoas, tão aceito. Ele não tinha muitos amigos que o conheciam desde criança, amigos como Liz e Maria eram amigas. Ele trocava de escola tantas vezes que raramente fazia um amigo se quer. E seus irmãos eram todos mais velhos e tão diferentes. Ele sempre se sentiu meio que diferente em volta deles.

Talvez isso é como alguém se sente quando se vive numa única cidade por toda a vida.

Ele sempre quis ter uma casa num lugar onde todos o conhecessem.

Max lentamente soltou as mãos de Alex e Isabel, fazendo com que a conexão parasse.

- Uau – Alex murmurou – Tudo que posso dizer é uau.

- É – concordou Maria – Uau.

- Eu acho que finalmente sei como meu pai se sente num show dos Grateful Dead - disse Liz a eles.

- Se a gente pudesse fazer isso em forma de pílula, a gente poderia virar os chefões da droga e fazer um bilhão – adicionou Michael.

- Obrigada, Max – Isabel falou baixinho.

- Então eu acho que agora que sabemos que podemos confiar em todos aqui – a conexão deixou Max calmo e super alerta ao mesmo tempo. Ele se sentia preparado para enfrentar Valenti – Alguém tem alguma idéia sobre como vamos lidar com o xerife?

- Na verdade – respondeu Michael – Tenho.

*** 15 ***

- Todo mundo sabe o que é pra fazer, né? – perguntou Max. Em menos de uma hora, se tudo sair como planejado, Valenti estará fora da vida deles para sempre.

- Eu treinei no chuveiro – disse Maria a ele.

- Nós já ensaiamos umas mil vezes, papai – respondeu Isabel – Será que podemos entrar para o baile? Eles estão quase anunciando a rainha do baile, e eu quero estar lá para agir como se estivesse surpresa e feliz.

- A gente sabe o que fazer – concordou Alex – Vamos. A gente não quer que Isabel perca seu grande momento, né, Michael?

- É. Isso seria horrível – disse Michael.

Max sentiu uma fragrância de Jasmin enquanto Liz passava por ele. Ele a seguiu pelo estacionamento até a ginásio. Ele tentava não a encarar, mas ela estava tão linda naquele vestido. Pernas longas, ombros suaves e cabelo preto brilhante. O material verde do vestido dela estava deixando ele louco. De primeira vista, parecia quase transparente, como se desse para ver através dele. Mas não era realmente transparente porque tinha uma certa lineação sob ele.

Ficar perto de Liz era uma tortura. E tinha ficado muito pior agora que ele a havia beijado. Era ruim o suficiente quando ele costumava olhar para ela e imaginar como seria tê-la em seus braços. Mas agora que ele já sabia, isso o estava deixando louco. Ele desejou saber o que ela pensava sobre aqueles momentos no estacionamento. Ele sentia como se todas as sensações estivessem tatuadas em seu cérebro. Mas ela pode ter esquecido tudo aquilo. Talvez tudo o que ela se lembre é que foi um ótimo modo de se livrar de Kyle.

- Eu tenho que dizer, eu tô tão impressionado com as decorações – disse Alex - Foi muito ousado usar papel crepe amarelo e marrom e grandes folhas de outono no baile de homecoming.

Michael bufou.

- Alguém viu Stacey Sheinin? – perguntou Isabel. Ela levantou o pescoço, tentando ver as pessoas na frente deles.

- Ela tá bem ali, se comprimindo entre os dois jogadores de futebol americano – respondeu Maria.

Isabel se aproximou de Maria.

- Ah, é. Agora estou vendo. Eu quero ter uma visão da cara dela quando me anunciarem rainha do baile esse ano.

- Okay, o momento que todos vocês esperavam – Chamou a Sra. Shaffer no palco na frente da quadra. O microfone chiou e ela recuou – O rei e a rainha do baile desse ano são... Liz Ortecho e Max Evans.

Isabel parou em meio a um grito.

- Quê? – choramingou ela.

- Sobe lá – exclamou Maria. Ela empurrou Max.

- Vamos – Liz parecia tão surpresa quanto Max. Ela pegou a mão dele e o levou até o palco. A Sra. Shaffer estava lendo os nomes da corte deles, mas Max não podia se concentrar. Como foi que isso aconteceu? Ele podia entender porque Liz havia ganhado. Liz era a menina mais bonita da escola, além do que ela era muito popular, definitivamente fazia parte da elite... só fazia sentido os votos dela. Mas quem votaria nele?

Ele subiu os degraus e caminhou em direção a Sra. Shaffer. Todo mundo na quadra estava batendo palmas e assobiando. Ele pôde ouvir Michael e Alex assobiando mais alto do que qualquer um. Eles devem estar amando isso. Não é como se qualquer cara quisesse ser o rei do baile.

A Sra. Shaffer entregou a Liz um buquê de rosas e colocou uma tiara, dessas de lojas de presentes, em sua cabeça. Max se abaixou para que ela pudesse colocar a coroa nele. Liz beijou o rosto de Max e ele pode dizer que ela estava tentando não sorrir, pelo modo como os lábios dela estavam tremendo.

Alguma música romântica começou a tocar, e um refletor foi posto em Liz e Max, deixando-o sem enxergar.

- A gente deveria dançar.

Max pulou para fora do palco e estendeu as mãos para Liz. Ela deixou que ele a tirasse do palco para a pista de dança. Ele se sentiu meio que estranho. Ele adoraria dançar uma música lenta com Liz sozinhos, ou mesmo no meio da multidão. Mas todo mundo havia feito um círculo no centro do ginásio, então eles não dançariam sozinhos.

Liz colocou suas mãos em volta do pescoço dele, e o corpo dela roçou no de Max. Max sentiu como se houvesse carbonatado em seu sangue, estalando e efervescendo nas suas veias. Ele colocou as mãos na cintura dela. Ele não tentou a puxar para mais perto. “Somos amigos”, ele disse a si mesmo.

- Eu me senti meio que congelado lá em cima – disse ele. Ele achou que o ajudaria fazer esse lance de conversa de amigo – Sabe, que nem um urso polar no zoológico. Todas aquelas pessoas me observando.

Liz deu risadas.

- Por quê?

- Porque eu sempre fui o cara calado – respondeu Max – Se um total desconhecido pode se tornar rei do baile, tem que ser uma piada, certo?

- Você não é um urso polar – sorriu Liz – Você é tão lindo que poderia estar no Baywatch ou algo assim – ela respondeu.

- Todo mundo ainda pensa que sou um estranho – Max sabia que era verdade, mas ele não ligava.

- Eles acham que você é calado – Liz começou a brincar com os cabelos de sua nuca.

“Espera”, pensou Max. “O que era isso? Uma garota que queria ser amiga brincava com seu cabelo desse jeito?”

- Eu estava pensando que a gente deveria se beijar. As pessoas estão esperando por isso... visto que somos rei e rainha e tudo o mais – disse Liz. Ela soava como se estivesse meio que provocando.

Max não podia acreditar que isso estava acontecendo. Liz Ortecho...

- Se você realmente acha de deveríamos – disse ele grato por conseguir falar alguma coisa.

Ele abaixou a cabeça e tocou seus lábios contra os de Liz. Os lábios de Liz se abriram, chamando-o, pedindo o beijo deles. Max manteve seus olhos abertos. Se ele os fechasse, iria parecer que era um sonho.

- Talvez eu esteja precisando de lentes de contato – disse Staceu a Isabel – Porque eu não estou vendo você lá em cima.

- Você também não está lá – disse Tish em defesa de Isabel.

Isabel sentia como se tivesse entrando num universo paralelo. Seu irmão acabou de ser eleito rei do baile, e Isabel havia ficado de lado. Alô... o que estava errado neste cenário?

- Eles estão tocando nossa música.

Isabel olhou por trás de seu ombro e viu Alex atrás dela. “Hun-hun”, pensou ela. “Vá embora, baixinho, eu não tô boa.”

- Eles estão tocando nossa música – repetiu ela, zombando de Alex – Você é o preparador do teste para fazer parte de Barco do Amor?

- Ai – respondeu Alex – Não me diga que não você não se lembra que estava dançando comigo bem aqui nesse ginásio ao som dessa música.

“Por que ele está perguntando se eu me lembro de algo que aconteceu somente no sonho dele? Ele é um idiota? Ou ele esteve conversando com Michael?”, ela pensou de repente.

Ela percebeu que Stacey e Tish estavam escutando a conversa sem nem se incomodarem em fingir que não estavam ouvindo.

- Certo. Vou dançar com você.

- Sua humilde escrava do amor, obrigado – respondeu Alex. Ele a puxou com força para perto dele.

- Você ouviu isso? – perguntou Isabel. Ela pensou que Alex sairia do ginásio se fizesse graça dele.

- É, ouvi – disse Alex – Eu também ouvi como você gosta de entrar nos sonhos das pessoas e fazer joguinhos com elas.

- Eu vou matar o Michael.

- Você não quer saber por que seu plano não funcionou primeiramente? –perguntou Alex.

Isabel estreitou os olhos para ele.

- Que plano?

Alex traçou a linha da parte de trás do vestido dela com os dedos. Ela sentiu um pequeno arrepio passar por ela, mas se recusou a se distrair.

- Que plano? – repetiu.

- Projeto Rainha do baile – respondeu Alex. Seus dedos subindo, deslizando embaixo dos cabelos dela e friccionando a parte de trás do pescoço dela.

Isabel sentiu como se tivesse perdendo a habilidade de pensar. Mas ela se forçou a se concentrar.

- Você deveria votar em mim. Todo garoto do colégio deveria votar em mim.

Alex se inclinou e sussurrou no ouvido dela:

- Tenho certeza que teriam votado... se Michael e eu não tivéssemos ido com o contra-ataque. Ele foi até todos os sonhos dos garotos e mostrou o outro lado de Isabel Evans.

Isabel o afastou e o encarou.

- E o que isso significa?

- Vamos apenas dizer que a maioria dos rapazes acham que ver a rainha do baile mexendo no nariz é meio broxante.

Isabel ficou sem fala.

Alex continuou a sorrir para ela.

Ele não fez isso. Ele fez! Isabel pensou em dar um ataque de raiva. Mas ela estava descobrindo que Alex tinha mãos realmente muito boas... e ela meio que queria ver o que ele faria com elas depois.

Isabel fuzilou Michael com os olhos. Então ela descançou a cabeça no ombro de Alex e fechou os olhos. Michael sorriu. Era bom para Izzy colocá-la no lugar dela de vez em quando.

E aquela noite que ele saiu para se divertir com o Alex foi realmente divertida. Eles passaram por todos os sabores de salgadinhos – Michael havia colocado os dele em calda de chocolate, enquanto eles iam tendo novas idéias de imagens realmente grotescas de Isabel para colocar nos sonhos dos rapazes.

Eles haviam bolado o plano de estratégia na caverna, não em suas casas, porque acontecia de o pai de Alex ser bem irritante também.

- Max e Liz ficam lindos juntos – disse Maria – Ele tem toda essa coisa de louro viking e ela essa coisa de cabelos e olhos pretos – supirou Maria – Isso não é romântico?

- Então, um cara é tipo um acessório ambulante? Vocês apenas escolhem um que fique bonito com seu cabelo? É isso? – provocou ele – Porque se for, você deveria estar dançando comigo. Eu tenho o cabelo preto e você é quase loura o suficiente para ser viking. Eu posso com certeza imaginar você naqueles capacetes de honra.

Ele a puxou para dançar. Ela cheirava bem. Doce, que nem baunilha.

- Tem certeza que não sou inocente demais pra você?

Michael a encarou.

- Do que você tá falando?

- Naquele dia na casa do Max. Você disse que eu era inocente demais para saber todos os modos que Valenti usa para fazer alguém falar.

- Você faz parecer que eu te chamei de algo terrível – Michael não havia entendido.

- Inocente é tipo fofinho – insistiu Maria – Uma palavra que você usa para gatos.

- Bom, eu odeio ter que te falar isso – disse Michael – Mas eu acho você fofinha também.

Michael a trouxe para mais perto e descansou seu rosto na cabeça dela. Ele a ouviu dar um pequeno suspiro e se apertar ainda mais contra ele. Que nem um gatinho, ele pensou, um gatinho bonitinho, macio, quente. Mas ele não se importou em falar isso para ela.

Ele deu uma olhada no relógio. Faltam cerca de vinte minutos para começarem o plano. Ele sentiu sua barriga ficar tensa.

- Você está bem? – murmurou Maria.

- Tô – ele se deixou relaxar no azul cintilante da aura de Maria. É, ele estava bem. Porque não importa o que aconteceu, ele não enfrentaria sozinho.

A conexão que Max criou entre os seis na caverna havia sido completamente quebrada, e mesmo que fizesse dois dias, ele ainda podia sentir os outros ao redor dele. Era como se ele finalmente tivesse uma família. E ele iria fazer o que quer que fosse para protegê-los, proteger a todos eles.

*** 16 ***

Maria escaneou o ginásio cuidadosamente. Onde estava Kyle Valenti? Ela tinha que encontrar Kyle agora.

Ela o localizou perto do palco e correu em direção a ele, afastando as pessoas que estavam no caminho.

- Kyle, chame seu pai! Alguém esfaqueou Alex no pescoço. Ele está lá fora no estacionamento. Rápido!

Kyle não disse uma palavra. Ele se virou e fez o caminho em direção ao orelhão na parede de trás.

Metade das pessoas no ginásio tentavam chegar às portas duplas que levavam ao estacionamento.

- Por aqui - Liz apareceu ao lado de Maria. Ela agarrou a mão de Maria e a puxou para o lado de fora. Elas correram pelo Hall, seus passos ecoando no prédio vazio. Elas empurraram com tudo a porta da entrada principal e correram pelo estacionamento.

- Nos deixem passar - implorou Maria. Ela e Liz se espremeram pelo caminho cheio de pessoas se amontoando ao redor de Alex. Ele sentou no chão com uma expressão de torpor em seu rosto.

- Eu pensei que você tivesse dito que ele havia sido esfaqueado – choramingou Liz.

- Ele foi – insistiu Maria. Mas não tinha nenhum ferimento na garganta de Alex. E o sangue na pele dele, começava a secar.

-

Quero todos vocês de volta ao ginásio – uma voz alta ordenou. Maria não precisou olhar para saber que era o Xerife Valenti – Agora – ele gritou.

- Acho melhor a gente voltar – disse Liz – Você vai ficar OK? – ela perguntou a Alex.

- Sim. Vão.

Valenti abriu caminho através da multidão.

– Você quer me dizer o que está acontecendo? – ele perguntou a Alex – Fui noticiado que você foi esfaqueado, mas obviamente não foi isso o que aconteceu.

Alex se levantou e se encostou no carro mais próximo. Suas pernas um pouco fracas.

- Eu vim para fora porque dentro do ginásio estava muito quente. Algum cara chegou por trás de mim e me disse pra eu passar a carteira. Eu disse a ele pra esquecer.

Valenti fez uns círculos com a mão. Ele obviamente queria que Alex fosse ao ponto mais rápido.

- A próxima coisa que sei era que eu estava no chão – disse Alex rapidamente – Ele me derrubou, eu acho. E aí, eu vi uma faca. O cara me acertou na garganta. Isso é tudo que me lembro. Talvez eu tenha apagado ou algo assim.

- Você quer explicar porque você não está morto? – perguntou Valenti – Existem muitas veias e artérias na garganta e você não está nem sangrando.

- Eu não sei. Eu acho que o cara só me bateu. Talvez eu desmaiei com medo. Bastante humilhante – respondeu Alex.

Valenti virou a lanterna para o rosto de Alex, o estudando por um longo momento. Então ele moveu a lanterna para baixo, na garganta dele.

- Você quer me contar o resto da história? – perguntou Valenti.

“Ele viu a marca”, pensou Alex. Ele viu a impressão prateada da mão.

- Eu te disse que não me lembro – respondeu Alex. Ele desejou poder ver os olhos de Valenti. Quem usa óculos de sol a noite?

- Você se lembraria mais se eu o levasse ao meu escritório? Nós podemos ir para lá e ter uma longa e boa conversa – disse Valenti.

- Você não vai acreditar em mim, certo? Qual o objetivo de te dizer? – choramingou Alex.

Valenti não respondeu. Ele apenas encarou Alex por trás de seus óculos.

Alex engoliu em seco.

- Certo. Foi isso o que aconteceu. Então ele correu porque ele viu alguém entrar no estacionamento. Esse outro cara veio até mim e colocou sua mão no buraco em meu pescoço, e eu... eu apenas apaguei. Então você vai me levar pra uma clínica de doido agora?

- Como esse outro cara parecia? – perguntou Valenti.

- Eu não sei. Digo, eu estava morrendo de sangrar. Isso meio que tomou completamente a minha atenção – Alex podia dizer que Valenti não havia gostado de sua resposta, mas ele não forçou.

- E o carro... o que ele estava dirigindo? – exigiu Valenti. Alex olhou para o chão, pensando.

- Era uma velha pickup verde. Eu vi quando ele pulou nela. Ele virou a esquerda, rumando para fora da cidade, eu acho. Mas você não devia estar me perguntando sobre o cara que tentou me matar?

- Depois – Valenti se virou e caminhou rapidamente para o carro. Ele entrou e fechou a porta com um suave clique, então tirou o carro do estacionamento e virou a esquerda. Seguindo em direção ao caminhão verde.

“O que foi que eu acabei de fazer?”, pensou Alex.

Max ouviu a sirene alta atrás deles. Ele deu uma olhada para Michael.

- Valenti – disseram os dois juntos.

- Vamos ver o que essa belezinha pode fazer – disse Michael.

Max tentou se concentrar ainda mais. Ele podia ver as moléculas que faziam parte do velho caminhão girar ao redor dos dois. Ele as afastou para frente... sem deixá-las se romper... movendo o caminhão a frente com sua mente.

- Você vai me ajudar a empurrar, né? – perguntou Max.

- Não, só tô aqui pela carona – respondeu Michael – É claro que vou te ajudar a empurrar.

Max deu uma olhada no retrovisor. Ele podia ver as luzes do carro de Valenti ao longe.

- Bom, empurre pra valer. Ele está chegando perto – se eles não conseguirem empurrar o carro para o Lago Lee antes do Xerife vê-los, estava tudo acabado.

Max sabia que com medo era mais difícil mover o carro. Ele tomou dois fôlegos, o cheiro de sal e minerais do lago entrou pelo seu nariz. Ele se concentrou completamente nas moléculas, as empurrando para frente.

O caminhão balançou e chacoalhou enquanto eles aumentaram a velocidade para poder olhar melhor. Max deu uma olhada rápida no retrovisor. “Tudo bem”, ele pensou.

- Certo. Vamos fazer isso – gritou Michael.

Max abriu a porta do lado dele. Ele ouviu a porta ao lado de Michael abrir ao mesmo tempo. O chão passando rápido o fez se sentir enjoado.

- Não olhe pra baixo – ele gritou para Michael... e então pulou.

Ele sentiu uma forte dor no cotovelo quando bateu no chão. Ele ignorou a dor. Ele tinha que se concentrar em manter o caminhão em movimento. Era mais difícil controlar as moléculas à distância, mas ele deu um último empurrão com sua mente. O caminhão bateu no muro e caiu dentro do Lago Lee com um grande Splash.

Michael correu e ajudou Max a se levantar. Valenti iria aparecer a qualquer segundo... e eles teriam que estar fora da vista dele.

- Que sorte a gente tem de sobreviver a cair num lago sem fundo, né? – perguntou Michael enquanto os dois saiam.

Max não respondeu. Ele estava guardando a respiração para a corrida. Ele correu de volta para a cidade até que sentiu que seus pulmões estavam pegando fogo, então ele diminuiu para uma leve corrida.

- Já tá cansado? – perguntou Michael. Mas Max podia ver o amigo sem fôlego.

- Pensei que pudesse te dar uma chance pra respirar – respondeu Max. Eles mantiveram o passo da corrida por todo o caminho de volta ao estacionamento da escola.

Antes dos dois entrarem no ginásio, Max correu os dedos pelos seus cabelos e tirou a areia de sua calça e blusa. Sua jaqueta esconderia sua blusa molhada de suor. Ele limpou a testa com a manga da roupa.

- Ohh, quer parecer bonito pra Liz? – perguntou Michael.

Max tirou a sujeira das costas de Michael.

- Nós queremos que todo mundo pense que estivemos aqui o tempo inteiro, lembra?

– ele fez o caminho até o ginásio. Em dois segundos Liz, Isabel, Maria e Alex se amontoaram ao redor deles.

- Então, funcionou? – perguntou Liz

- Agora mesmo Valenti deve estar na beira da ponte, chorando pelo alienígena que foi embora – respondeu Michael.

- Boa – disse Alex.

Max podia ver alívio e alegria girando nas auras deles. A conexão entre os seis era tão forte que as pontas de suas auras se misturavam, formando um anel brilhante e colorido ao redor de todos.

- Nós conseguimos – disse Max – Foi preciso cada um de nós, mas conseguimos.

Liz sabia que estava encarando Max, mas ela não podia evitar. Ela precisava ficar se lembrando que ele estava realmente bem. Se Valenti o tivesse pego lá no deserto, ela podia nunca mais vê-lo novamente. Um mundo sem o Max. Não era o lugar que Liz queria viver.

Max se aproximou dela.

- Você quer tomar um ar? – perguntou ele no ouvido de Liz.

- Você leu minha mente – respondeu Liz. Ela não podia esperar para estar sozinha com Max – Voltamos num instante – ela disse aos outros.

- À vontade – respondeu Maria. Michael sorriu.

“Eu acho que todo mundo percebeu que a gente estava se olhando muito na pista de dança”, pensou Liz enquanto os dois caminhavam para o lado de fora. “Mas e daí?” Ela não ligava para quem sabia o que ela sentia por Max. Ela não sabia exatamente quando isso aconteceu... será que foi quando os dois estavam sentados juntos no santuário dos pássaros e ele lhe contou sobre a infância dele, ou quando ele a deixou se conectar a ele, permitindo que ela tivesse acesso a seus pensamentos escondidos, ou quando ela viu o verde da aura dele na caverna e sentiu a profunda e pura bondade dele ou talvez o observando curar o ratinho da maneira que ele curou... mas, de alguma forma, de algum modo ela havia se apaixonado por ele.

Max fez o caminho até os bancos da quadra e eles se sentaram um ao lado do outro. Liz esperava que ele a beijasse novamente, ou ao menos segurasse sua mão. Mas ele se manteve encaram o chão, sua expressão séria.

- Tem alguma coisa errada? – ela perguntou – Você está preocupado que Valenti possa não acreditar que o alienígena que ele está procurando está morto?

- Não, Michael fez um ótimo plano. Acho que funcionou. Valenti nunca vai poder

recuperar aquele caminhão, então, ele nunca vai saber que não havia ninguém dentro – respondeu Max, mas ele ainda não olhava para ela.

Liz estendeu a mão passou os dedos no pescoço de Max.

- Eu só preciso tocar em você. Preciso ter certeza que você está realmente de volta. Eu estava tão preocupada com você.

Ela inspirou profundamente. Ela tinha que dizer a ele como ela se sentia em relação a ele.

- Somos amigos há tanto tempo que acho que eu meio que nos deixei nessa condição. Eu sabia que você era inteligente. Sabia que você era um ótimo garoto, que você estava sempre pensando nas outras pessoas. Se lembra quando você costumava escolher a Maria para entrar no time do softball toda vez?

Max concordou com a cabeça. “Mas às vezes parecia desligado”, pensou Liz. Ele parecia distraído, distante. É claro que ele está distraído. Ele acabou de arriscar a própria vida para manter Valenti afastado de todos nós.

Liz decidiu continuar. Iria ser muito difícil começar essa conversa novamente.

- Enfim, eu soube todas essas coisas sobre você, mas eu nunca pensei como eu me sentiria se você não estivesse por perto. Eu me sentiria mal. Bom, claro que me sentiria mal. Por que isso é tão difícil? – Liz parou e fechou os olhos por um momento – Me deixe apenas chegar ao ponto. Amo você, Max.

“Chega de falar”, ela pensou. Ela o olhou. Parecia uma eternidade desde que os dois se beijaram. Ela precisava sentir os braços dele ao redor dela.

Max se levantou e enfiou as mãos nos bolsos.

- O plano de Michael funcionou – ele disse repetindo para si mesmo – Mas eu sempre estarei em perigo. Sempre haverá alguém lá fora querendo me caçar... Valenti ou qualquer outra pessoa.

Liz se arrepiou com o ar frio da noite. Ela passou os braços sobre ela mesma. Ela sabia que Max a amava também. Ela havia visto nos pensamentos dele, sentido no modo como ele a tocava. O que estava errado? Porque ele estava agindo tão estranho?

- Se você se aproximar muito de mim, você estará em perigo também – disse Max apressadamente – Eu acho... acho que deveríamos continuar sendo amigos. Apenas amigos.

Liz deu um pulo.

- Max, achamos um modo de lidar com Valenti. Fizemos isso juntos... todos nós. Se outra coisa acontecer, se alguma outra pessoa ficar perto de descobrir a verdade, nós lidaremos com isso também – ela disse a ele, sua voz soando tensa e com urgência – Eu amo você. Eu quero ficar com você. Nada mais importa.

Os braços de Max estavam em volta dela antes que ela pudesse dizer outra palavra. Ele enterrou seu rosto nos cabelos dela.

- Não podemos... – ele lamentou. Então os lábios dele encontraram os dela. Eles se beijaram com um longo, apaixonante e carinhoso beijo.

“Ele me ama!”, pensou Liz, feliz. Ele me ama também.

De repente, Max se afastou.

- Não. É mais importante para mim mantê-la a salvo – ele encarou os olhos dela, sua expressão séria – Eu não vou mudar em relação a isso, Liz. É muito importante – ele se segurou. Ele soltou os braços que estavam sobre o ombro dela.

Liz o encarou de volta, seus olhos tão azuis, seu cabelo desarrumado, a linha de seu maxilar. Ela podia dizer que nada que ela falasse podia mudar a decisão dele agora.

Max se virou e caminhou na direção oposta a ela.

Liz se sentiu abalada. Mas ela não iria desistir... não agora que ela finalmente percebeu como se sentia em relação a ele. Ela e Max foram feitos para ficarem juntos, e ela iria arrumar um jeito de provar isso a ele, não importa como.